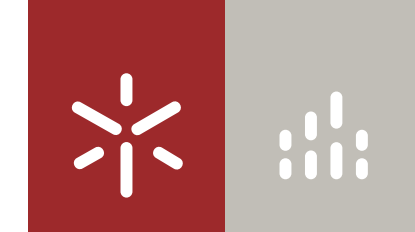


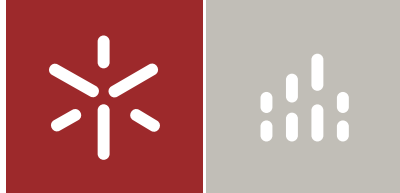


Carla Sofia da Silva Carneiro

A Loggia de S. Tomé de Negrelos:
Absorção e aplicação do referente
renascentista italiano

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Carla Sofia da Silva Carneiro

A Loggia de S. Tomé de Negrelos:
Absorção e aplicação do referente
renascentista italiano

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Arquitectura

Trabalho Efetuado sob a Orientação do
Professor João Cabeleira

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-Não Comercial
CC BY-NC

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Agradecimentos

Ao Professor João Cabeleira pelo acompanhamento e dedicação durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho, mesmo durante este período difícil.

Ao Doutor Álvaro Moreira pelas longas conversas sobre o património concelhio e a disponibilidade demonstrada para ajudar sempre que necessário.

Ao Hélder e ao Rafael por batalharem e caminharem comigo nesta conquista. Obrigada pela ajuda prestada na elaboração desta dissertação, pelo apoio incondicional e incentivo.

Por fim, não sendo possível individualizar, um grande agradecimento a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com a sua ajuda e disponibilidade para que este trabalho fosse possível.

Resumo

A presente dissertação tem por base o reconhecimento e reflexão em torno da Loggia renascentista, sita na freguesia de S. Tomé de Negrelos, pertencente ao concelho de Santo Tirso. A sua construção remonta ao século XVI, no que os dados indicam ao ano de 1545, sendo que à data esta freguesia, pertencente ao concelho de Refojos de Riba D'Ave, era um pequeno aglomerado populacional com características marcadamente rurais.

Esta pequena construção revela a introdução de um novo referente formal e metodológico acerca dos modos de fazer a arquitetura, possivelmente na sequência da ação mecénica do Bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, grande estudioso de arquitetura e teorias clássicas, e que chama a Portugal o arquiteto Francesco da Cremona, autor que formado no meio erudito italiano participou no estaleiro da Basílica de S. Pedro do Vaticano, colaborando com mestres como Bramante e Rafael.

A Loggia encontra-se inserida num conjunto arquitetónico constituído pela Igreja paroquial e pela Capela do Santíssimo Sacramento, datada do início do século XVI, cuja análise serve de enquadramento à Loggia e, simultaneamente, à consideração das profundas transformações ao nível da prática construtiva na primeira metade desse século.

Face ao caso de estudo eleito, a presente investigação visa relatar uma narrativa histórica, morfológica e construtiva do edificado que, no percurso da Loggia de S. Tomé de Negrelos, é desconhecida e desvalorizada, tal como outros imóveis do Património Arquitetónico a nível nacional. Neste sentido, foi necessário levar a cabo um levantamento métrico e fotográfico exaustivo como meio de sustentar a falta de informação documental, permitindo uma leitura e compreensão do construído. A materialização deste registo efetua-se através da conjugação de plantas, alçados, secções e ortoalçados, possibilitando o desenvolvimento de uma linha temporal do edificado, que conduz a um conjunto de hipóteses e especulações relativas ao modo de pensar e desenhar na génese desta obra.

Com este estudo, além de se criar um registo sobre a Loggia de Negrelos, contribui-se, por um lado para a ampliação do conhecimento na introdução do Renascimento no Norte de Portugal, e por outro, documentar e fundamentar a sua validade patrimonial, permitindo encetar outros estudos do edificado classificado e não classificado no concelho de Santo Tirso, recorrendo à metodologia aqui ensaiada.

Abstract

This dissertation is based on the recognition and reflection around the Renaissance Loggia, located in the village of S. Tomé de Negrelos, Santo Tirso. Its construction dates of the sixteenth century, around 1545, which belonged to the municipality of Refojos de Riba D'Ave, being a small population cluster with rural characteristics.

This small construction reveals the introduction of a new formal and methodological reference about the ways of making architecture, which was possibly introduced with the patronage of the Bishop of Viseu, D. Miguel da Silva, researcher of architecture and classical theories, that brought to Portugal the architect Francesco da Cremona. This author, trained in the Italian environment, worked with great masters such as Bramante and Raphael in the construction of the Basilica of St. Peter's in the Vatican.

The Loggia is inserted in an architectural complex consisting of the Church and the Chapel of the Blessed Sacrament, dating from the early sixteenth century, whose analysis is important to understand the context of the Loggia and, simultaneously, to interpret the changes in construction practice in the first half of that century.

Furthermore this research aims to portraying a historical, morphological and constructive narrative of the building that, in the case of the Loggia of S. Tomé de Negrelos, is unknown and undervalued, as well as other Architectural Heritage in the national context. Thus, it was necessary to make an exhaustive metric and photographic survey to support the lack of documentary information, allowing a thorough understanding of the building. This registry is made through the delineation of plans, sections and photomontages, allowing to trace a timeline of the building, suggesting a set of hypotheses and speculations regarding the way of thinking and designing in the genesis of this building.

Finally, in addition to creating a report of the Loggia of Negrelos, it contributes to increase of knowledge in the introduction of the Renaissance in northern Portugal as well as document and justify its patrimonial meaning, that can promote the initiation of further studies of the classified and unclassified building in Santo Tirso, using the present methodology.

Índice

AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
ÍNDICE	VIII
ÍNDICE DE FIGURAS	X
PREÂMBULO	- 14 -
JUSTIFICAÇÃO	- 14 -
CASO DE ESTUDO	- 15 -
METODOLOGIA E ESTRUTURA	- 17 -
CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO DO CASO DE ESTUDO	- 20 -
1.1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO	- 20 -
1.1.1. D. Miguel da Silva	- 24 -
1.1.2. Francesco Cremona, o mestre italiano	- 28 -
1.2. A TERRA DE NEGRELOS	- 44 -
1.3. APONTAMENTOS HISTÓRICOS LOGGIA RENASCENTISTA DE S. TOMÉ DE NEGRELOS	- 58 -
CAPÍTULO 2. LEVANTAMENTO DO EXISTENTE	- 62 -
2.1. MÉTODO DE LEVANTAMENTO	- 62 -
2.2. LEVANTAMENTO MÉTRICO	- 64 -
2.3. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO	- 98 -
CAPÍTULO 3. DA TEORIA DO DESENHO COEVO À LEITURA DO CONSTRUÍDO	- 108 -
3.1. ANÁLISE DO CONJUNTO ARQUITETÓNICO	- 108 -
3.2. ESTUDO MÉTRICO E PROPORCIONAL	- 147 -
3.3. REFLEXÃO SOBRE O CASO DE ESTUDO	- 166 -
CONSIDERAÇÕES FINAIS	- 188 -
BIBLIOGRAFIA	- 192 -

Índice de Figuras

Figura 1. Áreas de intervenção do mestre Francesco Cremona entre Douro e Ave	p.16
Figura 2. Livro de Óbitos da Paróquia de S. Tomé de Negrelos de 1601, p. 39-40	p.18
Figura 3. Vista geral da Loggia Renascentista	p.19
Figura 1.1. Cronologia síntese da vida e obra de D. Miguel da Silva e enquadramento histórico e social	p.23
Figura 1.2. Retrato de D. Miguel da Silva retirado do quadro Cristo em casa de Marta - Vasco Fernandes, Museu Grão Vasco, Viseu	p.25
Figura 1.3. Capa do livro Il Libro del Cortegiano, edição de 1541	p.25
Figura 1.4. Cristo em casa de Marta - Vasco Fernandes, Museu Grão Vasco, Viseu	p.26
Figura 1.5. Cronologia síntese da vida e obra de Francesco Cremona e enquadramento histórico, social e artístico	p.27
Figura 1.6. Foz do Rio Douro: Farol de S. Miguel-o-Anjo e o forte ao fundo	p.30
Figura 1.7. Farol de S. Miguel-o-Anjo no seu enquadramento inicial e respetiva planta	p.31
Figura 1.8. Inscrição existente na fachada do Farol de S. Miguel-o-Anjo	p.31
Figura 1.9. Farol de S. Miguel-o-Anjo: (a) Alçado nascente (b) Corte nascente-poente, voltado a sul (c) Planta de cobertura (d) Planta da capela/farol	p.32
Figura 1.10. Planta da Igreja Matriz de São João da Foz do Douro	p.34
Figura 1.11. Francesco di Giorgio Martini: Projeto de igreja	p.34
Figura 1.12. Corte de igreja de Francesco di Giorgio Martini, sobreposto à Igreja de São João da Foz	p.34
Figura 1.13. Janela com moldura em formato Tabula Ansata da antiga Igreja de São João da Foz	p.35
Figura 1.14. Exemplo de Tabula Ansata existente no teatro de Leptis Magna, atual Líbia, com inscrições latinas e púnicas	p.35
Figura 1.15. Alçado do templo de Publivio Bibulo, por Francesco di Giorgio	p.35
Figura 1.16. Paço Abacial da Foz	p.37
Figura 1.17. Palácio Contucci (à direita) de António da Sangallo, o Velho	p.37
Figura 1.18. Claustro da Sé de Viseu	p.39
Figura 1.19. Capitel com florão da coluna do Claustro da Sé de Viseu	p.39
Figura 1.20. Pilastra do arco da capela-mor, Foz do Douro, Porto	p.39
Figura 1.21. Fachada principal da Casa do Miradouro	p.40
Figura 1.22. Fachada principal dos Paços do Concelho de Vila do Conde	p.42
Figura 1.23. Fachada principal dos Paços do Concelho de Vila do Conde	p.42
Figura 1.24. Cronologia síntese da freguesia de S. Tomé de Negrelos, Santo Tirso e enquadramento histórico e social	p.43
Figura 1.25. Ortofotomapa alargado do Couto do Mosteiro de Santo Tirso e do conjunto de S. Tomé de Negrelos (Capela tardo-gótica e Loggia renascentista) – Escala 1:25000	p.46
Figura 1.26. Coutos, honras e castelos entre Douro e Ave	p.49
Figura 1.27. Características rurais da freguesia de S. Tomé de Negrelos, mesmo no final do século XX	p.51
Figura 1.28. Localização das principais casas sobradadas da freguesia de S. Tomé de Negrelos	p.52
Figura 1.29. Quinta de Vilela: (a) Vista aérea da Quinta (b) Interior da capela da Quinta	p.54
Figura 1.30. Casa do Paço: (a) Fachada posterior da Casa (b) Pórtico voltado para a Quinta	p.55

Figura 1.31. Quinta de Xisto: (a) Fachada da Casa de Xisto; (b) Fachada da Casa de Xisto	p.56
Figura 1.32. Quinta de Quintão: (a) Entrada da Quinta de Quintão (b) Vista exterior da Casa da Quinta de Quintão	p.57
Figura 1.33. Pedra de Armas da Loggia	p.61
Figura 2.1. Processo do levantamento métrico	p.64
Figura 2.2. Ortofotomapa da implantação do conjunto arquitetónico	p.66
Figura 2.3. Planta de cobertura – Escala 1/200	p.69
Figura 2.4. Planta piso térreo – Escala 1/200	p.71
Figura 2.5. Planta do primeiro piso – Escala 1/200	p.73
Figura 2.6. Alçado sul – Escala 1/200	p.74
Figura 2.7. Alçado oeste – Escala 1/200	p.77
Figura 2.8. Secção AA' – Escala 1/200	p.79
Figura 2.9. Secção BB' - Escala 1/200	p.81
Figura 2.10. Secção CC' - Escala 1/200	p.81
Figura 2.11. Ortoalçado oeste - Escala 1/200	p.83
Figura 2.12. Ortoalçado sul - Escala 1/200	p.84
Figura 2.13. Planta piso térreo (Loggia e Capela) - Escala 1/50	p.87
Figura 2.14. Planta primeiro piso (Loggia e Capela) - Escala 1/50	p.89
Figura 2.15. Ortoalçado oeste (Loggia e Capela) - Escala 1/50	p.91
Figura 2.16. Ortoalçado sul (Loggia e Capela) - Escala 1/50	p.92
Figura 2.17. Ortoalçado BB' - Escala 1/50	p.95
Figura 2.18. Ortoalçado oeste - Escala 1/50	p.96
Figura 2.19. Vista panorâmica da freguesia de S. Tomé de Negrelos	p.98
Figura 2.20. Imagens exteriores da Loggia renascentista e da Capela tardo-gótica	p.100
Figura 2.21. Pormenores do exterior da Loggia renascentista e da Capela tardo-gótica	p.101
Figura 2.22. Representação esquemática dos elementos apresentados na Figura 2.23	p.103
Figura 2.23. Interior da Capela tardo-gótica: (a) Janela entre a Capela e a Loggia; (b) Retábulo do Santíssimo Sacramento e vista parcial da abóbada; (c) Escadas de acesso para o sobrado da Loggia; (d) Pormenor decorativo da Capela; (e) Vista da Capela desde o altar-mor da Igreja; (f) Alçado interior sul da Capela; (g) Alçado interior norte da Capela; (h) Pormenor construtivo no arranque do arco da Capela	p.104
Figura 2.24. Representação esquemática dos elementos apresentados na Figura 2.25	p.105
Figura 2.25. Interior do primeiro piso da Loggia renascentista: (a) Alçado interior oeste da Loggia (pormenor brasão); (b) Entrada de acesso ao sobrado; (c) Alçado interior sul da Loggia; (d) Alçado interior entre a Loggia e a Capela, com pormenor do balcão; (e) Pormenor da janela angular e do teto tipo saia-camisa; (f) Vista para a Capela através do balcão do piso superior da Loggia; (g) Fresta visível no interior do Salão Paroquial da Igreja	p.106
Figura 2.26. Detalhes do exterior e do interior da Loggia renascentista e da Capela tardo-gótica	p.107
Figura 3.1. Planta com as três fases construtivas existentes na atualidade - Escala 1/200	p.110
Figura 3.2. Interior da Capela tardo-gótica	p.113
Figura 3.3. (a) Capela tardo-gótica de S. Tomé de Negrelos (b) Capela dos Coimbras em Braga	p.116
Figura 3.4. Alçado sul da Capela tardo-gótica – janela cruciforme	p.117
Figura 3.5. Alçado sul da Loggia e cunhal da Capela tardo-gótica	p.117

Figura 3.6. Proposta da planta da Igreja do século XVIII sobreposta à planta da Igreja de 1943 – alinhamentos visuais desde a entrada principal e desde o arco da Capela tardo-gótica (Escala 1/200)	p.119
Figura 3.7. Fresta da Capela tardo-gótica vista do Salão Paroquial	p.120
Figura 3.8. Acesso interior à Capela tardo-gótica	p.120
Figura 3.9. Pormenor no arranque do arco	p.120
Figura 3.10. Abóbada de combados e fresta vista do interior da Capela tardo-gótica	p.120
Figura 3.11. Sugestão da representação geométrica evolutiva para a obtenção da abóbada da Capela de S. Tomé de Negrelos, com base nos estudos de SILVA (2009) para a abóbada da capela-mor da Sé de Braga	p.122
Figura 3.12. Abóbada da capela-mor da Sé de Braga	p.124
Figura 3.13. Abóbada da galilé da Sé de Braga	p.124
Figura 3.14. Abóbada da Capela de S. João Baptista da Igreja de S. Francisco no Porto	p.124
Figura 3.15. Abóbada da capela-mor da Igreja Matriz de Vila do Conde	p.124
Figura 3.16. Abóbada e fresta vista do interior da Capela tardo-gótica	p.125
Figura 3.17. Vista exterior da Loggia renascentista	p.127
Figura 3.18. Intercolúnio decorado com enxaquetado	p.130
Figura 3.19. Pormenor do enxaquetado	p.130
Figura 3.20. Fachada principal da Loggia de Negrelos	p.133
Figura 3.21. Fachada principal dos Paços do Concelho de Vila do Conde	p.133
Figura 3.22. Fachada do Paço Abacial do complexo da Foz do Douro	p.133
Figura 3.23. Janela de canto da Casa do Coronel, Arco de Baulhe, Cabeceiras de Basto	p.134
Figura 3.24. Janela de canto do Solar da Sempre Noiva, Arraiolos	p.134
Figura 3.25. Janela de canto da Casa de Soure, Évora	p.134
Figura 3.26. Janela de canto da Casa da Misericórdia, Santarém	p.134
Figura 3.27. Janela angular do piso superior da Loggia de Negrelos	p.137
Figura 3.28. Balaústre	p.137
Figura 3.29. Pormenor do ressalto da pilastra e da janela na fachada principal	p.137
Figura 3.30. Vista da arcada do Templo de Divo Claudio	p.137
Figura 3.31. Janela angular vista do sobrado	p.138
Figura 3.32. Balcão do sobrado aberto sobre a Capela tardo-gótica	p.138
Figura 3.33. Pedra de Armas existente na fachada principal da Loggia renascentista	p.138
Figura 3.34. Fachada principal da Igreja Paroquial de 1943	p.141
Figura 3.35. Pormenor da fachada revestida e decorada a azulejo	p.144
Figura 3.36. Pormenor da torre sineira	p.144
Figura 3.37. Pormenor das colunas existentes na fachada principal	p.144
Figura 3.38. Pormenor da janela	p.144
Figura 3.39. Retábulo-mor de autoria de Pedro Salgado	p.146
Figura 3.40. Alçado sul do edifício da sacristia e Salão Paroquial	p.146
Figura 3.41. Janela da capela-mor visível no interior do salão paroquial	p.146
Figura 3.42. (a) Planta e (b) alçado sul da Loggia e Capela tardo-gótica e métrica de varas - Escala 1/100	p.148
Figura 3.43. Planta da Loggia com a sobreposição de quadrado com círculo inscrito de 4 varas	p.153
Figura 3.44. (a) Códice Laurenziano – centro do corpo humano inscrito no círculo e no quadrado; (b) Códice Torinese – centro do corpo humano inscrito no círculo e no quadrado.	p.153

Figura 3.45. Alçado sul da Loggia – (a) proporção métrica da altura da coluna e (b) proporção métrica do espaçamento entre colunas (escala em palmos) - Escala 1/50	p.156
Figura 3.46. Alçado dos arcos da Sé de Viseu – proporção da altura das colunas	p.157
Figura 3.47. (a) Alçado dos arcos e corte pela galeria do claustro da Sé de Viseu e (b) Planta do claustro – pormenor do canto da arcada da Sé de Viseu – proporção métrica do espaçamento entre colunas	p.157
Figura 3.48. Desenhos e métricas de colunas, capitéis e balaústres seguindo as medidas do corpo humano	p.158
Figura 3.49. Desenhos e métricas de colunas, capitéis e frisos seguindo as medidas do corpo humano	p.159
Figura 3.50. Desenhos e proporções do quadrado	p.160
Figura 3.51. Desenhos e proporções das várias tipologias de colunas	p.161
Figura 3.52. Desenhos e proporções do imoscapo relativamente aos restantes elementos da coluna	p.162
Figura 3.53. (a) Retângulo de proporção áurea aplicado ao alçado sul e (b) aplicação do retângulo de ouro na composição dos eixos das colunas e da proporção da janela angular do piso superior - Escala 1/100	p.164
Figura 3.54. Vista geral do conjunto edificado	p.165
Figura 3.55. Ortofotomapa com as distâncias às principais construções românicas localizadas nas imediações da Igreja S. Tomé de Negrelos (A) B – Mosteiro S. Pedro de Roriz (2km); C – Capela de Santa Maria de Negrelos (3,2km); D – Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho (6km)	p.168
Figura 3.56. (B) Mosteiro de S. Pedro de Roriz	p.169
Figura 3.57. (C) Capela de Santa Maria de Negrelos	p.169
Figura 3.58. (D) Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho	p.169
Figura 3.59. Retábulo-mor do século XVIII na Igreja atual	p.171
Figura 3.60. Fachada principal da Igreja setecentista com a torre sineira – fotografia tirada provavelmente no início do século XX	p.172
Figura 3.61. Planta parcial de projeto de arruamento de autoria do agrimensor José António de Carvalho, do início do século XX, por volta da década de 30	p.172
Figura 3.62. Proposta evolutiva da construção do conjunto edificado desde o século XVIII até à atualidade – Escala 1/200	p.174
Figura 3.63. Planta representativa dos elementos construtivos referentes às diferentes épocas e estilos arquitetónicos que permanecem ainda no conjunto edificado atual – Escala 1/200	p.176
Figura 3.64. Abóbada de combados da Capela dos Coimbras, Braga	p.178
Figura 3.65. Abóbada de combados da Capela tardo-gótica de S. Tomé de Negrelos	p.178
Figura 3.66. Capela dos Coimbras com galilé, em Braga, vista do exterior	p.178
Figura 3.67. Capela tardo-gótica e Loggia de S. Tomé de Negrelos vista do exterior	p.178
Figura 3.68. Fresta na pilastra da Loggia	p.180
Figura 3.69. Acesso ao sobrado da Loggia	p.180
Figura 3.70. Reentrância no sobrado da Loggia	p.180
Figura 3.71. Alçado oeste da Loggia renascentista – (a) Proposta1, (b) Proposta (2) e (c) Proposta 3 - Escala 1/100	p.183
Figura 3.72. Piso inferior da Loggia – porta de acesso à escadaria e Capela tardo-gótica	p.184
Figura 3.73. Proposta de alçados interiores do piso inferior da Loggia - Escala 1/100	p.184
Figura 3.74. Pedras de armas existente na fachada da Loggia renascentista	p.186
Figura 3.75. Alçado interior do sobrado da Loggia	p.186

PREÂMBULO

Justificação

O estudo do património arquitetónico constitui um ponto chave para a compreensão e a preservação dos imóveis classificados, o que, do ponto de vista operativo, permitirá informar e orientar futuras intervenções, mais criteriosas e compatíveis com a sua identidade.

Neste âmbito, o presente trabalho pretende estudar a Loggia de S. Tomé de Negrelos, situada no concelho de Santo Tirso, contribuindo assim para a carência de informação, seja ao nível da sistematização de dados geométricos e levantamento arquitetónico, como de reflexão no âmbito da cultura arquitetónica. Esta carência não tem permitido a devida valorização do objeto em causa, bem como o seu enquadramento na historiografia arquitetónica nacional, ou mesmo europeia.

Para tal, e considerando que a documentação escrita e gráfica, sobre o imóvel em questão é escassa, o trabalho pretende constituir uma monografia sobre a Loggia Renascentista através da recolha de informação histórica, levantamento arquitetónico, fotográfico e de uma análise e interpretação através dos dados recolhidos e intuídos, construindo um estudo cronológico do conjunto com o intuito de compreender o seu desenvolvimento e evolução.

Com esta investigação pretende-se, para além da vontade de compreender o valor desta edificação peculiar e sua linguagem construtiva, considerando sempre o contexto cultural da sua produção, dar uma contribuição para um maior conhecimento do património religioso em Portugal, apresentando uma tipologia que não é muito comum em território nacional, menos ainda em lugares nitidamente de caráter rural.

Caso de estudo

A presente dissertação tem como principal objeto de estudo a Loggia Quinhentista de S. Tomé de Negrelos, situada na freguesia com o mesmo nome no concelho de Santo Tirso.

Apesar da sua localização e da sua reduzida dimensão possui um papel de extrema importância no panorama nacional para a compreensão do estilo renascentista em Portugal, introduzido pela ação mecénica do Bispo D. Miguel da Silva, auxiliado pela prática atualizada do desenho importada pelo arquiteto Francesco Cremona. A par desta, serão ainda analisados alguns elementos relativos à Capela do Santíssimo Sacramento, de estilo tardo-gótico e abóbada nervurada atribuída a João de Castilho, que se encontra contígua à Loggia.

O conjunto arquitetónico pode ser dividido em várias fases. A primeira fase, que se desenvolve desde o século IX até meados do século XV, é atribuída à construção da Igreja Paroquial. A segunda fase corresponde à adição da Capela lateral do Santíssimo Sacramento que poderá ter sido edificada no início do século XVI, desconhecendo-se a traça da igreja à qual foi adossada. A terceira, anos 40 de Quinhentos, refere-se à construção da Loggia Renascentista, contígua à Capela referida acima e na qual incide o estudo. Em complemento, e de modo a entender o conjunto que chega até à atualidade, é possível ainda considerar outras duas fases, uma relativa ao período de oitocentos, com a construção de uma nova igreja paroquial e posterior execução da torre sineira no ano de 1853 no alçado norte, com o propósito de não encobrir a Loggia e a Capela administrada pela família dos Ferreira D'Eça. E uma última fase referindo-se à construção da atual igreja, em 1943, sendo o alçado sul mantido da igreja anterior, apenas se prolongando para este e oeste.

Pretende-se assim, com este estudo dar a conhecer um imóvel que, apesar de classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 33 587, DG, I Série, n.º 63, de 27-03-1944) e ser um marco histórico de grande importância na Vila, tem vindo a cair no esquecimento da historiografia. Deste modo, a grande motivação para o desenvolvimento deste trabalho deve-se ao interesse pessoal sobre o Património e a História da Arquitetura que se foi adquirindo durante a Licenciatura em Arquitetura (2001-2007) e, posteriormente, durante o percurso profissional no Gabinete de Património e Arqueologia da CMST (2014 até à atualidade). A importância deste trabalho pode ainda ser atestada pelo interesse no estudo deste imóvel realizado numa unidade curricular de 3º ano, História da Arquitetura III, do Mestrado Integrado em Arquitetura. A realização deste trabalho foi apenas conhecido durante o decorrer desta investigação.

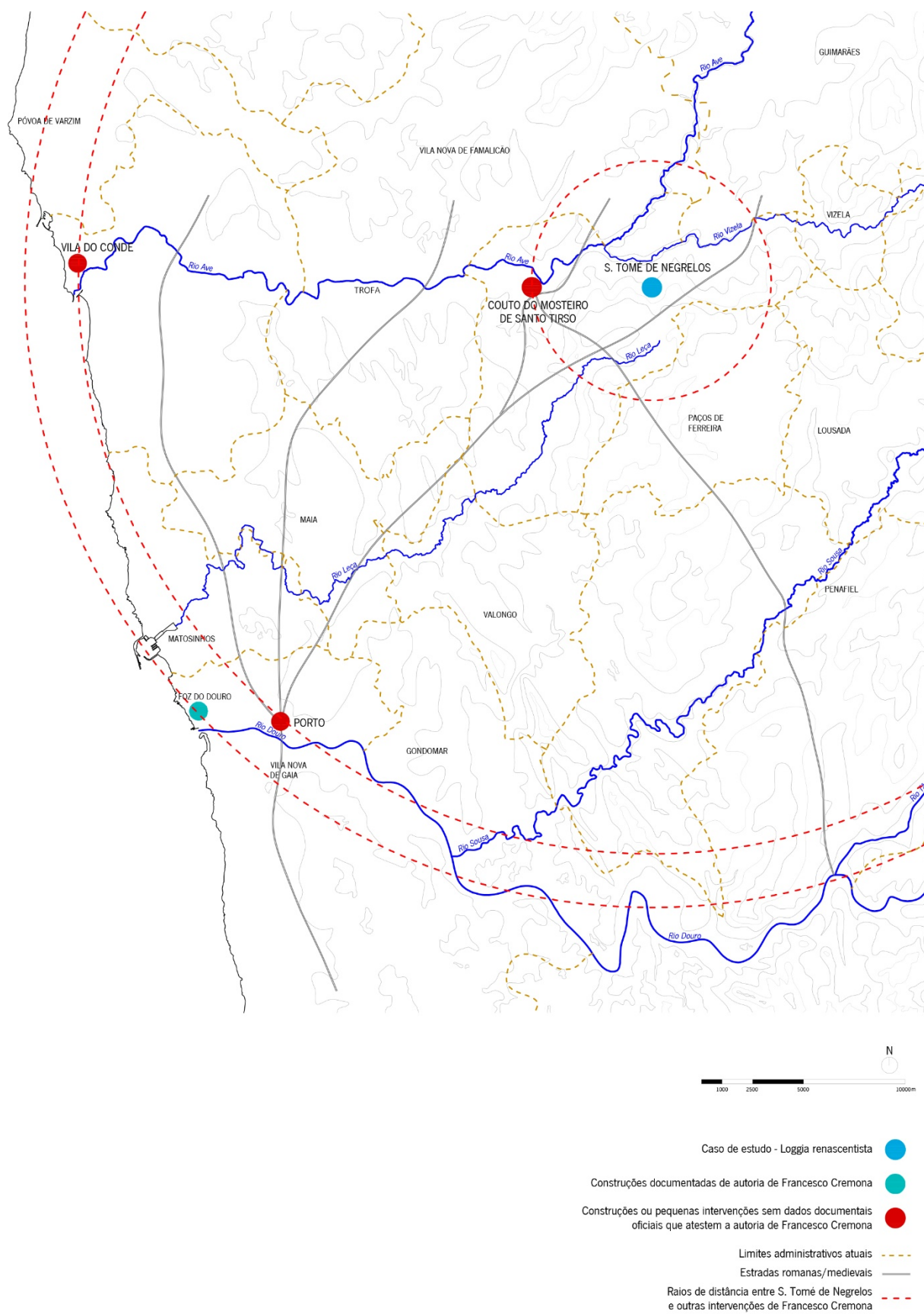


Figura 1. Áreas de intervenção do mestre Francesco Cremona entre Douro e Ave

Metodologia e estrutura

A informação existente relativa à Loggia de S. Tomé de Negrelos é demasiado reduzida, talvez originada pelo desinteresse manifestado pela população local pelo imóvel, embora este esteja classificado como Imóvel de Interesse Público. Sobre este, apenas existem duas Monografias locais com alguma informação histórica de autoria do Padre Luís Gonzaga Pinheiro, datadas de 1957, sendo as primeiras publicações consultadas, as quais permitiram direccionar a investigação.

De forma a contextualizar e estudar a Loggia foram seguidas duas linhas de atuação, por um lado pesquisa bibliográfica e, por outro, trabalho de campo. Dadas as características marcadamente renascentistas da Loggia foi necessário um estudo prévio sobre a introdução do pensamento clássico em Portugal, o qual conduziu às figuras do Bispo de Viseu, D. Miguel da Silva e do *muratore* Francesco Cremona, referidos nos trabalhos de Rafael Moreira e Susana Matos Abreu, atribuindo a autoria da Loggia ao mestre Cremona. Ainda nestas publicações é referido o autor José Ferrão Afonso, que após leitura dos diversos trabalhos, se constatou ser aquele que mais dados históricos e arquitetónicos apresenta e se tornam essenciais para a compreensão da Loggia Renascentista. Além destes, foi conduzida uma pesquisa bibliográfica que consistiu na consulta de diversa informação em vários arquivos, nomeadamente Arquivo da Universidade de Coimbra e Arquivo Distrital de Braga, nos quais apenas se encontrou essencialmente Registos Paroquiais - Batismos, Casamentos e Óbitos (Figura 2). A pesquisa na Biblioteca Municipal de Santo Tirso, assim como outros arquivos do Município permitiram recolher informação pertinente em especial sobre a História do concelho e evolução da freguesia de Negrelos.

O segundo momento compreendeu o levantamento métrico do edifício, permitindo a realização de desenhos de plantas, cortes e alçados em suporte vetorial, constituindo-se um importante registo arquitetónico atual do conjunto composto pela Igreja Paroquial, Capela do Santíssimo Sacramento e Loggia Renascentista. Este foi complementado através de um levantamento fotográfico que registou todo o tipo de informação pertinente, como os materiais utilizados, texturas e ornamentos arquitetónicos.

A conjugação destas duas linhas de ação permitiu a organização e descrição de forma detalhada apresentada em três capítulos.

O primeiro Capítulo, relativo ao enquadramento do objeto de estudo, pretende contribuir para a contextualização histórica nacional e internacional, influências culturais e sociais que se revelaram importantes para a evolução de S. Tomé de Negrelos, bem como para a construção da Loggia.

O segundo Capítulo expõe uma análise gráfica realizada ao edifício constituído por Igreja Paroquial, Capela tardo- gótica e Loggia renascentista, começando pelo seu levantamento métrico e fotográfico, ortoalçados e ainda fotomontagens panorâmicas do enquadramento do conjunto edificado na sua envolvente. Assim, com este capítulo pretende-se apresentar o edifício através do seu registo gráfico, criando as bases essenciais para o desenvolvimento da interpretação.

No terceiro e último Capítulo procura-se sistematizar e interpretar os dados recolhidos nos capítulos anteriores. De forma a complementar esta análise foi necessário consultar ainda alguns dos Tratados de Arquitetura¹ publicados durante a época Renascentista de forma a compreender quais as possíveis linhas orientadoras seguidas por Francesco Cremona para a Loggia de S. Tomé de Negrelos. Estes Tratados, principalmente o Tratado publicado por Francesco di Giorgio, o qual se encontra referenciado em diversos artigos sobre o *muratore* italiano e a sua obra em Portugal, serviram de base para analisar as métricas e proporções do edifício recorrendo à planimetria e alçados apresentados no capítulo anterior. Em suma, neste último capítulo, pretende-se realizar o cruzamento dos diversos materiais escritos recolhidos e desenhados, permitindo a realização de uma interpretação e reflexão sobre o caso de estudo, de modo que haja uma maior compreensão, mesmo que de uma forma especulativa, das suas diversas fases.

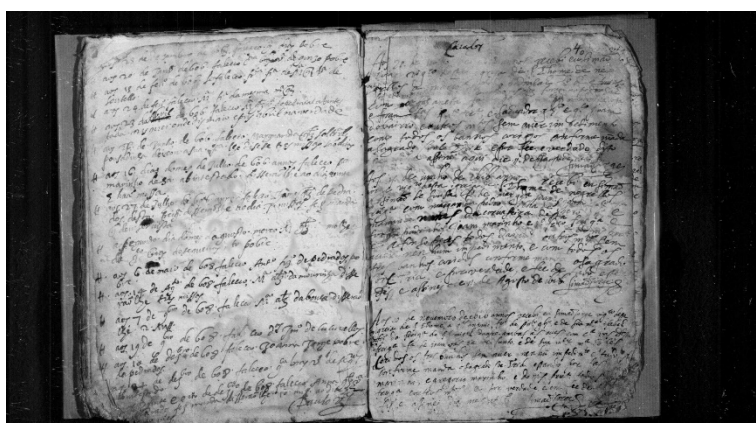


Figura 2. Livro de Óbitos da Paróquia de S. Tomé de Negrelos de 1601, p.

39-40 (<https://tombo.pt> acedido a 4 de janeiro de 2021)

¹ Tais como *Trattati di Architettura Ingegneria e Arte Militare* de Francesco di Giorgio Martini, *Tratatto di Architettura* de Antonio Averlino Detto il Filarete e *Medidas del Romano* de Diogo de Sagredo.



Figura 3. Vista geral da Loggia Renascentista (<http://gisaweb.cm-porto.pt>, fotografia de 1960 acedido a 27 de janeiro de 2021)

CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO DO CASO DE ESTUDO

1.1. Enquadramento histórico e artístico

O conjunto arquitetónico de S. Tomé de Negrelos é composto, atualmente, pela Igreja e edifício de apoio onde se situa a Sacristia e Salão Paroquial (inaugurados em 1943), Capela tardo-gótica (início do século XVI) e Loggia renascentista, elemento central desta investigação, edificada na década de 40 de mil e quinhentos, atribuída ao mestre italiano Francesco da Cremona.

Sendo a região de S. Tomé de Negrelos documentada desde o século XI², pensa-se que, provavelmente à data já existiria uma Igreja que servisse a pequena população e que esta tenha sofrido várias intervenções e ampliações, resultado do crescimento da paróquia, mas dos quais não existem registos documentais ou materiais. Apesar da hipótese colocada, devido à falta de informação, não é possível conjecturar qual o estilo arquitetónico e dimensão da Igreja à qual a Capela tardo-gótica foi adossada no início do século XVI, nem, escassos anos mais tarde, a edificação da Loggia, elementos estes cruciais para averiguar a iniciativa da implantação destas construções neste local.

Assim, de forma a compreender a súbita transição estilística neste curto período entre a execução da Capela do Santíssimo Sacramento, de estilo tardo-gótico, e a Loggia renascentista de Negrelos torna-se imprescindível a sua contextualização histórica, para a qual as figuras de D. Miguel da Silva, Bispo de Viseu, e do *muratore* Francesco Cremona são essenciais para a realização de uma análise rigorosa.

O caso de estudo encontra-se balizado entre os anos de 1495 e 1580 considerado pelo historiador Joaquim Veríssimo Serrão como o *Século de Ouro em Portugal*³, e que contempla os reinados de D. Manuel I, D. João III e D. Sebastião, sendo os dois primeiros os que mantêm uma relação direta e próxima com o Bispo de Viseu. Foi durante este período que o império de Portugal atingiu o seu auge desde o Brasil até à Índia, mas também com a consolidação da sua formação⁴.

² PINHEIRO, Luís Gonzaga (Pe.) – À Roda de Negrelos, 1957, p. 23

³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – História de Portugal, Vol. III, O Século de Ouro em Portugal (1495-1580), 1978

⁴ Ibidem

A nível artístico as ideias não se encontravam tão consolidadas. Esta seria uma época de indefinição estilística como refere Rafael Moreira, onde, por vezes, os diferentes estilos artísticos conviviam no mesmo conjunto, criando soluções ecléticas. Exemplo desta convivência entre os diferentes estilos artísticos é passível de se encontrar em S. Tomé de Negrelos no confronto com a Capela tardo-gótica e a Loggia renascentista.

“Ao expandir-se para fora de si própria no tempo e no espaço, a Europa procurava em todas as direções possíveis – muitas vezes opostas e até contraditórias, senão mesmo inconciliáveis, como o tempo viria a demonstrar – acumular um tesouro de informações e de exempla que lhe fornecessem o máximo de saídas viáveis para o impasse cultural a que chegara a Idade Média, de que o manuelino seria um último e desesperado estertor.”⁵

No reinado de D. Manuel I a modernidade começa a dar os primeiros passos. Havia ainda uma grande rivalidade entre as ideias dos grandes mecenas que pretendiam introduzir em Portugal as novas ideias humanistas trazidas de Itália e os conservadores que apoiavam as linguagens tradicionalistas – gótico e manuelino.

Apesar de uma lenta introdução em Portugal, o espírito de um classicismo moderno foi ganhando implementação. Segundo Rafael Moreira, *“o princípio essencial, em que consistia toda a novidade, era o da repetição modular – por oposição à livre inventividade manuelina – e da regularidade, demarcada por um rígido sistema de linhas ortogonais em planos retos e dominada pela simetria biaxial”⁶.*

Esta nova forma de pensar e produzir a arquitetura ficou conhecida por *“arquitetura ao romano”*, tendo-se materializado a novidade com a publicação de *“Medidas del Romano”* do arquiteto espanhol Diogo de Sagredo em 1526, sendo publicado em Lisboa em três edições sucessivas entre 1541-1542⁷. Foi durante este período do início do século XVI que em Portugal este novo paradigma cultural e linguagem arquitetónica começa a marcar presença, seja pela difusão consequente à ação de Sagredo, seja pela

⁵ MOREIRA, Rafael – Arquitetura: Renascimento e Classicismo. In PEREIRA, Paulo – História da Arte Portuguesa, Vol. 2, 1995, p. 307

⁶ Ibidem, p.316

⁷ Ibidem, p.317

sua concretização em obras de autores como João de Castilho, como é possível verificar na delineação da aplicação de vocabulário formal nos claustros do Convento de Tomar e nos espaços do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra⁸.

É no decorrer de todos estes acontecimentos e transformações na forma de pensar a arquitetura e das artes em geral que a figura de D. Miguel da Silva, Bispo de Viseu, se impõe como um dos principais protagonistas do Renascimento em Portugal (Figura 1.1). Uma personagem que, à semelhança do caso de D. Diogo de Sousa, assume o papel de mecenas conforme referente coevo italiano.

⁸ CRAVEIRO, Maria de Lurdes – A Arquitetura “ao romano”, 2008, p.16-17

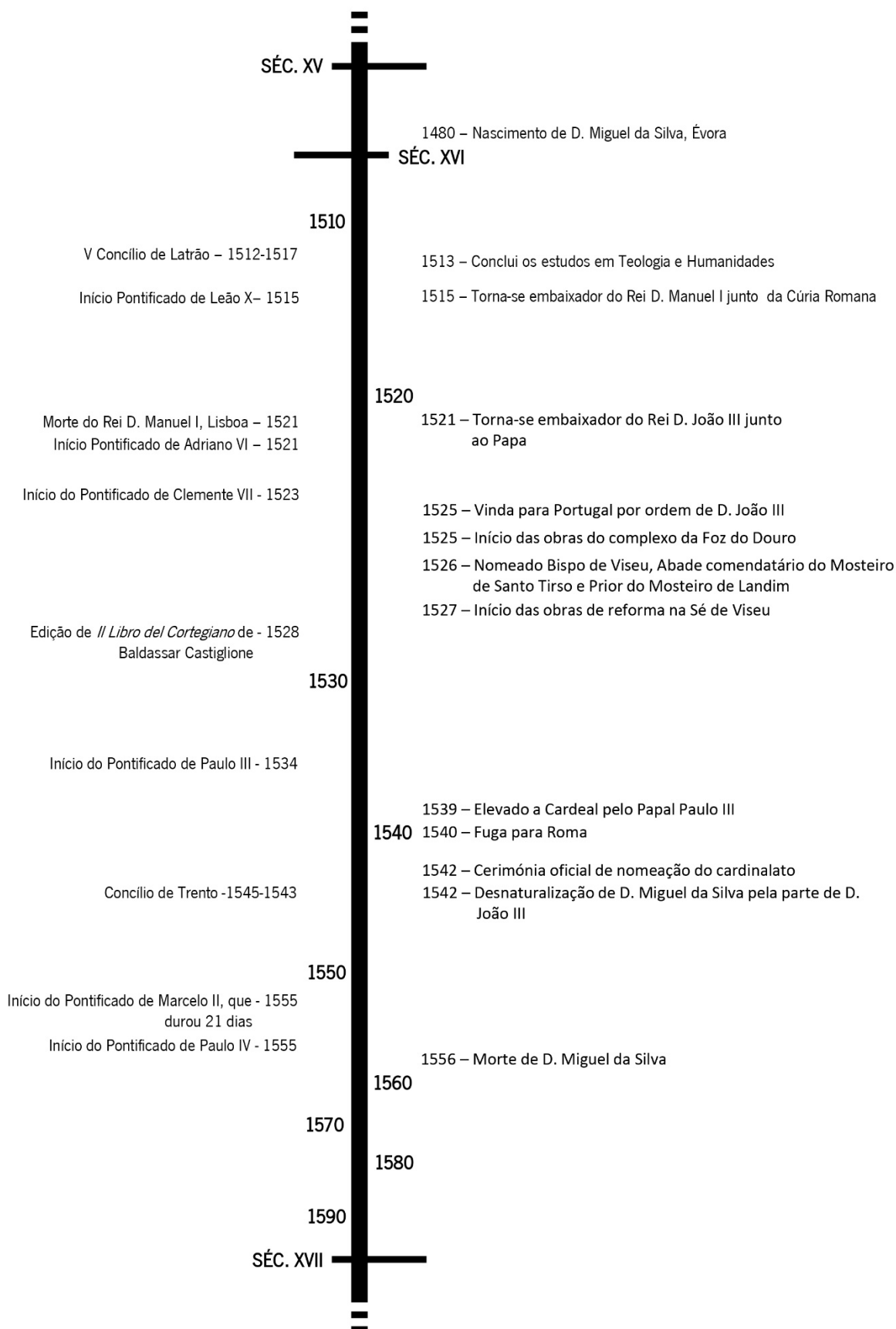


Figura 1.1. Cronologia síntese da vida e obra de D. Miguel da Silva e enquadramento histórico e social

1.1.1. D. Miguel da Silva

Nascido em 1480, ainda no reinado de D. Afonso V, em Évora, filho segundo de D. Diogo da Silva e Menezes, futuro 1º conde de Porto Alegre e aio de D. Manuel I, e de D. Maria de Ayala⁹, desde cedo manteve uma relação bastante próxima com a alta aristocracia e membros da Coroa.

É devido a esta proximidade de D. Miguel da Silva ao Rei, mas também devido ao seu excelente nível intelectual, que lhe foi permitido obter proteção e apoio deste na sua educação. Assim, após os primeiros estudos efetuados na Universidade de Lisboa, D. Miguel é enviado por D. Manuel para a Universidade de Paris, com passagem também por Siena, onde completou a sua formação em Teologia e Humanidades entre 1500 e 1513, obtendo um sólido conhecimento em cultura e línguas clássicas¹⁰.

A partir do ano de 1515 torna-se embaixador de D. Manuel I junto ao Papa Leão X e, posteriormente, após a morte deste em dezembro de 1521, de D. João III. Durante a sua permanência na cidade de Roma desenvolve relações com famílias da alta aristocracia italiana, nomeadamente os Médici, Tolomei e os Farnese¹¹, assim como alguns artistas renascentistas, em especial Rafael e Ticiano.

*“Para D. Miguel da Silva, embaixador na Cúria pontifícia de um rei opulento como era D. Manuel, e a partir de dezembro de 1521 de D. João III, oriundo da mais alta nobreza do reino e movimentando-se com inteligência nos meandros e nos bastidores da diplomacia e da política, mas também nos círculos da cultura artística e intelectual de Roma do seu tempo, genuinamente apreciado por papas e artistas, pintores e poetas, esta foi a década que dele fez, para a posteridade, o modelo do perfeito cortesão, cristalizado na dedicatória de Baldassar Castiglione na sua celebrada obra “Il Libro del Cortegiano”, publicada em 1528”.*¹² (Figura 1.3)

⁹ SOUZA, Maria Luiza Zanatta de – D. Miguel da Silva, bispo de Viseu e o seu destacado papel na eclosão de um novo repertório artístico e cultural renascentista em Portugal em meados do século XVI. In Revista Diálogos Mediterrânicos, 2015, p.153

¹⁰ BUESCU, Ana Isabel – D. Miguel da Silva e a Coroa Portuguesa: diplomacia e conflito. In MACÁRIO, Rui - D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, 2015, p.19

¹¹ MOREIRA, Rafael – D. Miguel da Silva e as origens da arquitetura do Renascimento em Portugal, 1988, p.5

¹² BUESCU, Ana Isabel – D. Miguel da Silva e a Coroa Portuguesa: diplomacia e conflito. In MACÁRIO, Rui - D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, 2015, p.25

Retorna a Portugal em agosto de 1525, com uma comitiva de 10 pessoas, por ordem do rei D. João III, nomeando-o seu conselheiro e Escrivão da Puridade¹³. Para além desta nova posição é entregue a D. Miguel da Silva pelo Papa Clemente VII, o episcopado de Viseu, nomeando-o ainda Prior comendatário do Mosteiro de Landim e Abade comendatário do Mosteiro Beneditino de Santo Tirso¹⁴. Devido a toda a experiência vivida durante o longo período que esteve ausente do país natal, o Bispo de Viseu viria a desempenhar um papel mecénático e artístico, de grande relevância para a introdução da linguagem do classicismo italiano, tal como tinha sucedido em França e Espanha com os cardeais Amboise e Mendoza¹⁵.



Figura 1.2. Retrato de D. Miguel da Silva retirado do quadro Cristo em casa de Marta - Vasco Fernandes, Museu Grão Vasco, Viseu (RODRIGUES, 1995, p.287)

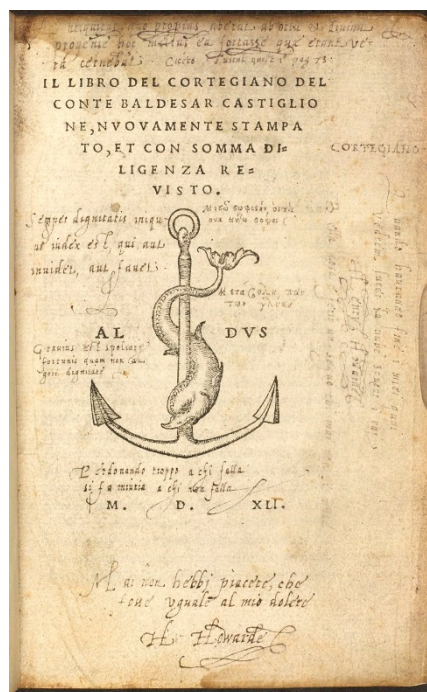


Figura 1.3. Capa do livro *Il Libro del Cortegiano*, edição de 1541 (manutiusinmanchester.wordpress.com acedido a 11 de fevereiro de 2021)

¹³ Alto funcionário da Coroa Portuguesa, responsável pelos documentos particulares e assuntos mais reservados do Rei

¹⁴ O Mosteiro de Santo Tirso dista cerca de 9 km da Igreja de S. Tomé de Negrelos, ou seja, uma relação muito próxima, principalmente devido à ligação existente através do Rio Ave e do Rio Vizela. D. Miguel da Silva como comendatário do Mosteiro de Santo Tirso encomendou a Francesco Cremona pequenas intervenções neste conjunto arquitetónico e a sua vinda para Santo Tirso provavelmente também os aproximou do local onde se encontra inserido o caso de estudo, visto que, apesar de a Igreja de Negrelos não pertencer ao couto do Mosteiro de Santo Tirso, este possuía algumas propriedades que se encontravam emprazadas a diversas famílias na área circundante.

¹⁵ MOREIRA, Rafael – D. Miguel da Silva e as origens da arquitetura do Renascimento em Portugal, 1988, p.9



Figura 1.4. Cristo em casa de Marta - Vasco Fernandes, Museu Grão Vasco, Viseu (RODRIGUES, 1995, p.287)

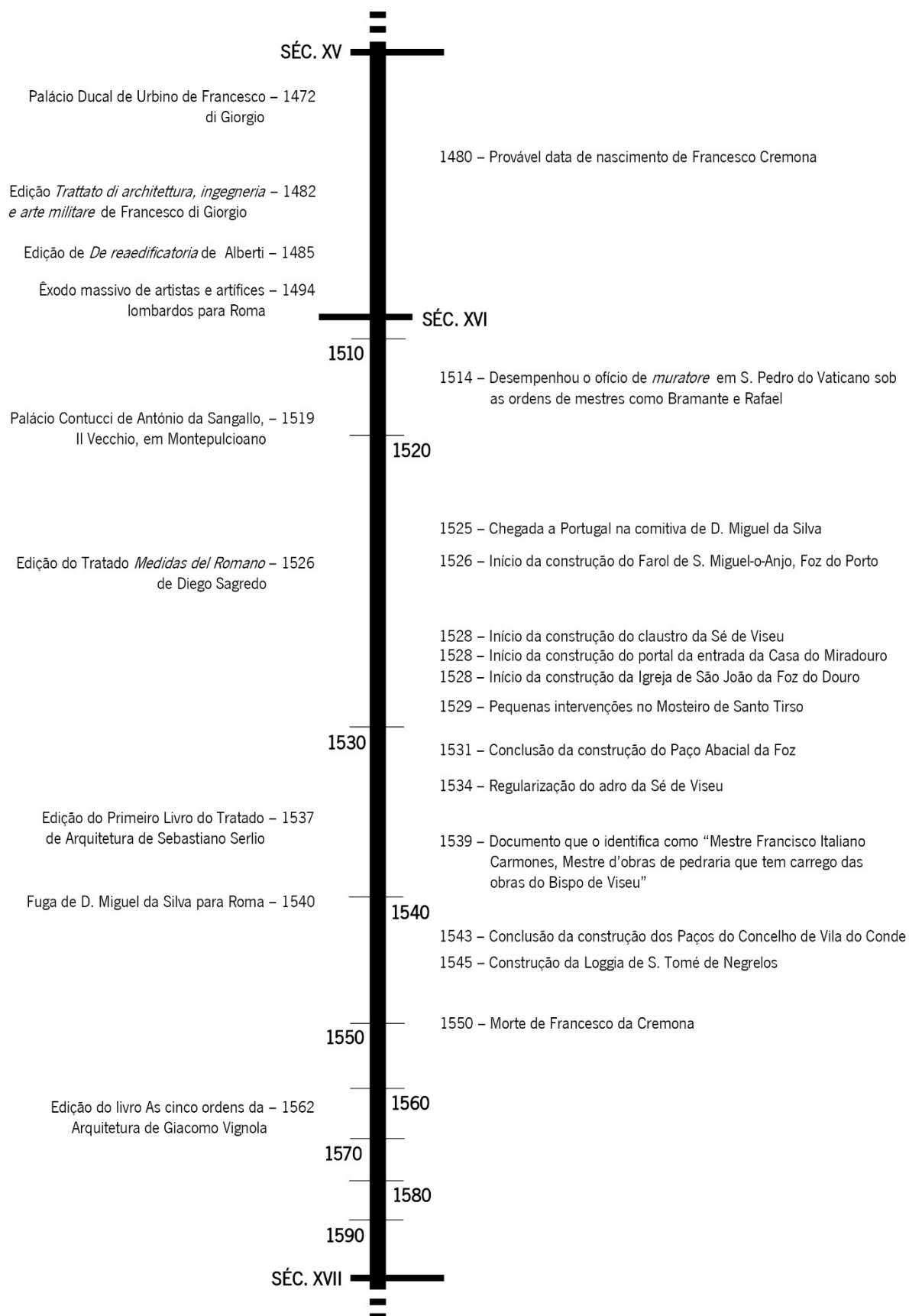


Figura 1.5. Cronologia síntese da vida e obra de Francesco Cremona e enquadramento histórico, social e artístico

1.1.2. Francesco Cremona, o mestre italiano

Na comitiva que acompanhou D. Miguel da Silva, encontrava-se o *muratore* lombardo Francesco da Cremona, seu arquiteto privado, que, provavelmente, teria participado em algumas obras de melhoramento dos jardins do seu palácio em S. Jacopo de la Lungara, tendo-se tornado esta ligação, possivelmente, pretexto para o posterior convite para integrar a comitiva.

“Também ignoramos quando terá vindo para Portugal, mas tudo faz crer que em 1525, acompanhando o faustoso prelado no seu regresso, e que aqui se radicasse em consequência do Saque de Roma dois anos depois, que provocou a diáspora entre os artistas. No seu palácio da Via della Lungara D. Miguel tinha um célebre jardim com fontes e gaiolas onde fez obras de melhoramento, apaixonado botânico que era: talvez daí viesse o contacto com o mestre Francisco e o convite para acompanhá-lo a Portugal”.¹⁶

Sobre Francesco da Cremona pouco se sabe. Pensa-se que terá nascido na Lombardia ou que, pelo menos, tenha descendência de algum artista lombardo.

A sua permanência na cidade de Roma permitiu contacto com vários arquitetos notáveis da Renascença em Itália, tendo obtido conhecimentos sobre os diversos Tratados de Arquitetura e sobre o método de construir “*ao romano*”. Em 1514 o seu nome surge em documentos que comprovam que participou como *muratore* na Basílica de S. Pedro do Vaticano.

Pelas pesquisas efetuadas até ao momento é possível afirmar com alguma certeza que terá trabalhado em Itália com os grandes mestres como Bramante, Giuliano da Sangallo, Fra Giocondo, Raffaello Sanzio e Peruzzi.¹⁷

Ao longo da sua estadia na Cidade Eterna, D. Miguel da Silva começou a interessar-se pela Arquitetura e Teorias Clássicas, dedicando-se ao estudo destas. Estes estudos permitiram que, juntamente com o

¹⁶ MOREIRA, Rafael – D. Miguel da Silva e as origens da arquitetura do Renascimento em Portugal, 1988, p.10

¹⁷ Ibidem

seu *muratore*, desenvolvesse um ambicioso programa para introduzir o Classicismo Italiano, em pleno apogeu do estilo manuelino em Portugal.

*“Recomendado pelo maior artista do seu tempo, cabia a Francisco a missão de plasmar os grandes monumentos «à romana» com que D. Miguel visionava encher de assombro e «civilizar» o país natal (...) é sobretudo no Norte que ele leva a cabo a sua missão, aproveitando o «vazio» manuelino nessa zona e um clima favorável à renovação artística, ou mesmo antimanuelino, criado tanto por iniciativas dos arcebispos de Braga como pelo gosto antiquário de amplos setores da nobreza e burguesia regionais com interesses ultramarinos(...)”.*¹⁸

Os edifícios do Farol de S. Miguel-o-Anjo, Igreja de S. João da Foz e o Paço Abacial, no Porto, o Claustro e Adro da Sé de Viseu e a Casa do Miradouro, também em Viseu são um exemplo da introdução do Renascimento no Norte de Portugal e que serviram de base para a execução de alguns dos futuros edifícios projetados por Francesco Cremona após a partida de D. Miguel da Silva para Roma, como se verifica no caso dos Paços do Concelho de Vila do Conde e da Loggia de S. Tomé de Negrelos.

A Foz do Douro

O complexo da Foz do Douro (Figura 1.6), em S. João da Foz, no Porto, que pertencia ao Mosteiro de Santo Tirso¹⁹, do qual D. Miguel era Abade comendatário, foi o primeiro grande projeto que rompeu por completo com as lógicas góticas e manuelinas, sendo constituído pelo Farol de S. Miguel-o-Anjo, Paço Abacial e a Igreja da Foz do Douro. Atualmente, é o único projeto do qual existem documentos que comprovam que este é de autoria do *muratore* Francesco Cremona.

¹⁸ MOREIRA, Rafael – Arquitetura: Renascimento e Classicismo. In PEREIRA, Paulo – História da Arte Portuguesa, Vol. 2, 1995, p. 334

¹⁹ O couto de S. João da Foz foi doado ao Mosteiro beneditino de Santo Tirso em julho de 1211, por D. Mafalda, filha de D. Sancho I



Figura 1.6. Foz do Rio Douro: Farol de S. Miguel-o-Anjo e o forte ao fundo

(<http://portoarc.blogspot.com/2018/07/dos-homens-ilustres-em-letras-e-armas.html>, gravura de 1790 acedido a 27 de abril de 2020)

O Farol de S. Miguel-o-Anjo (Figura 1.7), situado na Cantareira junto a uma língua rochosa, foi o primeiro a ser edificado neste complexo, entre os anos de 1525 e 1528. É constituído por uma planta quadrangular e de grande simplicidade. O espaço interior é composto por uma planta cruciforme ao nível do rés-do-chão, em que a entrada, situada a norte, encontra-se alinhada axialmente com o nicho central da parede sul, com duas edículas nos seus ângulos. A cobertura de tijolo da cúpula, com formato octogonal, é construída em falsa abóbada, obtida através de uma aproximação progressiva das paredes. No exterior é ainda de notar a inscrição em latim (Figura 1.8) que dá referência ao Bispo D. Miguel da Silva como encomendador do edifício, assim como a sua data de conclusão.²⁰

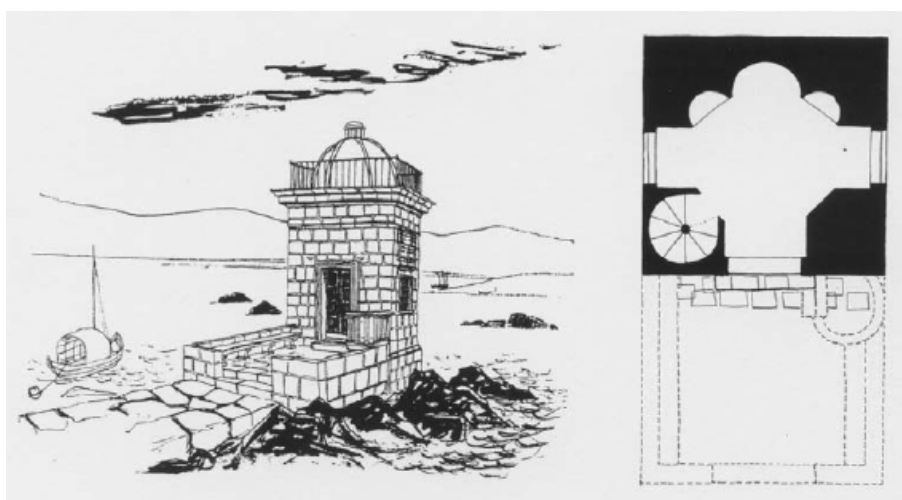
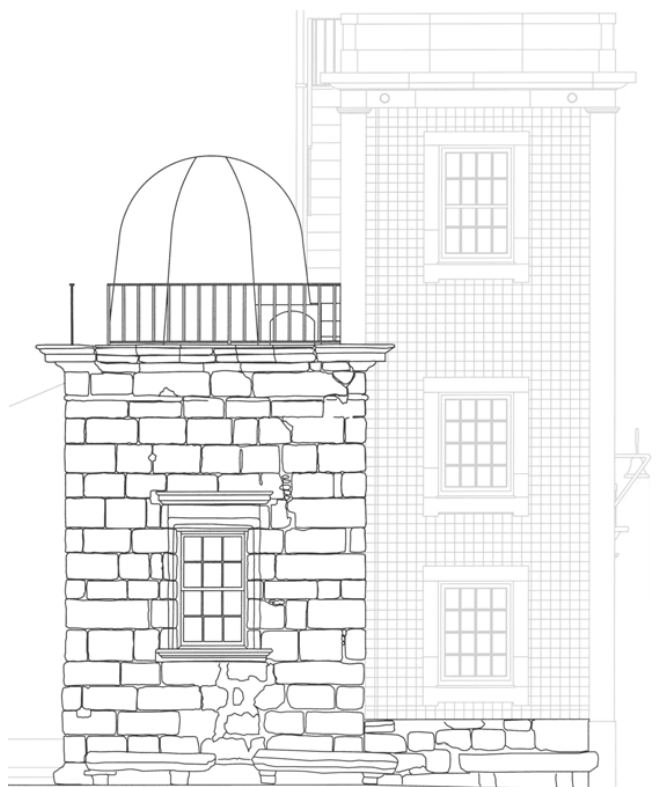


Figura 1.7. Farol de S. Miguel-o-Anjo no seu enquadramento inicial e respetiva planta
(BARROCA, 2001, p. 39)

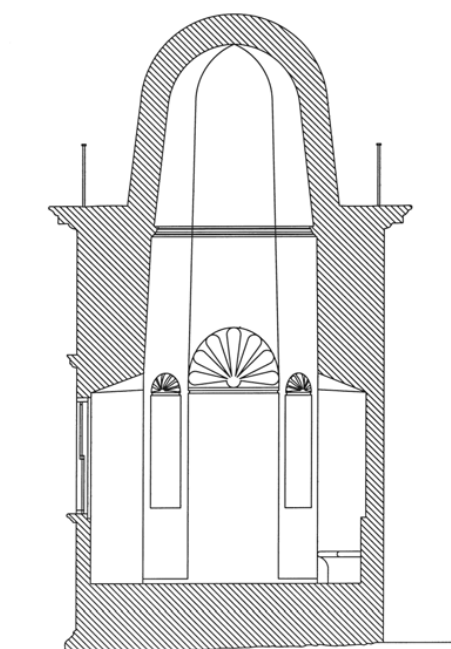


Figura 1.8. Inscrição existente na fachada do Farol de S. Miguel-o-Anjo (BARROCA, 2001, p. 39)

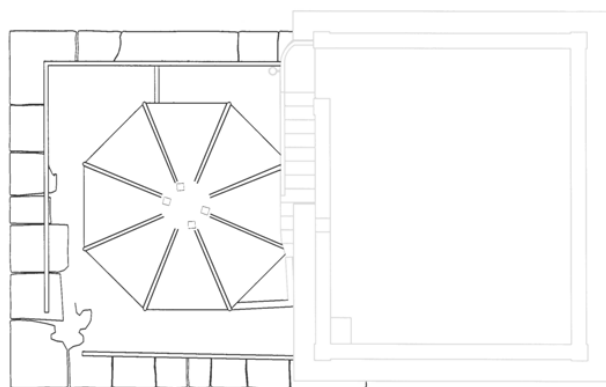
²⁰ MICHAEL SILVIUS ELECTVS / EPISCOPVS VISENSIS TVRRIM AD / [R]EGENDOS NAVIVM C[V]RSVS FECIT / IDEM AGROS
EX QUORUM REDDITV / NOCTVRNI IGNES E TVRRI PERPET / ADCE[ND]ERENTVR SVA PECVN [IA E]MPTOS / DEDIT AD
IGNAVITQVE / ANN.M.D.XXVIII



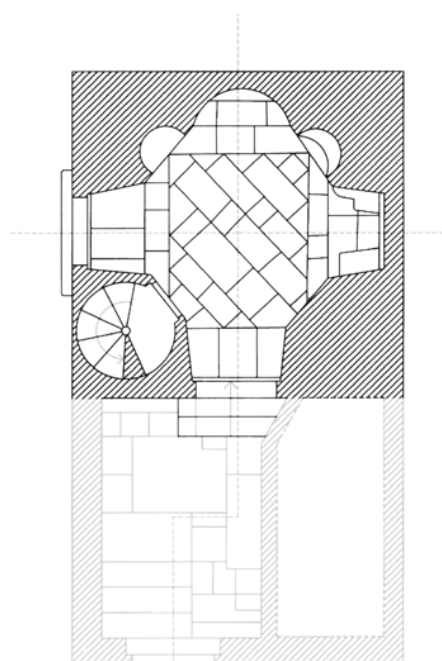
(a)



(b)



(c)



(d)

Figura 1.9. Farol de S. Miguel-o-Anjo: (a) Alçado nascente (b) Corte nascente-poente, voltado a sul (c) Planta de cobertura (d) Planta da capela/farol (OLIVEIRA, 2005, p.215)

O segundo edifício construído, a partir de 1528, e o de maiores dimensões, foi a Igreja de S. João da Foz do Douro, situada a ocidente do Farol. Esta Igreja era composta por uma só nave, provavelmente coberta por uma abóbada de caixotões, uma capela-mor hexagonal e com a fachada principal, ladeada por duas torres sineiras, voltada para o oceano e precedida por uma galilé (Figura 1.10). Cremona, com o desenho desta matriz, apresenta um jogo de métricas, proporções e relações espaciais que demonstram facilmente as influências dos grandes mestres italianos, sendo comparável com o desenho apresentado por Francesco Di Giorgio no seu *Trattati* (Figuras 1.11 e 1.12).

O sistema de iluminação utilizado pelo cremonês possuía uma configuração invulgar, composto por um conjunto de *tabulae ansatae* (Figura 1.13), adaptadas a janelas, através de expressivos chanfros, repetindo-se a cada tramo da Igreja. Estas “bandejas com asas” em latim, eram utilizadas pelos generais romanos na Antiguidade Clássica à chegada das campanhas militares, as quais possuíam uma inscrição com a descrição das suas vitórias e eram posteriormente afixadas no exterior dos edifícios (Figura 1.14). As janelas eram ligadas por um friso em todo o perímetro da igreja, estando a moldura “atada” por um nó, demonstrando que o estilo manuelino ainda não tinha sido totalmente abandonado. A sofisticação deste sistema de iluminação desenvolvido por Cremona terá sido, talvez, sugerido por D. Miguel devido à sua ligação à epigrafia latina ou, uma vez mais, influência de Di Giorgio, nomeadamente, do templo de *Publivo Bibulo* (Figura 1.15) apesar de, neste caso, estas funcionarem como elementos decorativos.

Durante quase um século, após várias intervenções e construção de muralhas devido à fragilidade do local relativamente a invasões via marítima, em maio de 1646, dá-se início às obras de construção de uma fortaleza, no contexto da edificação de infraestruturas militares das guerras da Restauração, demolindo-se parcialmente a Igreja. Esta obra, conhecida como Forte de S. João Baptista da Foz, ficou concluída no ano de 1653.

“A antiga igreja, inserida na área militar, foi demolida, desaparecendo a parte central da fachada, sendo abertas as torres, removidas as lajes das campas no seu pavimento (reaproveitadas na alvenaria) e apeada a abóbada (a primeira em estilo renascentista do país). A céu aberto, passou a servir como praça de armas, enquanto os seus anexos foram soterrados para consolidar o terraplino do baluarte leste. Os nichos dos altares laterais foram entaipados por muros de alvenaria de pedra.”²¹

²¹ http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=671&muda_idioma=PT, acedido em 20 de fevereiro de 2021

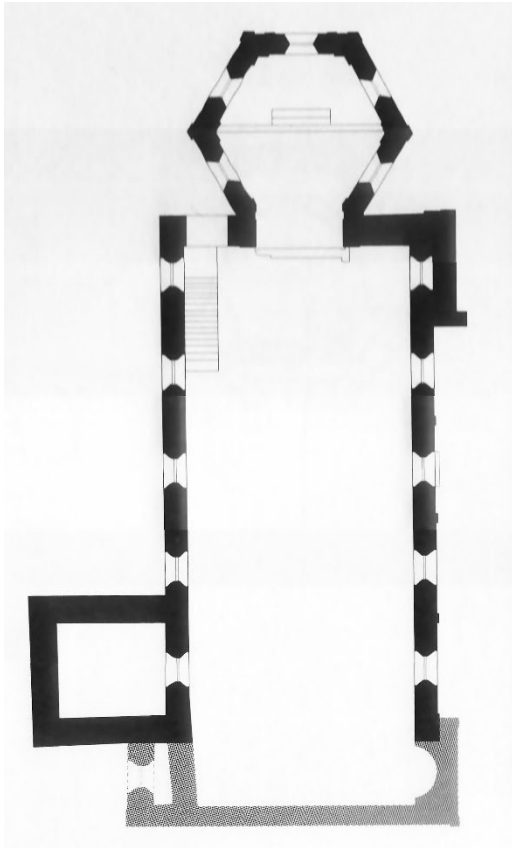


Figura 1.10. Planta da Igreja Matriz de São João da Foz do Douro (AFONSO, 2018, p.73)

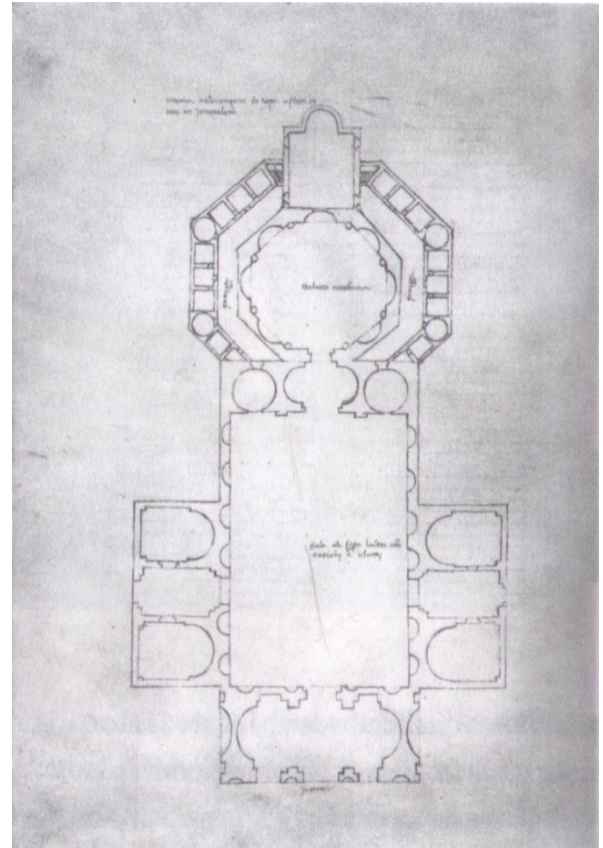
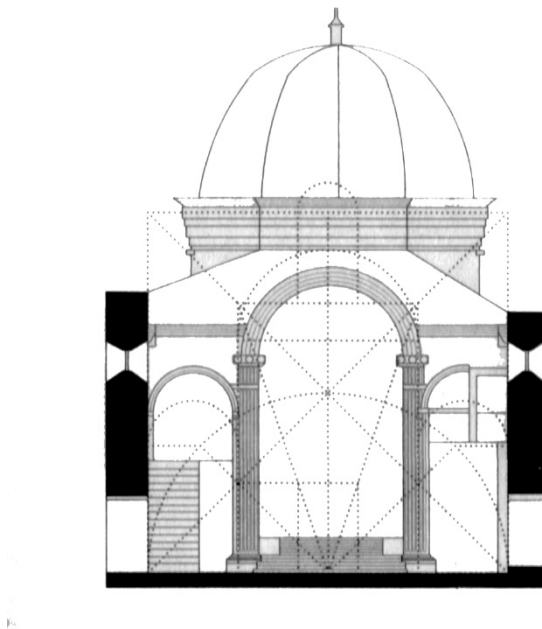


Figura 1.11. Francesco di Giorgio Martini: Projeto de igreja in *Codice Torinese Saluzziano* 148, f.76v, ta.140 (AFONSO, 2018, p.74)



0 5 10 m

Figura 1.12. Corte de igreja de Francesco di Giorgio Martini, sobreposto à Igreja de São João da Foz (AFONSO, 2018, p.75)



Figura 1.13. Janela com moldura em formato Tabula Ansata da antiga Igreja de São João da Foz (www.portopatrimoniomundial.com acedido a 20 de fevereiro de 2021)



Figura 1.14. Exemplo de Tabula Ansata existente no teatro de Leptis Magna, atual Líbia, com inscrições latinas e púnicas (www.flickrriver.com acedido a 11 de fevereiro de 2021)

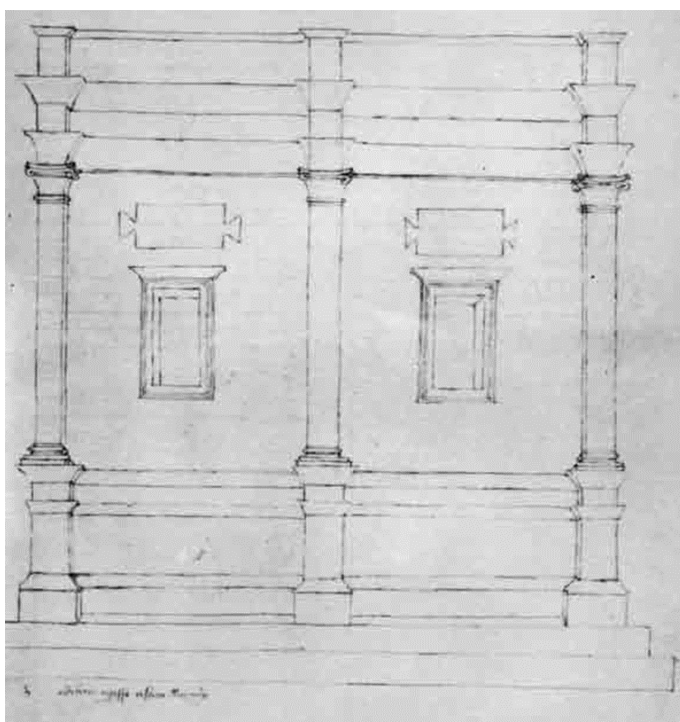


Figura 1.15. Alçado do templo de *Publívio Bibulo*, por Francesco di Giorgio (MARTINI, 1967, III f.86 TAV. 159)

A Fortaleza de S. João da Foz, depois de diversas ocupações, foi abandonada em meados do século XX, sendo classificada como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 47.984, publicado no Diário do Governo, I Série, n.º 233, de 6 de outubro de 1967. Foi ainda alvo de obras de limpeza e consolidação, bem como de intervenções arqueológicas entre os anos de 1985 e 1988 e, posteriormente, na primeira metade da década de 1990.

Por último, a nascente da cabeceira da Igreja Matriz, o Bispo D. Miguel da Silva mandou erigir uma residência abacial, de planta retangular de dois pisos, que estaria concluída ou em vias de conclusão no ano de 1531²². A fachada do Paço (Figura 1.16), que permaneceu praticamente intacta até à atualidade, possui janelas apilastradas²³ no andar nobre com um desenho que recorda a linguagem renascentista usada por Antonio da Sangallo Il Vecchio nos mesmos elementos para o Palácio Contucci (1517/18), em Montepulciano²⁴ (Figura 1.17). Devido às profundas alterações sofridas ao longo dos anos, torna-se difícil obter um levantamento exato da planta e da distribuição interna do Paço original de D. Miguel da Silva.²⁵

Deste conjunto, apenas o Farol de S. Miguel-o-Anjo manteve algumas das suas características originais, apesar de ter sido integrado, durante o século XX, num conjunto de edifícios que o desvirtuaram como edifício renascentista. Apesar das intervenções realizadas durante o século XVII e XVIII e da construção da Fortaleza, que determinou a demolição de grande parte da Igreja Velha, atualmente ainda é possível observar alguns aspetos construtivos, nomeadamente a capela-mor hexagonal com a sua cúpula em gomos, algumas janelas *tabulae ansatae* reconstruídas, assim como alguns elementos decorativos e a fachada principal do Paço Abacial de D. Miguel.

²² “*Outra bouça que foi de Tristão Gonçalves que esta acima dos Paços do Senhor Bispo ao longo do caminho que vai para Matosinhos*” (ADP, K/16/1-71, Livro de Prazos de S. João da Foz, 1531, Janeiro 4, fl.142)

²³ Rafael Moreira qualificou estas janelas como *sangallescias* na sua publicação D. Miguel da Silva e as origens da arquitectura do Renascimento em Portugal (1988)

²⁴ ABREU, Susana Matos – A obra do arquiteto italiano Francesco da Cremona (c.1480-C.1550) em Portugal: novas pistas de investigação. In “A Encomenda. O Artista. A Obra”, 2010, p.566

²⁵ AFONSO, José Ferrão – A Herança do Muratore, 2018, p.80



Figura 1.16. Paço Abacial da Foz (www.fortalezas.org acedido a 28 de abril de 2020, fotografia de 2013)



Figura 1.17. Palácio Contucci (à direita) de António da Sangallo, o Velho (www.visitmontepulciano.it acedido a 11 de fevereiro de 2021)

O Claustro da Sé de Viseu

Simultaneamente ao desenvolvimento das construções do complexo da Foz do Douro, D. Miguel da Silva iniciou também um conjunto de obras na cidade de Viseu, sendo umas das principais o Claustro da Sé (1528-1534)²⁶ (Figura 1.18).

Os monumentos edificados por D. Miguel da Silva e Francesco Cremona encontram-se todos, de alguma forma, interligados na sua linguagem estilística, sofrendo sucessivas influências, sendo por isso possível encontrar semelhanças entre as soluções projetadas para os diferentes edifícios, mesmo que distantes geograficamente. Desta forma, e apesar de não existirem provas documentais de que Francesco tenha sido o mestre desta obra, a sua proximidade com o Bispo de Viseu e as semelhanças formais com a obra em S. João da Foz (da qual a autoria se encontra comprovada), fazem dele, com quase total certeza, o autor do piso térreo do claustro da Sé.²⁷

O claustro, de planta quadrangular, apresenta colunas, com caneluras, de ordem jónica/compósita, com um florão central idêntico aos da capela-mor da Igreja da Foz (Figuras 1.19 e 1.20), assentes sobre um murete em todo o seu perímetro, com coincidências óbvias com a composição da Loggia de Negrelos. As naves do claustro possuem cobertura em abóbada de aresta, assentes lateralmente em mísulas e, nos cantos, Cremona optou por usar um sistema de pilar angular, ao qual adossou duas meias colunas.

Segundo Susana Matos Abreu, a quadra da Sé de Viseu, muito provavelmente, terá seguido a tipologia usada no claustro do Palazzo della Cancelleria (1489-1513) de Bramante, mas também no *cortile* do Palácio Ducal de Urbino (cerca de 1470).²⁸

²⁶ Segundo referência de Liliana Andrade de Matos e Castilho no seu artigo de 2015, a obra estaria já terminada em 1534 uma vez que se encontra registado num alvará régio datado de 8 de setembro que refere que “o muro da parede da crasta nova que o dito Bispo agora fez”.

²⁷ CASTILHO, Liliana Andrade de Matos e – Obra edificada por influência e ação de D. Miguel da Silva em Viseu. In MACÁRIO, Rui - D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, 2015, p.101

²⁸ ABREU, Susana Matos – A obra do arquiteto italiano Francesco da Cremona (c.1480-C.1550) em Portugal: novas pistas de investigação. In “A Encomenda. O Artista. A Obra”, 2010, p.571-572

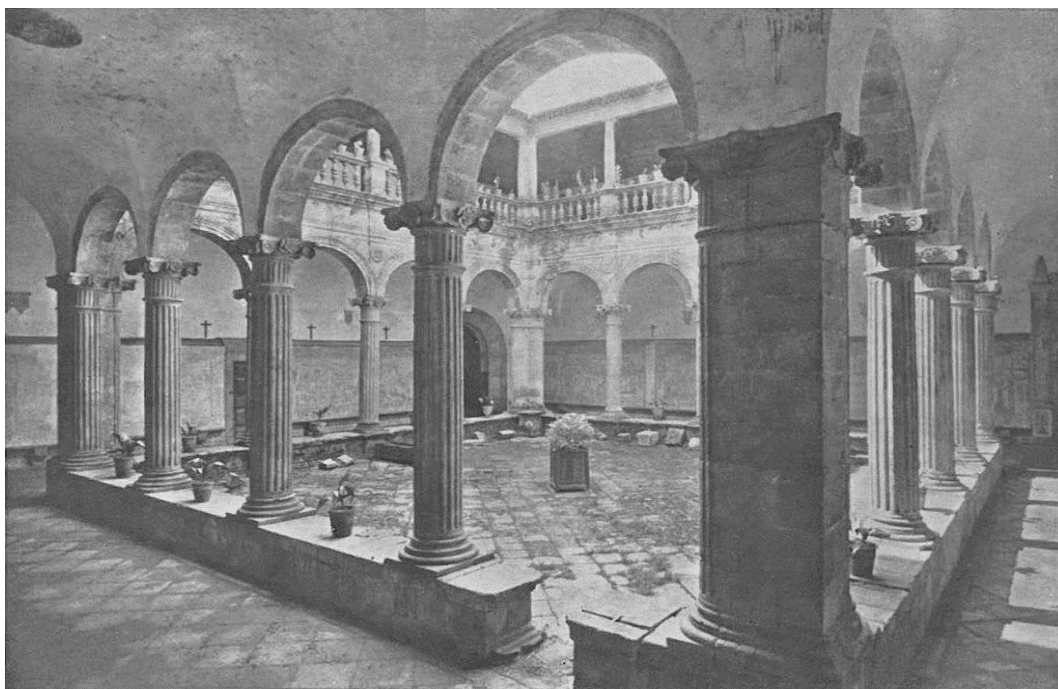


Figura 1.18. Claustro da Sé de Viseu (<http://visoeu.blogspot.com/2006/06/imagens-de-viseu-1420.html>, fotografia de F. de Almeida Moreira, 1937)



Figura 1.19. Capitel com florão da coluna do Claustro da Sé de Viseu (MOREIRA, 2000, 82)



Figura 1.20. Pilastra do arco da capela-mor, Foz do Douro, Porto (www.fortalezas.org acedido a 28 de abril de 2020, fotografia de 2013)

A Casa do Miradouro

Para além da transformação do antigo Paço Quatrocentista de Fontelo²⁹, junto ao rio Pavia em Viseu, como sua residência oficial, foram várias as casas mandadas reconstruir por D. Miguel da Silva para os cónegos que o apoiavam. Exemplo disso é a Casa do Miradouro (Figura 1.21), também em Viseu, residência de Fernão Ortiz de Vilhegas, sobrinho do Bispo antecessor de D. Miguel.

Neste projeto, o arquiteto italiano optou por construir um corpo central, onde inseriu um portal de desenho renascentista ladeado de pilastras com caneluras, que pretendia unir as duas alas preexistentes.

*“Como no vizinho claustro, nas sacadas da Foz ou na loggia de Negrelos, Cremona insistiu na organicidade do corpo arquitetónico, segundo modelos criados em Urbino.”*³⁰



Figura 1.21. Fachada principal da Casa do Miradouro (www.monumentos.pt acedido a 23 de novembro de 2020)

²⁹ Pretendia transformar o Paço de forma que se tornasse semelhante a uma *villa* renascentista, assim como os jardins e bosques que pertenciam à propriedade. A exuberância e beleza destes espaços são descritos no poema “*Fontellum*” de António de Cabedo, em 1558 (nesta data o parque já estaria semiabandonado).

³⁰ AFONSO, José Ferrão – Francisco de Cremona, Arquiteto italiano na Foz do Douro e em Viseu no terceiro quartel do século XVI. In Estudos Italianos em Portugal n.º12, 2017, p.145

Os Paços do Concelho de Vila do Conde

Apesar da partida do Bispo D. Miguel da Silva para Roma no ano de 1540, onde obteve o barrete cardinalício pelo Papa Paulo III e onde viria a falecer em 1556, o arquiteto Francesco da Cremona mantém-se ativo no Norte de Portugal, principalmente na área de Entre Douro e Cávado, tal como referido por José Ferrão Afonso no seu artigo de 2015.³¹

Mais uma vez, mesmo após 1540, poucas são as informações encontradas sobre o mestre cremonês e a sua obra, mas, apesar disso, pensa-se que poderá ter estendido a sua atividade a encomendas municipais e privadas, tendo o seu nome sido proposto para autor de vários edifícios da década de 40, mas dos quais não existe documentação que possa fundamentar esta ideia.

O complexo da Foz do Douro, e mesmo o Claustro da Sé de Viseu, que não possui documentos comprovativos da sua autoria, possibilitaram estabelecer paralelismos por parte de historiadores de arte e arquitetos, permitindo sugerir o nome do mestre Cremona para o desenho dos Paços de Concelho de Vila do Conde (Figura 1.22), patrocinados por D. João III.

Alguns pormenores decorativos não possuem a mesma perfeição que é possível encontrar na Loggia de Negrelos ou no Claustro de Viseu, podendo dever-se ao facto de que, apesar de Cremona ter sido o desenhador do edifício, os mestres executantes terem sido Aparício Gonçalves e Gonçalo Afonso (que trabalhavam para D. Miguel da Silva no Mosteiro de Santo Tirso). Contudo, a regularidade e ritmo entre abertura e parede são evidentes na fachada principal do edifício (Figura 1.23), nomeadamente nas janelas de peitoril do andar nobre que, ao nível do ritmo e composição se verifica ter afinidades com as fenestraçãoes da fachada do Paço Abacial da Foz e, mais ainda, com os vãos desenhados por Di Giorgio.³²

³¹ AFONSO, José Ferrão – Uma arquitetura em diversas maneiras: Francisco de Cremona e o Renascimento do Entre-Douro-e-Cávado. In MACÁRIO, Rui - D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, 2015, p.66

³² Ibidem, p.82-83



Figura 1.22. Fachada principal dos Paços do Concelho de Vila do Conde (AFONSO e CADECO, 2016, p.84)

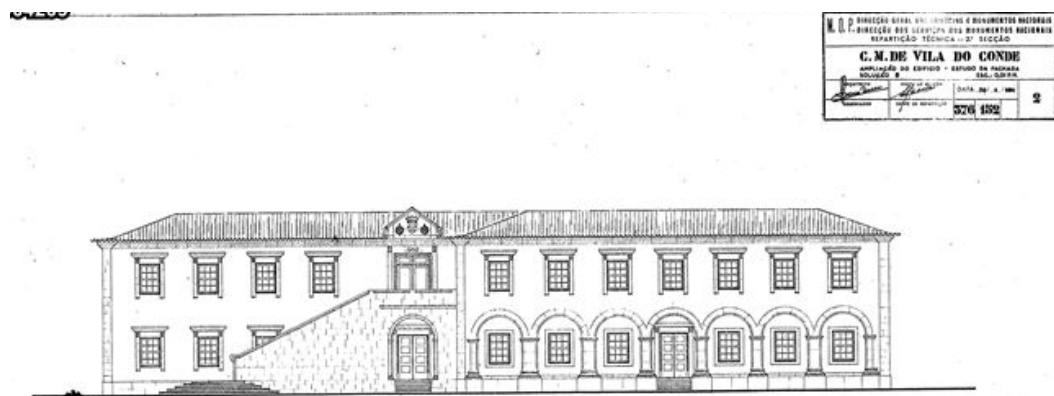


Figura 1.23. Fachada principal dos Paços do Concelho de Vila do Conde (www.monumentos.pt acedido a 27 de abril de 2020, desenho de 1954)

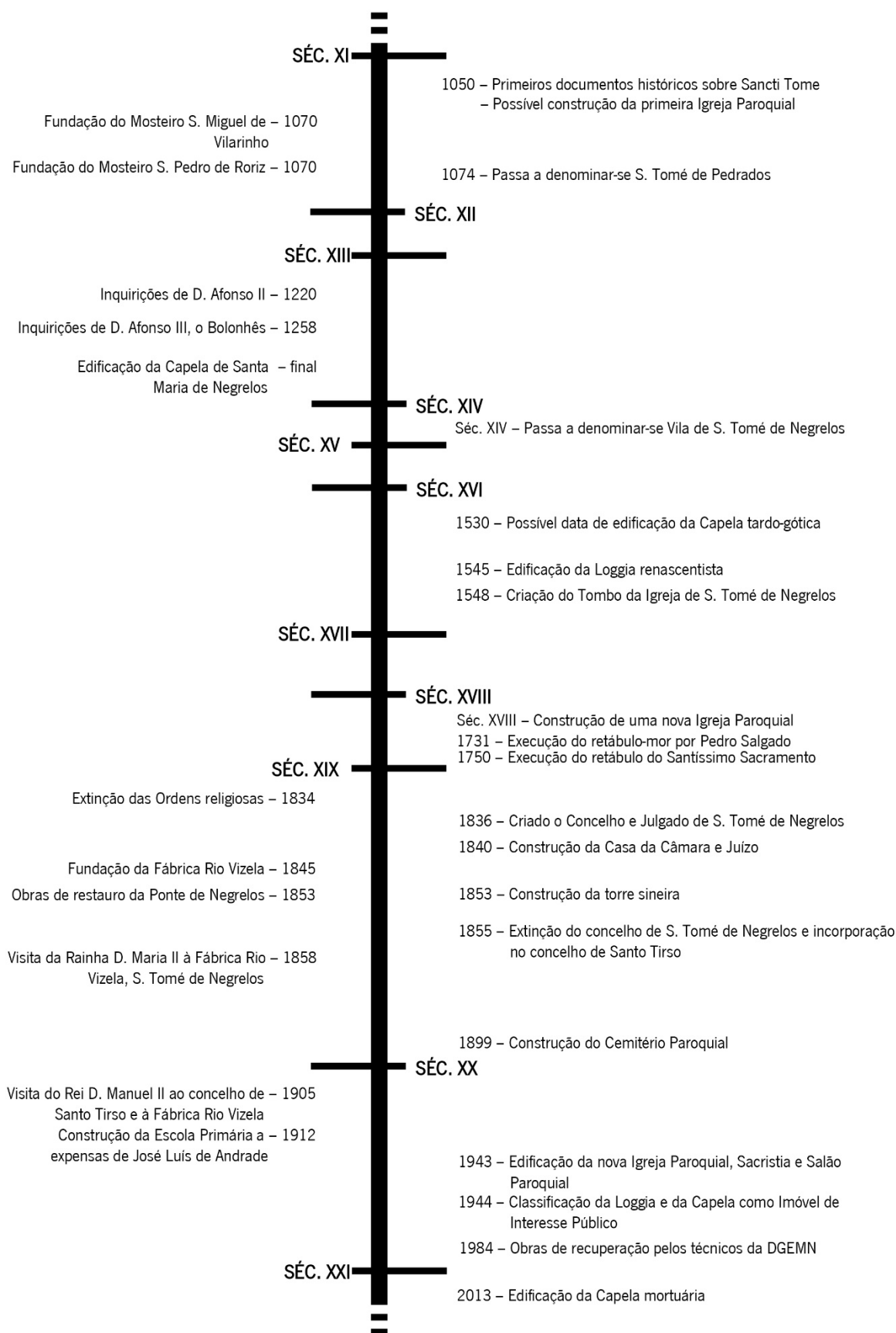


Figura 1.24. Cronologia síntese da freguesia de S. Tomé de Negrelos, Santo Tirso e enquadramento histórico e social

1.2. A Terra de Negrelos

Tendo sido descrito sumariamente o contexto nacional e os principais interlocutores na introdução do Renascimento em Portugal, pelo menos os que mais proximamente interessam ao caso em análise, importa compreender o contexto geográfico onde se integra a Loggia de Negrelos, assim como os aspetos que poderão ter determinado a sua concretização.

A origem da freguesia de S. Tomé de Negrelos, delimitada a sul pela serra de Monte Córdova e a norte pelo Rio Vizela, no concelho de Santo Tirso, apresenta indícios de ter sido ocupada mesmo antes da formação da nacionalidade. Os primeiros documentos que surgem referindo a região de Negrelos datam do século XI (cerca de 1050)³³, apesar deste território ter sido ocupado desde a Idade do Ferro, como indicam os registos de alguns achados arqueológicos no Castro de Santa Margarida, classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 29/90, DR, I Série, n.º 163, de 17-07-1990).

As Inquirições de 1258, mandadas realizar por D. Afonso III, descrevem a *terra de Negrellos*³⁴, pertencente ao Julgado de Refojos de Riba D'Ave com grande pormenor, indicando que esta era constituída por “cerca de vinte *villae*³⁵ englobando aproximadamente 47 casais, distribuídos sobretudo, pelos Mosteiros de Vilela e de Santo Tirso”.³⁶

³³ PINHEIRO, Luís Gonzaga (Pe.) – À Roda de Negrelos, 1957, p. 23

³⁴ A descrição de *Negrellos* encontra-se descrita com detalhe na monografia do Padre Luís Pinheiro Gonzaga, “À Roda de Negrelos”, 1957, p.51-61

³⁵ Propriedade rústica com a habitação do senhor rodeada pelas instalações rurais (lagares, celeiros, adegas e estábulos), campos de cultivo e as casas onde viviam os servos e caseiros.

³⁶ PIMENTA, Miguel Brandão – A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça, 2008, p.21

COUTO DO MOSTEIRO DE SANTO TIRSO

MOSTEIRO DE SANTO TIRSO

LIMITE DA ATUAL FREGUESIA
DE S. TOMÉ DE NEGRELOS

CAPELA TARDO-GÓTICA
LOGGIA RENASCENTISTA



Figura 1.25. Ortofotomapa alargado do Couto do Mosteiro de Santo Tirso e do conjunto de S. Tomé de Negrelos
(Capela tardo-gótica e Loggia renascentista) - Escala 1:25000



Desde muito cedo esta freguesia se caracterizou pelas diversas Casas Senhoriais (*villae*) que pertenciam aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Vilela de Paredes e aos Monges Beneditinos do Mosteiro de Santo Tirso, e que se encontravam emprazadas a diversas famílias após a conhecida “*corte na aldeia*”³⁷. Segundo o historiador José Hermano Saraiva, este movimento, para além das casas senhoriais, permitiu também a construção de outras tipologias, nomeadamente construções de carácter religioso. “*São deste período (...) uma parte dos conventos, dos pequenos templos votivos e até de igrejas paroquiais, cujas construções ou reconstruções foram tornadas possíveis graças à liberalidade dos nobres regressados à terra*”.³⁸

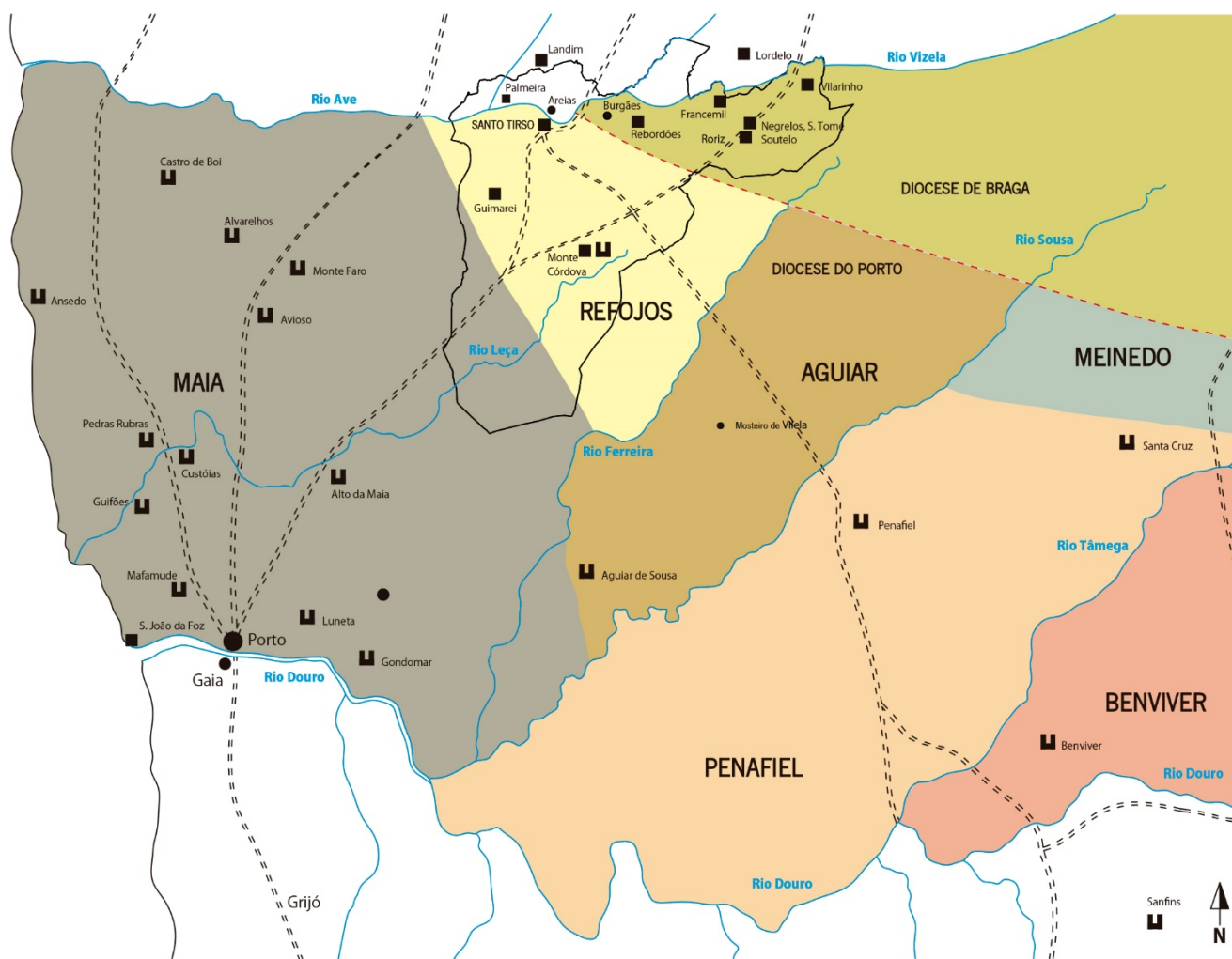
De acordo com a Figura 1.26 é possível observar as principais vias de comunicação romanas, conservadas e utilizadas, posteriormente, na Idade Média, que perdurariam durante vários séculos, tornando-se também vias de peregrinação e de culto.

Uma das vias de comunicação que poderia ter grande importância para o caso de estudo, ligaria o Porto a Guimarães, passando pelo Couto de Soutelo e Honra de S. Tomé de Negrelos. Sobre esta pouca informação existe considerando que seria uma estrada secundária sem a presença de miliários e sem pavimentação, característica atípica nas vias romanas. A única referência à sua existência são as duas pontes romanas presentes durante o percurso – Ponte de S. Lázaro sobre o Rio Leça, em Alfena e a Ponte de Negrelos sobre o Rio Vizela, em S. Martinho do Campo. Com os poucos dados existentes, o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Santo Tirso utilizou a toponímia dos locais e a análise dos declives do terreno para delinear uma proposta de traçado entre as duas pontes.

Estas estradas, assim como os rios (mais concretamente o Rio Ave e o Rio Vizela) poderiam ser excelentes vias de comunicação para as famílias se deslocarem e elegerem o local das suas casas na aldeia, assim como a pré-existência de algumas casas de boa construção, como seria já o caso da Quinta do Paço ou da Quinta de Vilela em Negrelos.

³⁷ Deslocação de famílias da nobreza, em massa, para os espaços rurais, o que deu origem a um “...*elevadíssimo número de residências nobres ou de mansões de jeito afidalgado construídas em aldeias e quintas isoladas, por todo o país*” como descrito em SARAIVA, José Hermano – Temas da História de Portugal, Espaço Português, Vol. II, 1989, p.37

³⁸ Ibidem, p.68



Coutos, honras e castelos







-  — Coutos e honras
-  — Castelos
-  — Localidades
-  — Limite de Dioceses - 1090 a 1882
-  — Estradas
-  — Área de jurisdição diocesana discutida por Braga e Porto até 1882

Figura 1.26. Coutos, honras e castelos entre Douro e Ave (CORREIA, Vol. II, 2009, p. 385-386)

Sobre os anos de Quinhentos a informação documental é bastante escassa, excetuando o Tombo da Igreja de S. Tomé de Negrelos, datado de 11 de abril de 1548, promovido pelo Abade Gonçallo Mendez Dantas³⁹ no qual podem ser encontrados alguns dados sobre a freguesia.

*“Nos terrenos da igreja achava-se um grande cerrado no meio do qual existia um «assento de casas novas sobradadas» (constituído por sala e vários quartos) e «outra casaria para serventia do dito assento» e abaixo desta um rossio com «duas adegas e hum laga (...) e no cabo contra o sull hum moynho de Rega», tudo rodeado de searas, lameiros, latadas, hortas e pomares com «muitas laranjeiras e çidreiras e fruteiras».”*⁴⁰

Nesta época, S. Tomé de Negrelos tinha características bastantes rurais, possuindo apenas cerca de 120 habitantes, sendo que a maioria residia em pequenas casas sem muitas condições de habitabilidade. No Tombo da Igreja estas casas são descritas como sendo de um só piso, com uma estrutura bastante simples e cobertas com colmo.⁴¹

No outro extremo, e em muito menor número, surgiam casas construídas com boa pedra, cobertas com telha e sobradadas que já possuíam várias salas e quartos e que se foram desenvolvendo ao longo dos séculos. Segundo a interpretação de José Ferrão Afonso, uma das maiores casas da região no século XVI, a Casa da Renda (antigo passal da Igreja de Negrelos), também poderá estar referenciada neste Tombo.

“O tombo da igreja de S. Tomé de Negrelos, datado de 1548, ano em que Gonçalo Mendes de Antas era já abade, refere a existência, junto da igreja, de «casas novas sobradadas que tem huma sala e camaras e huma torre todo olivellado em huu andar». Pelo termo «olivelado» entenda-se uma

³⁹ Este abade pertencia a uma família nobre de origem galega, os Passos de Probem, em cujas armas se destaca o castelo com três torres.

⁴⁰ PIMENTA, Miguel Brandão – A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça, 2008, p.24

⁴¹ Ibidem p.25

symmetria horizontal, semelhante à das fachadas do paço abacial da Foz e do paço concelhio de Vila do Conde.”⁴²

Para além da Casa da Renda, que, atualmente, se encontra totalmente desvirtuada devido a sucessivas intervenções, várias são as Quintas que constituíam o povoamento.

De seguida, serão descritas algumas propriedades de maior importância para a região, de forma resumida, de modo a compreender a influência das famílias afigalgadas no desenvolvimento de S. Tomé de Negrelos, nomeadamente na construção da Capela do Santíssimo Sacramento e Loggia Renascentista, a par do contexto construtivo e relevância arquitetónica na envolvente ao caso de estudo.



Figura 1.27. Características rurais da freguesia de S. Tomé de Negrelos, mesmo no final do século XX (COELHO, 1998, p.12, fotografia de 1998)

⁴² AFONSO, José Ferrão – Algumas observações sobre Francisco de Cremona, Francesco di Giorgio, os «estudos do antigo» e a arquitetura do Renascimento entre o Douro e o Cávado. In Revista Mínia, n° 13, 2014, p.235

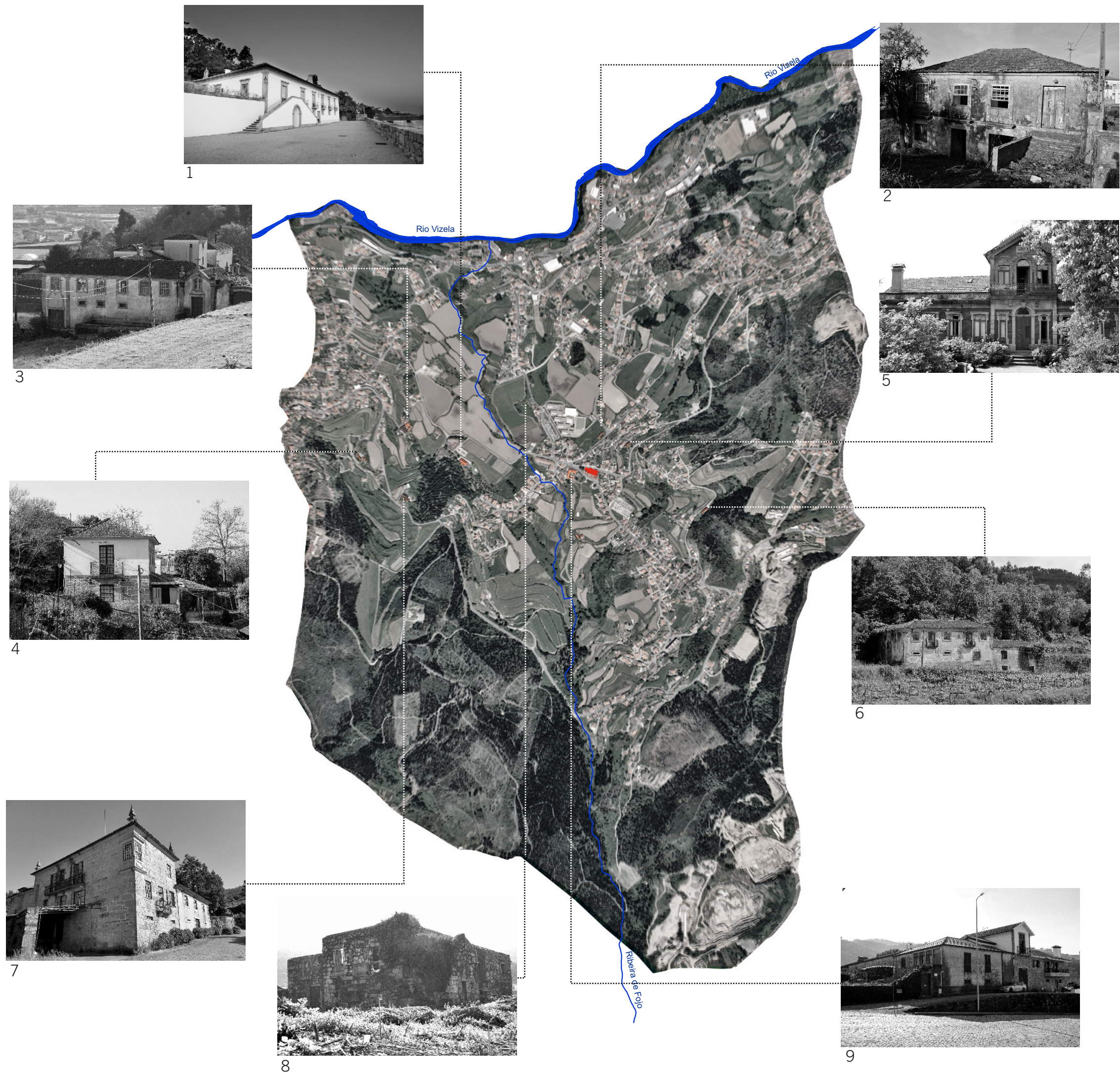


Figura 1.28. Localização das principais casas sobradadas da freguesia de S. Tomé de Negrelos (durante o desenvolvimento do trabalho não foi possível apurar a datação exata da construção das casas mencionadas)

- 1. Casa de Vilela
- 2. Casa das Leiras
- 3. Casa de Sequeiros
- 4. Casa de Xisto
- 5. Casa de Sérvolo
- 6. Casa de Ginjo
- 7. Casa da Quinta de Quintão
- 8. Casa do Paço
- 9. Casa da Renda



Quinta de Sobrado ou Vilela

Esta Quinta pertencia ao Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela (Paredes) e foi doada por emprazamento a Fernão Brandão no dia 23 de maio de 1559, juntamente com um conjunto de outras propriedades situadas na mesma freguesia.

O edifício principal da Quinta seria uma casa típica da região de Entre-Douro-e-Minho, em pedra e sobradada. Após o século XVII, esta Quinta aumentou tanto em área como em importância, tornando-se numa das Quintas mais prestigiadas da região, destacada pela sua capela, portão nobre, jardins e o grande tanque armoriado.⁴³



(a)



(b)

Figura 1.29. Quinta de Vilela: (a) Vista aérea da Quinta (b) Interior da capela da Quinta (www.casadevilela.com acedido a 15 de fevereiro de 2021)

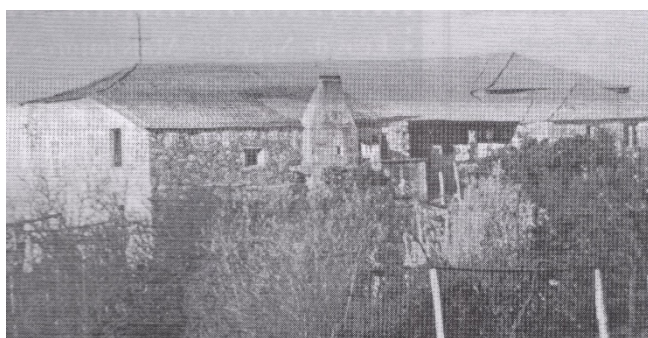
⁴³ PIMENTA, Miguel Brandão – A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça, 2008, p.27

Quinta do Paço

A Quinta do Paço, situada próxima à igreja paroquial, será, provavelmente, a mais antiga quinta da freguesia de S. Tomé de Negrelos, visto já se encontrar mencionada nas Inquirições de 1258 e 1307:

“... a quintãa que chamam o paaço que foy de Martim da Cuyinha e a outra que foy de Estevam do Casal que chamam paaço”.⁴⁴

Foi administrada por D. Joana Ferreira de Eça e seu marido António Pereira e, posteriormente por Gregório Ferreira de Eça, que passou aí parte dos seus últimos anos, juntamente com a sua esposa D. Maria Luiza de Vilhena e Alarcão. Em 1663, este manda erigir a Capela de S. Tiago (que atualmente se encontra em ruínas, assim como o Paço) e colocar no portão principal da propriedade o brasão dos Ferreira de Eça, entretanto retirado e desaparecido.⁴⁵



(a)



(b)

Figura 1.30. Casa do Paço: (a) Fachada posterior da Casa (b) Pórtico voltado para a Quinta (Ecos de Negrelos n.º209, novembro 1998, p.9 e n.º211, janeiro de 1999, p.11)

⁴⁴ SILVA, José Custódio Vieira da – Paços Medievais Portugueses, 2002, referenciado em PIMENTA, Miguel Brandão – A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça, 2008, p.181

⁴⁵ PIMENTA, Miguel Brandão – A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça, 2008, p.181

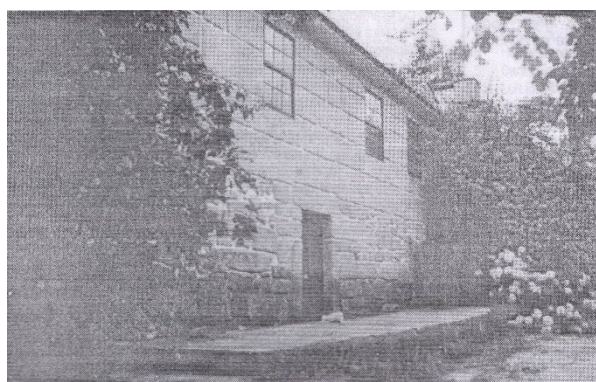
Quinta de Xisto

Esta Quinta situa-se numa meia encosta de uma colina orientada a nascente, conhecida primitivamente como Quinta de Sisto.

A Casa principal possuía características rurais e sóbrias, desenvolvendo-se em três pisos. No rés-do-chão situavam-se a loja e a adega, como habitualmente se encontrava nas casas de lavoura. No primeiro piso situavam-se diversas salas e quartos, assim como a cozinha, toda construída em pedra. Por fim, ainda neste piso é possível encontrar um estreito corredor que dá acesso ao largo torreão que corresponde ao segundo andar da casa.⁴⁶



(a)



(b)

Figura 1.31. Quinta de Xisto: (a) Fachada da Casa de Xisto (fotografia de Manuel Eduardo Sousa in O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural Vol. I, nº 2, 1957); (b) Fachada da Casa de Xisto (Ecos de Negrelos nº204 e 205, junho e julho de 1998, p.13)

⁴⁶ PIMENTA, Miguel Brandão – A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça, 2008, p.65-69

Quinta de Quintão

A Quinta de Quintão, tal como a Quinta do Paço, também já se encontrava referenciada nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, estando emprazada a Luís Ferreira.

Esta Quinta era composta por “*um assento de casas «algua dellas de sobrado e telhadas com duas adegas por baixo» e outras «térreas colmaças que servem de cozinha e cortes»*. O acesso ao casario fazia-se por três portas fronhas orientadas “*huas para sul outras para norte e outras para nascente»*, *tudo circundado por muros altos, como se de uma fortaleza se tratasse*”⁴⁷.

Como a maioria das quintas da região, esta sofreu várias modificações ao longo dos anos pelo que, tanto o seu interior, como o seu exterior se encontram bastante alterados.



(a)



(b)

Figura 1.32. Quinta de Quintão: (a) Entrada da Quinta de Quintão (b) Vista exterior da Casa da Quinta de Quintão (cedidas por Henrique Santarém)

Apesar de S. Tomé de Negrelos ter sido ao longo de vários séculos um meio pequeno, a existência de várias quintas e casas afidalgadas denotam a riqueza deste meio entre o séc. XV e XVI. Assim, existe a possibilidade de uma destas famílias poder ter patrocinado várias obras como Igrejas Paroquiais, capelas, templos votivos e, talvez, também a Capela do Santíssimo, assim como a própria Loggia Quinhentista.

⁴⁷ PIMENTA, Miguel Brandão – A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça, 2008, p.191

1.3. Apontamentos Históricos Loggia Renascentista de S. Tomé de Negrelos

Durante a pesquisa para este trabalho verificou-se que a documentação escrita e gráfica sobre a Loggia renascentista de S. Tomé de Negrelos é praticamente nula. Neste processo foi ainda possível apurar a ausência de campanhas arqueológicas mesmo durante o período de intervenção da DGEMN, em 1984, que poderiam suportar, com evidência material, as fases de construção e respetiva caracterização. Sendo assim, a evolução histórica do conjunto onde se encontram inseridas, apenas é possível com a apresentação de algumas propostas, conjugação das informações recolhidas e com os paralelismos estabelecidos, bem como a análise material do conjunto construído.

Como referido anteriormente, a paróquia de Negrelos encontra-se documentada desde meados do século XI, colocando-se, assim, a hipótese de que a sua primeira edificação terá sido uma igreja, de pequenas dimensões, provavelmente, de características românicas devido à proximidade desta com o Mosteiro de S. Pedro de Roriz (fundado cerca do ano de 1070) entregue aos frades crúzios de Santa Cruz de Coimbra e o Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho fundado pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (cerca do ano de 1070), ambos de construção marcadamente românica e ainda uma pequena capela também situada na freguesia de Roriz – Capela de Santa Maria de Negrelos (final do século XIII).

Provavelmente, entre o século XI e XVI a igreja deverá ter sofrido diversas transformações e a sua dimensão terá aumentado proporcionalmente com a povoação onde estava inserida. Contudo, uma vez mais, não existem provas documentais de que tais intervenções tenham existido.

Após a pesquisa bibliográfica e análise dos dados não é possível caracterizar volumétrica nem arquitetonicamente a igreja à qual a Loggia e a Capela teriam sido adossadas, assim como as razões para a construção e delineação destas duas edificações de tão grande relevância. Uma das hipóteses colocadas é que poderá ter sido mandada erigir por uma das famílias nobres deslocadas no movimento “*corte na aldeia*”, criando uma capela para devoção ao Santíssimo Sacramento, que perdurou até à atualidade. Esta originou uma grande celebração bianual realizada em honra do orago da capela, conhecida pelos negrelenses pela Festa Grande, comemorada no início do mês de junho, não sendo possível averiguar a sua longevidade, ou seja, se se iniciou no século XVI, com a construção da Capela, desde o século XVIII (data da execução do retábulo) ou ainda posterior a estas datas.

Após a consulta em jornais locais e em projetos de arruamentos do início do século XX foi possível a obtenção de algumas pistas sobre a planimetria, volumetria e evolução da igreja anterior à que se encontra edificada atualmente. Através de uma fotografia publicada num artigo do Padre Luís Gonzaga Pinheiro no jornal local “Ecos de Negrelos”⁴⁸ pode-se concluir que essa igreja seria, provavelmente, uma igreja paroquial típica do século XVIII, demolida quase na totalidade em 1943, restando apenas a parede sul que confronta com a Capela do Santíssimo e Loggia.

A torre sineira que se encontrava adossada do lado esquerdo da fachada foi adicionada muito posteriormente à construção principal. De acordo com os registos, a intenção de construir uma torre para a igreja data de 1851, de modo a substituir a anterior estrutura em madeira com dois sinos. Inicialmente, a sua construção estava projetada para o lado sul da igreja, mas, de acordo com a vontade de D. Diogo de Ega e Meneses (3º Conde de Lousã, irmão do 2º Conde de Cavaleiros, D. Gregório José António de Eça e Meneses, a quem sucedeu na Casa de Cavaleiros em Guimarães), esta veio-se a construir do lado norte de modo a não encobrir a Loggia Quinhentista e a “*sua primitiva Capela do SS.mo*”, da qual era administrador.⁴⁹

Retrocedendo ao final do século XV e início do século XVI, quando se desenvolvem os planos de construção da Capela do Santíssimo e da Loggia, é de destacar alguns apontamentos históricos que serão essenciais para uma futura análise.

A Capela, de estilo tardo-gótico, apresenta um partido construtivo, nomeadamente a abóbada de nervuras, que se pode equiparar, apesar de menor dimensão, com a da capela-mor da Sé Catedral de Braga⁵⁰. Existe a hipótese de que esta tenha sido projetada por João de Castilho, ou que, tenha sido desenhada por um discípulo, devido às semelhanças com outras abóbadas de características castilhanas – nervuras, terceletes, chaves. Gregório Ferreira d’Eça, dos Condes de Cavaleiros da Quinta de Vila do Conde ficou designado como administrador da Capela de acordo com o testamento elaborado pelo Abade D. Gonçalo Mendes de Antas. Em 1745, após uma visita do arcebispo de Braga, D. José de Bragança,

⁴⁸ PINHEIRO, Luís Gonzaga (Pe.) – Recordar é Viver de Novo... Conheces esta igreja?. In Ecos de Negrelos, nº30, 1971, p.1

⁴⁹ Ibidem, p.1-2

⁵⁰ SILVA, Ricaro Jorge Nunes da – Os abobadamentos pétreos na arquitetura tardo-medieval do Ciclo Bracarense – a influência do Norte de Espanha (Burgos). In Convergências – Revista de Investigação e Ensino das Artes, nº1, 2009

foi exigido ao administrador da Capela do Santíssimo Sacramento a construção de um retábulo e um sacrário. Estes foram executados em dourado marmoreado ao estilo do século XVIII, tendo sido terminado em 1750, apesar de, até hoje, não se saber o nome do mestre executante que traçou os desenhos deste.⁵¹

A Loggia⁵² é uma tipologia que não se encontra frequentemente em Portugal, menos ainda em freguesias de forte carácter rural como o é S. Tomé de Negrelos. Esta era, na altura do Renascimento, uma tipologia fortemente urbana, encontrada frequentemente nas cidades italianas como Florença, Pienza, Urbino ou Arezzo.

No fundo documental do Colégio de S. Paulo de Braga⁵³ que se encontra no Arquivo da Universidade de Coimbra, aponta-se que à data da construção da Loggia, o abade em funções era D. Gonçalo Mendes de Antas, sugerindo este como encomendador da obra. Contudo, não foi possível averiguar informações suficientes sobre o Abade que comprovem a sua influência para a construção de um edifício desta natureza.

Susana Matos Abreu coloca a hipótese desta Loggia ter sido construída para o Cardeal Alessandro Farnese⁵⁴, visto este ter uma ligação muito próxima de D. Miguel da Silva⁵⁵. Porém, não se encontraram evidências efetivas sobre esta hipótese colocada pela autora, nem documentação que comprovasse a presença do Cardeal Farnese, em determinado momento, na freguesia de Negrelos.

Segundo depoimentos recolhidos com habitantes de S. Tomé de Negrelos, a janela interior que se abre da Loggia sobre a Capela tardo-gótica era conhecida como “Janela do Bispo”, designação que poderá

⁵¹ CORREIA, Francisco Carvalho (Pe.) – A Igreja Matriz de S. Tomé de Negrelos. In Ecos de Negrelos nº195, setembro de 1997, p. 11

⁵² Galeria porticada externa sustentada por colunas num ou mais lados

⁵³ Colégio de S. Paulo de Braga – Bens e obras da igreja de S. Tomé de Negrelos. Apresentação de curas, relações de paramentos e alfaías de culto (...) sécs. XVII-XIX referenciado em AFONSO, José Ferrão – Uma arquitetura em diversas maneiras: Francisco de Cremona e o Renascimento do Entre-Douro-e-Cávado. In MACÁRIO, Rui - D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, 2015, p.85

⁵⁴ Afilhado de batismo de D. Miguel da Silva e herdeiro dos seus títulos e bens eclesiásticos em Portugal.

⁵⁵ ABREU, Susana Matos – A obra do arquiteto italiano Francesco da Cremona (c.1480-C.1550) em Portugal: novas pistas de investigação. In “A Encomenda. O Artista. A Obra”, 2010, p.567

ter perdurado ao longo dos séculos por ter sido o local de eleição dos Bispos para assistir às eucaristias e cerimónias religiosas, apesar de não haver nenhum suporte documental que comprove estes testemunhos.

A origem do Brasão (Figura 1.33) que se encontra esculpido na fachada também permanece incógnita. A primeira referência consultada foi uma publicação de Vaz-Osório Nóbrega que editou uma Monografia bastante completa com todas as Pedras de Armas existentes no concelho de Santo Tirso. Este refere que após várias pesquisas não foi possível obter informações precisas sobre esta Pedra d'Armas, nem a família à qual estaria associada.

“Buscas aturadas não me permitiram identificar nestas armas como sendo de família, quer portuguesa, quer estrangeira. É aceitável a hipótese de tal escudo ser uma manifestação simbólica de carácter religioso. Por exemplo: a Fortaleza, um dos Dons do Espírito Santo, - representando o castelo a resistência às fragilidades da carne e cada serpente Satanás enroscando-se no tronco da árvore do pecado original.”⁵⁶

Existem várias hipóteses que poderão ser colocadas. Segundo o historiador Ferrão Afonso: o brasão pertenceria à família galega dos Passos de Probem, da qual descende o Abade Gonçalo Mendes de Antas ou poderá ainda ser uma variação das armas desta família. Por último, esta Pedra d'Armas poderá ter sido uma versão das armas assumidas pelo próprio abade com simbolismo religioso e espiritual.



Figura 1.33. Pedra de Armas da Loggia (CORREIA, 2000, p.11)

⁵⁶ NÓBREGA, Vaz-Osório da, Pedras de Armas do Concelho de Santo Tirso, 1957, p.119

CAPÍTULO 2. LEVANTAMENTO DO EXISTENTE

2.1. Método de levantamento

Para o reconhecimento do estado atual do edifício foi necessário proceder a diferentes métodos de levantamento com o intuito de documentar extensivamente e interpretar melhor a Loggia Renascentista, bem como a forma como esta se relaciona com a Capela do Santíssimo Sacramento e ainda a sua integração no conjunto edificado atual. Para esta fase foram realizados levantamentos métricos, que se constitui como uma base indispensável para a análise destes edifícios, e também levantamentos fotográficos, que procuram criar uma narrativa visual, onde é possível ter uma percepção da realidade encontrada atualmente. O levantamento métrico é, muito provavelmente, a fase mais intensa de toda a investigação e é esta que permite uma maior interiorização e análise pormenorizada do espaço, esclarecendo muitas das suas particularidades, assim como as várias fases construtivas. Por último, pode-se ainda referir a utilização de um ortofotomapa como uma ferramenta importante para a compreensão da envolvente do objeto de estudo e melhor percepção do território onde se encontra inserido. Este ortofotomapa foi trabalhado em conjunto com desenho vetorial, destacando-se os edifícios de maior importância que se encontram na envolvente da Loggia renascentista.

O levantamento planimétrico foi efetuado segundo um plano de secção horizontal realizado a 1,50 metros de altura em relação à cota do piso correspondente, o que permite desenhar em corte os elementos mais importantes dos edifícios em estudo e que serão fundamentais para a posterior análise. Do levantamento resultaram três plantas – planta do piso térreo, planta do 1º piso (correspondente ao 1º piso da Loggia) e planta de cobertura. Nestas é possível compreender a espacialidade do conjunto (Igreja, Capela e Loggia) através das paredes estruturais, mostrando como se organiza o espaço interior do edificado na atualidade.

Desenhadas as plantas foram definidos os alçados e secções criteriosamente selecionadas. O desenho dos alçados permite perceber a edificação, a relação altimétrica e os diversos elementos estilísticos do exterior do conjunto, assim como compreender as distintas fases de construção. Para uma melhor análise foram representados os pormenores dos vãos, as várias estereotomias e as diferentes linguagens estilísticas. A representação da estereotomia é realizada com o apoio de fotomontagem, permitindo um

desenho mais rigoroso. No caso do presente trabalho optou-se por desenhar apenas o alçado sul e o alçado oeste visto serem aqueles que permitem visualizar os objetos de estudo (Loggia renascentista e Capela tardo-gótica), em conjunto com a restante edificação.

Através das plantas e das secções é possível realizar uma análise das diversas espessuras de paredes, medidas e métricas, vãos e linguagens estilísticas, distinguindo-se as várias fases de construção do conjunto em estudo.

De modo a complementar estes levantamentos métricos realizou-se ainda um levantamento fotográfico dos alçados do conjunto edificado, o que permitiu a realização de fotomontagens, usando como base os desenhos vetoriais executados anteriormente e aos quais se aplicaram as imagens retificadas. O mesmo processo foi também utilizado nas secções para facilitar a leitura dos vários materiais, demonstrar visualmente as diferenças estilísticas entre as construções em estudo e o estado de conservação atual destas.

Por fim, foi realizado um levantamento fotográfico do geral, de modo a mostrar o território onde o objeto de estudo se encontra inserido (através de fotomontagens panorâmicas), para o particular, pequenos pormenores decorativos ou construtivos e que apoiaram tanto na realização do levantamento métrico como no seu estudo.

Estes levantamentos permitem ter maior a perceção do estado atual do edifício e complementa todo o trabalho executado anteriormente o que permitirá suportar as especulações que serão apresentadas no próximo capítulo.

2.2. Levantamento métrico

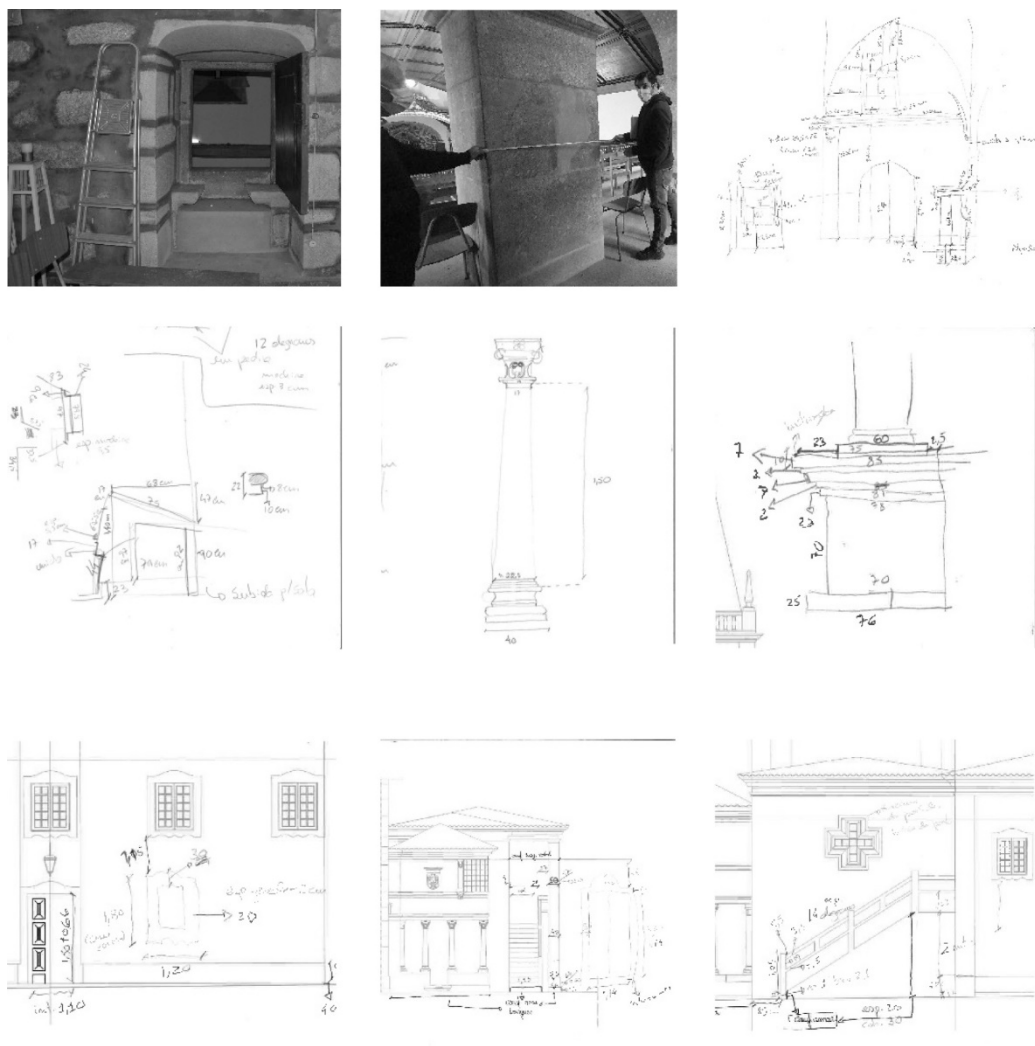


Figura 2.1. Processo do levantamento métrico



Figura 2.2. Ortofotomapa da implantação do conjunto arquitetônico

- 1.Loggia Renascentista - 1545 (conjetural)
- 2.Capela tardo-gótica - início século XVI
- 3.Igreja Paroquial - 1943
- 4.Sacristia e Salão Paroquial - 1943
- 5.Casa do pároco - 1943 (conjetural)
- 6.Anexos - meados do século XX
- 7.Casa Mortuária - 2014
- 8.Adro da Igreja - 1943
- 9.Cemitério - 1899
- 10.Casa da Renda - século XIII (conjetural)

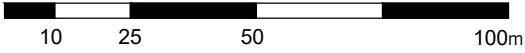


Figura 2.3. Planta de cobertura
Escala 1/200

Rua Padre Justino F. Macieira

Rua

Patricio

Alves

Carneiro

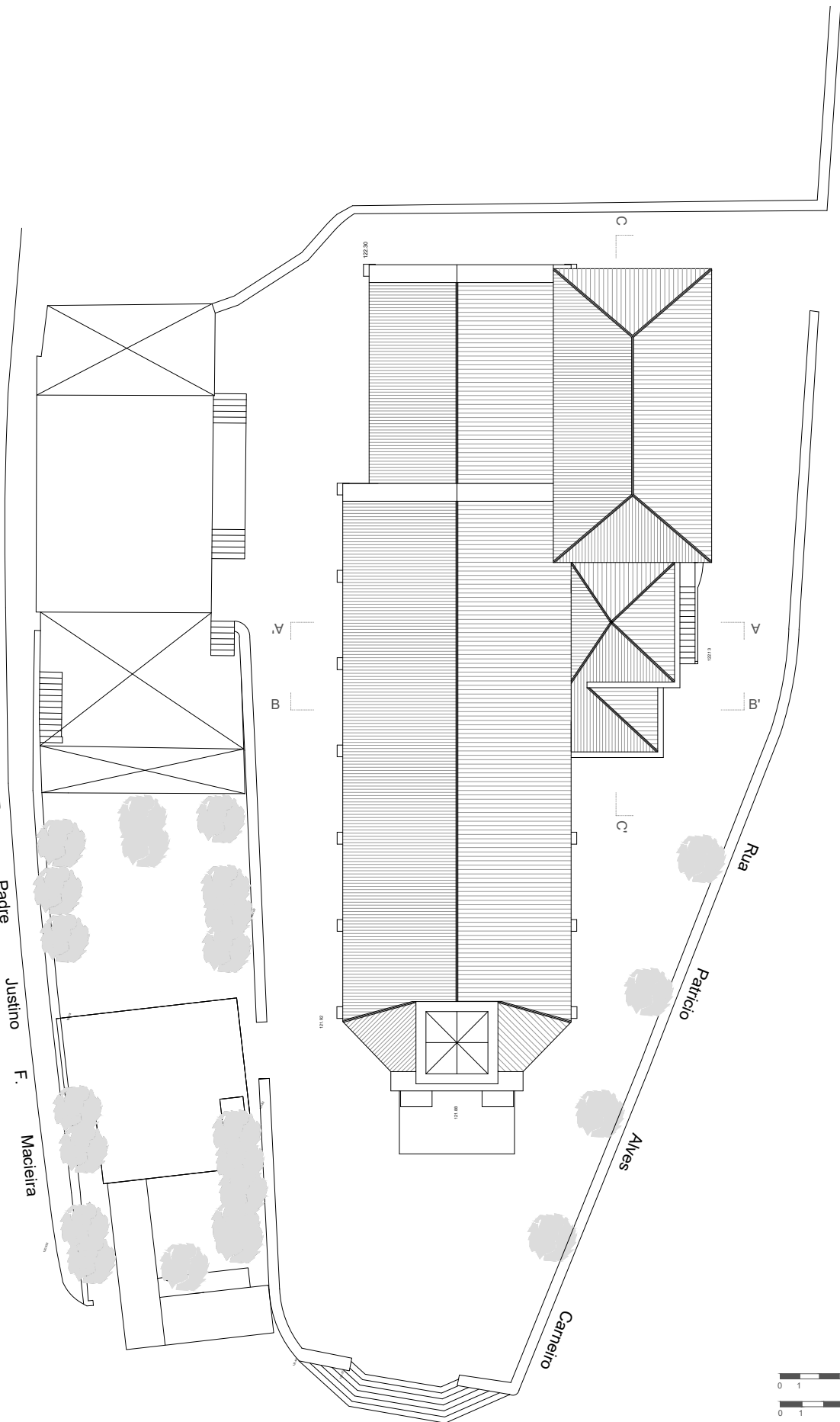
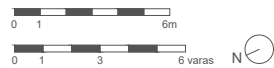


Figura 2.4. Planta piso térreo

Escala 1/200

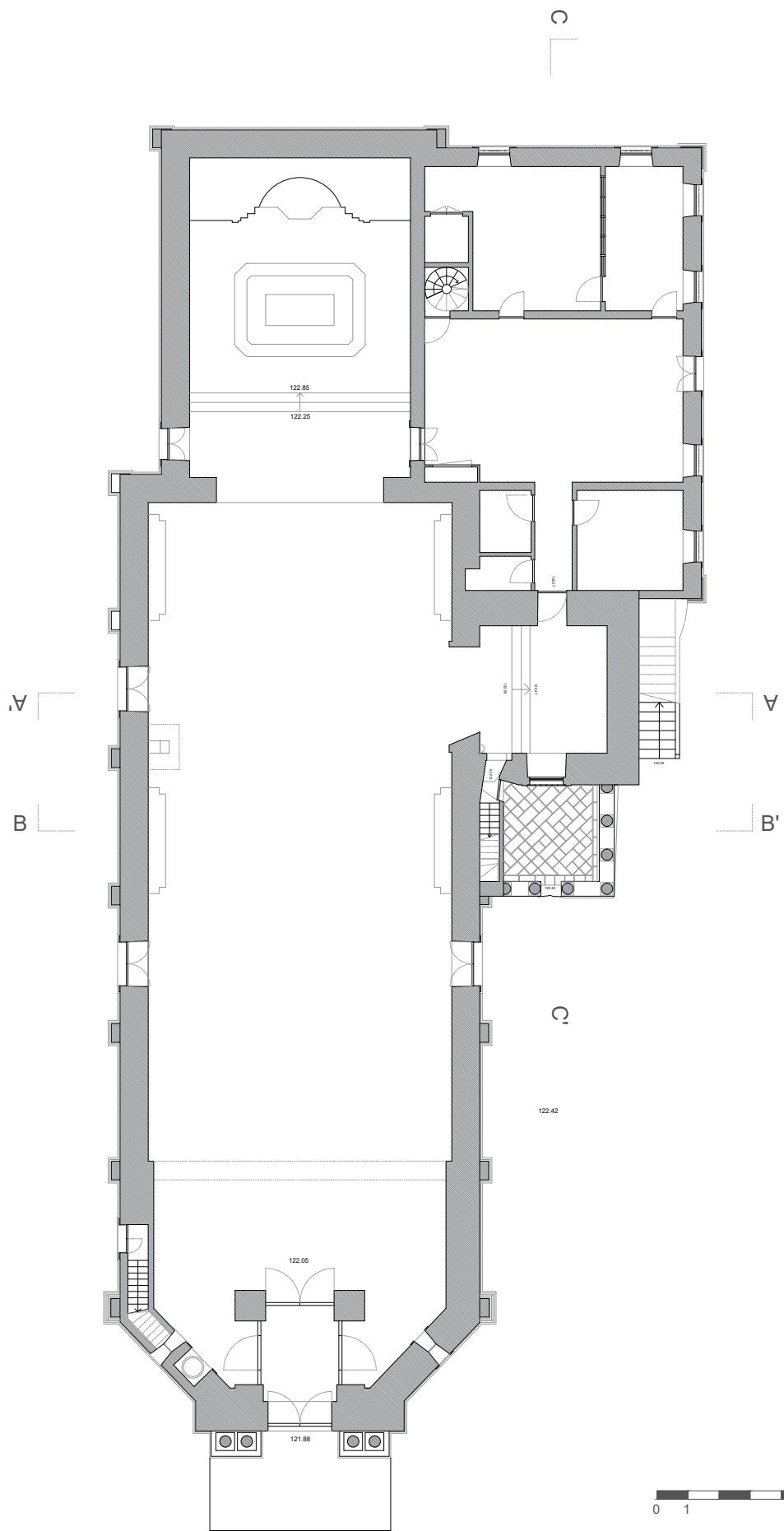
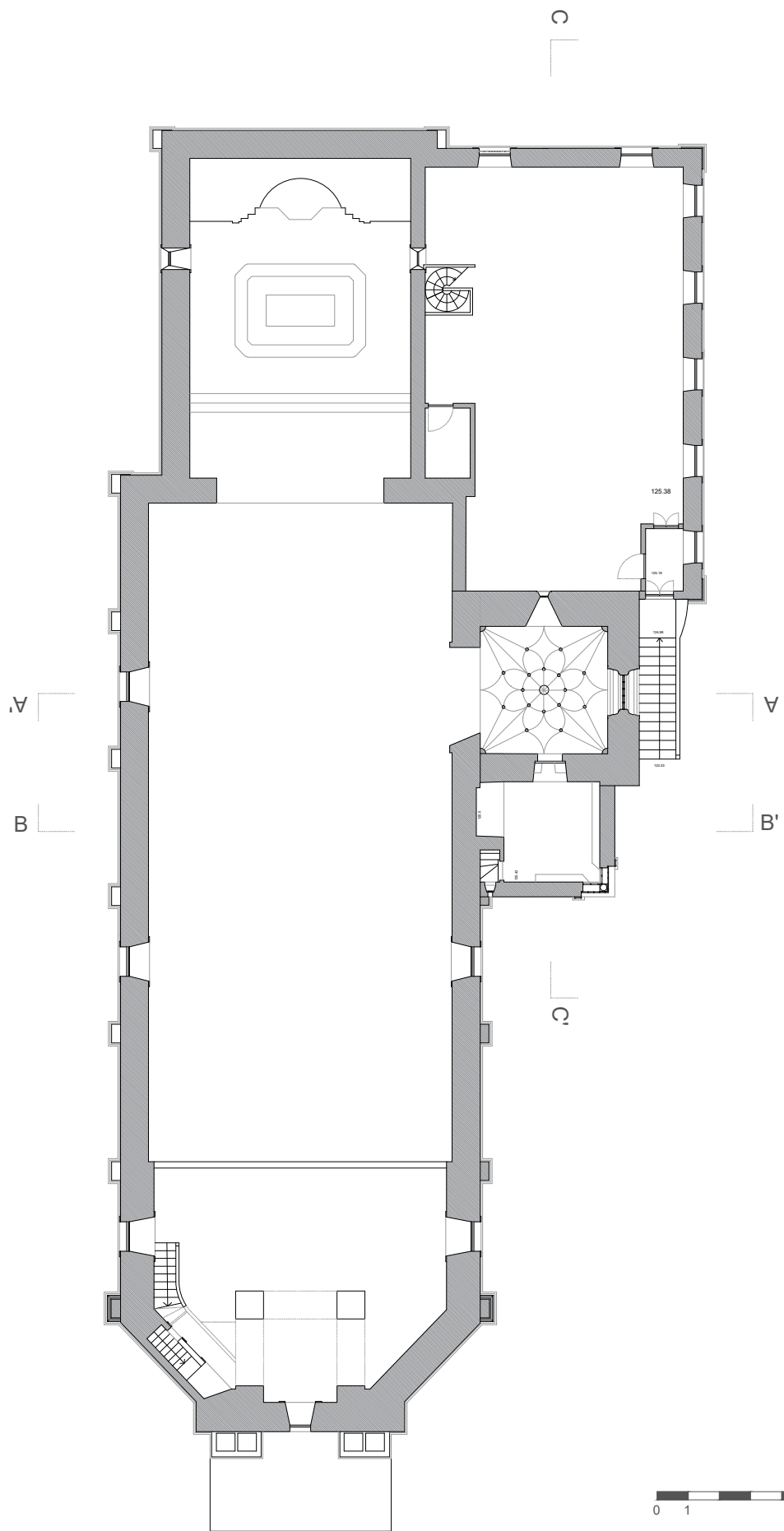


Figura 2.5. Planta do primeiro piso
Escala 1/200



0 1 6m

0 1 3 6 varas



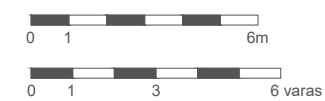
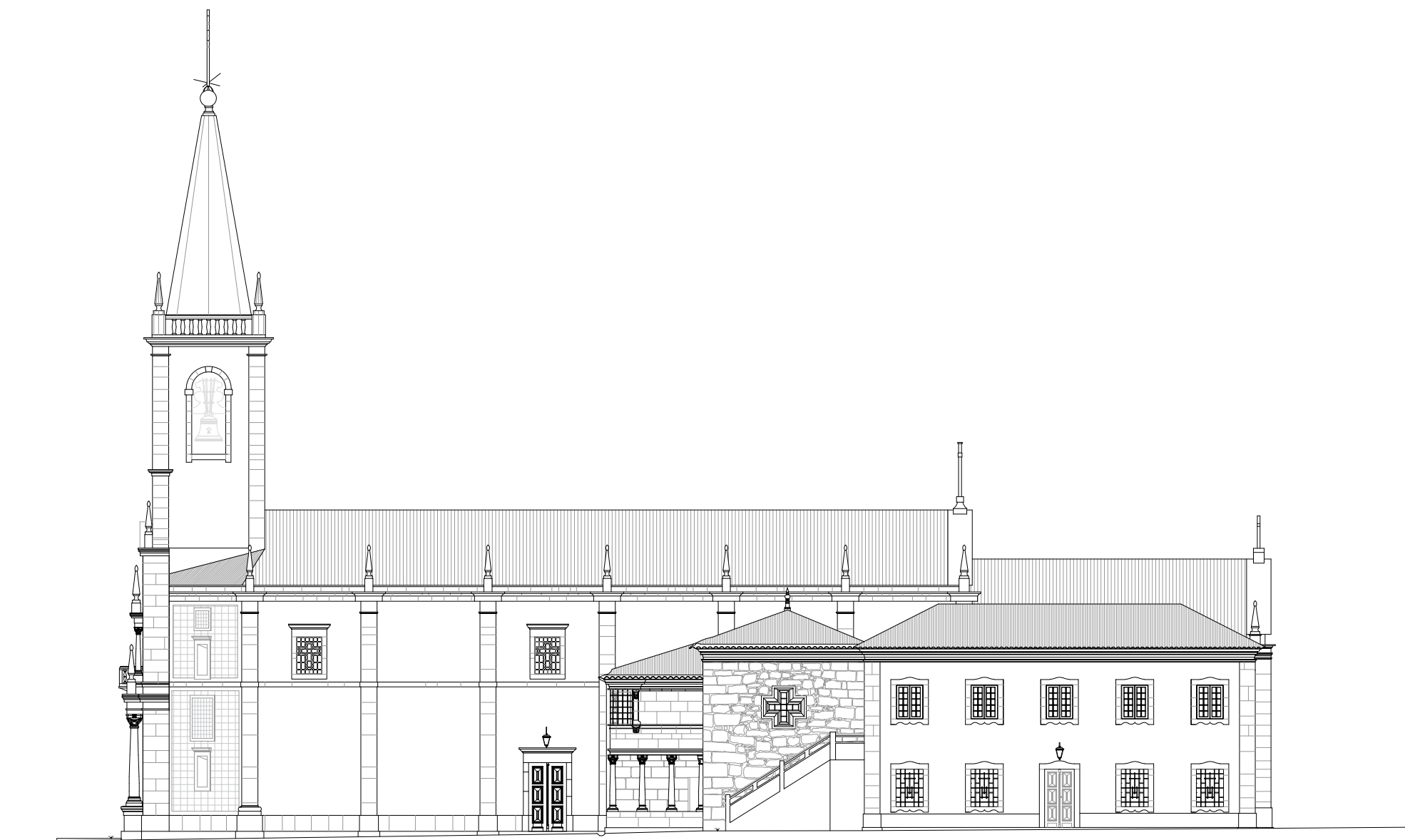
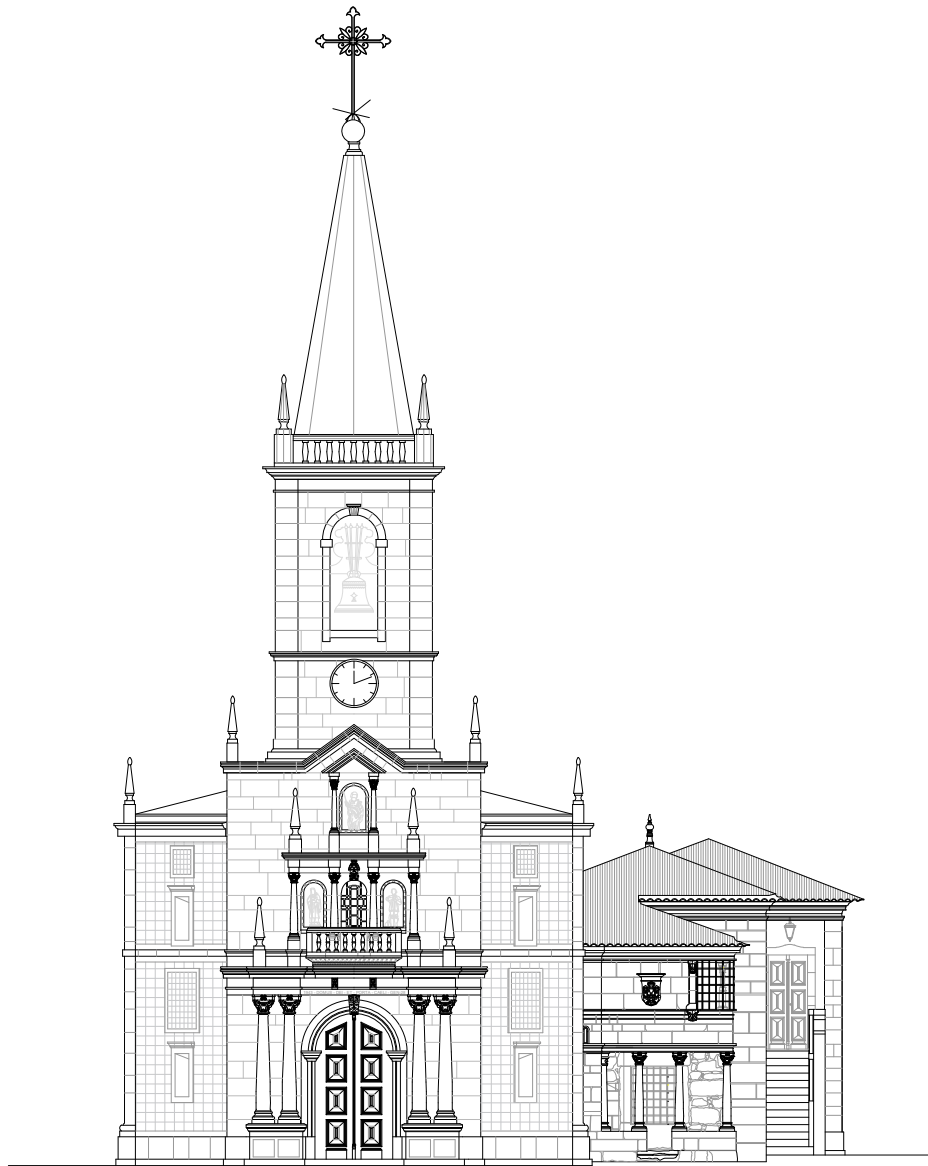


Figura 2.6. Alçado sul

Escala 1/200

Figura 2.7. Alçado oeste
Escala 1/200



0 1 6m

0 1 3 6 varas

Figura 2.8. Secção AA'
Escala 1/200



0 1 6m

0 1 3 6 varas

Figura 2.9. Secção BB'

Escala 1/200

Figura 2.10. Secção CC'

Escala 1/200

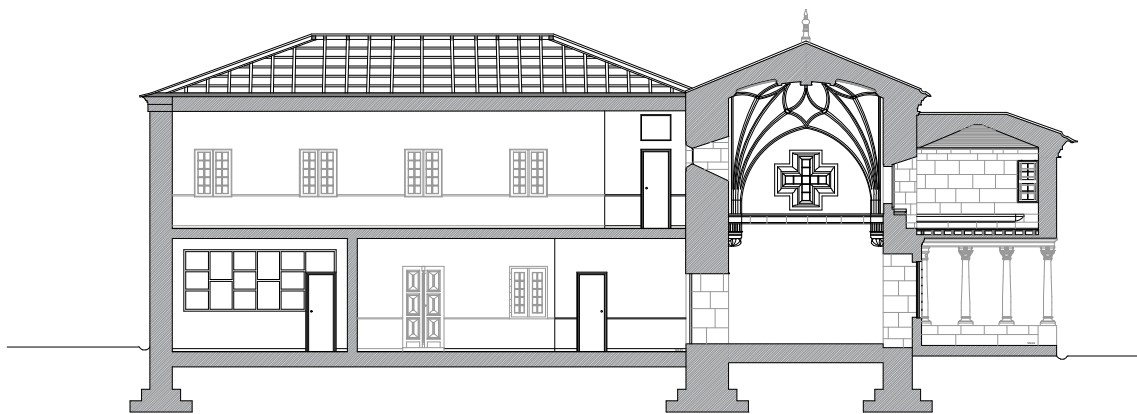
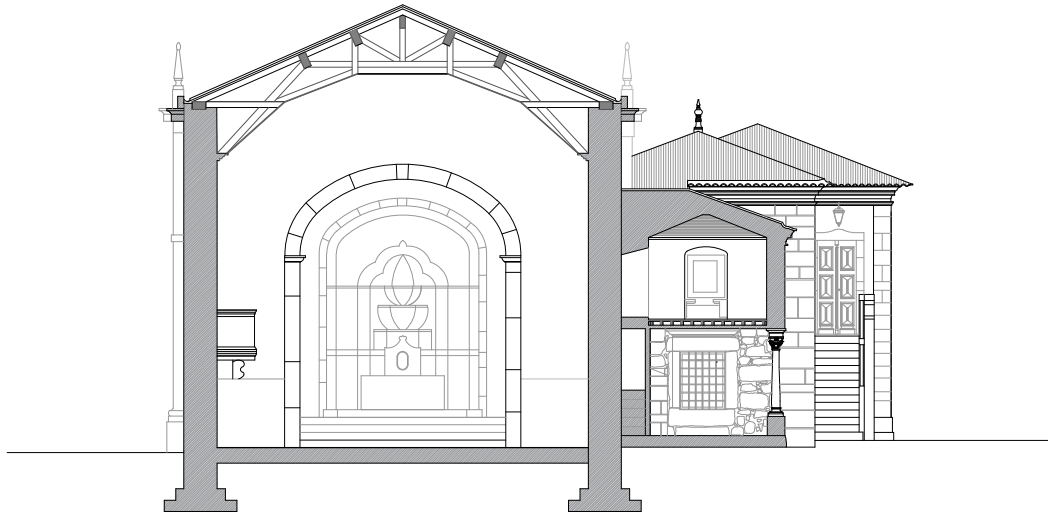
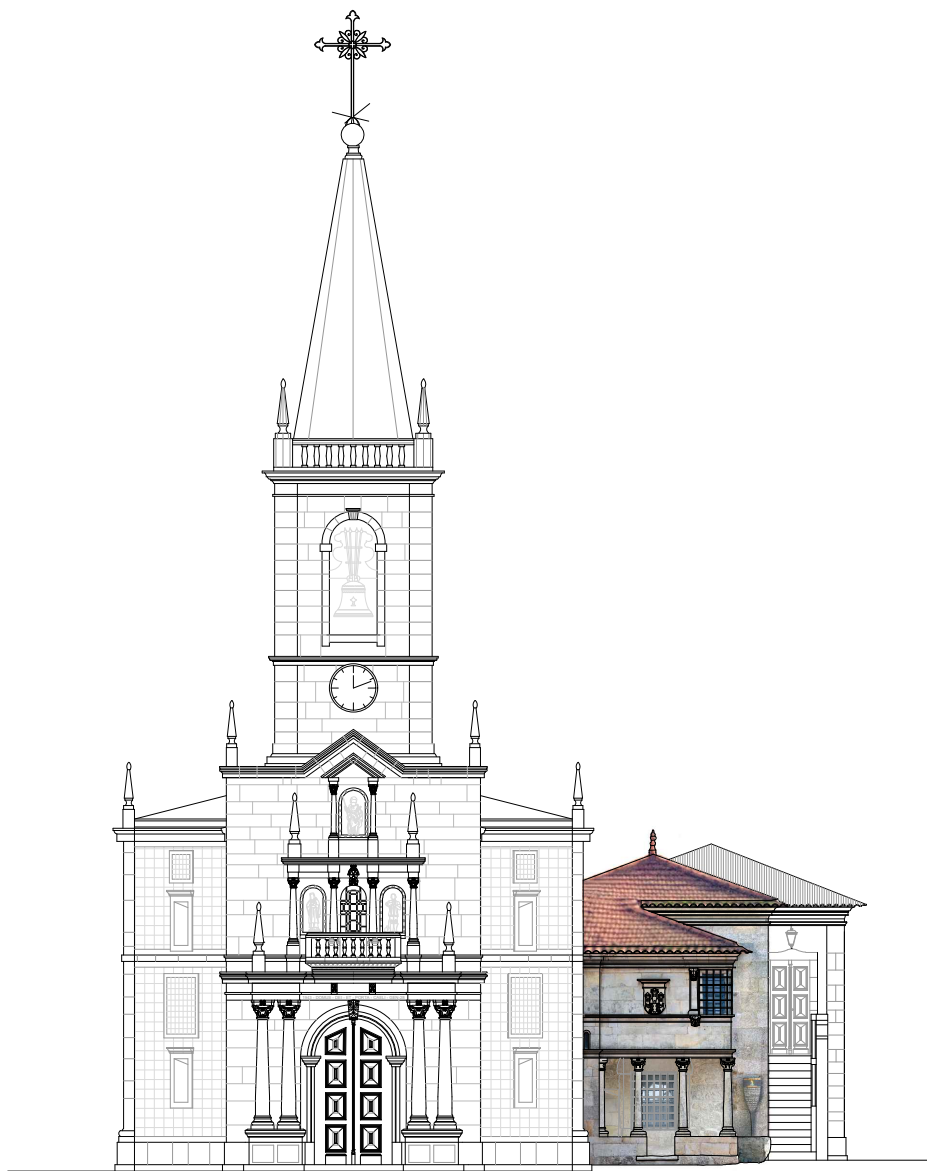


Figura 2.11. Ortoalçado oeste
Escala 1/200



0 1 6m

0 1 3 6 varas

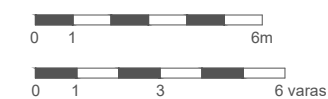
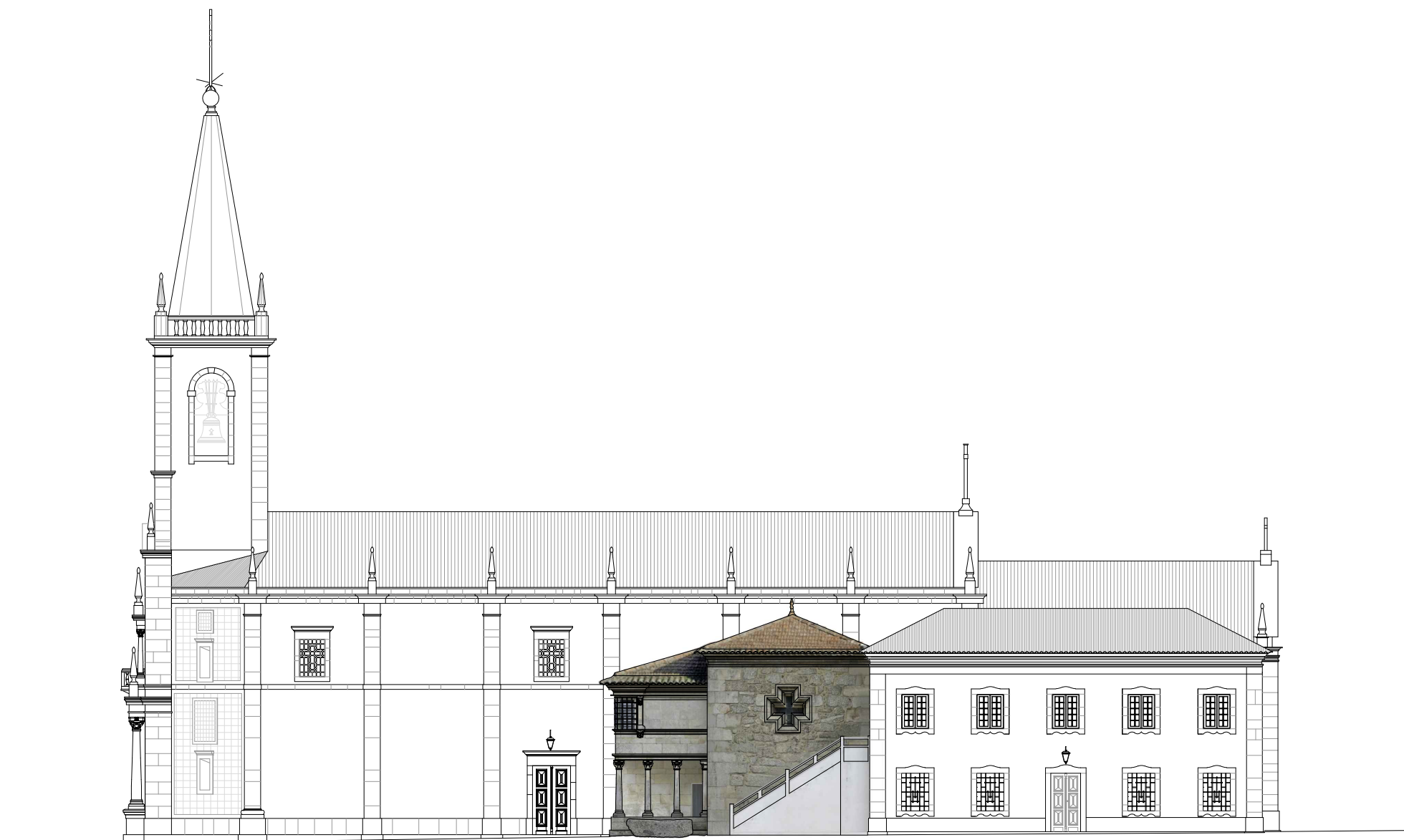


Figura 2.12. Ortoalçado sul
Escala 1/200

Figura 2.13. Planta piso térreo (Loggia e Capela)

Escala 1/50

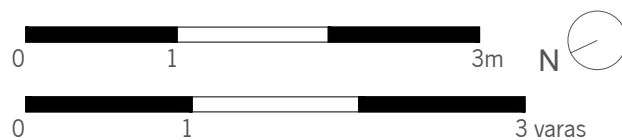
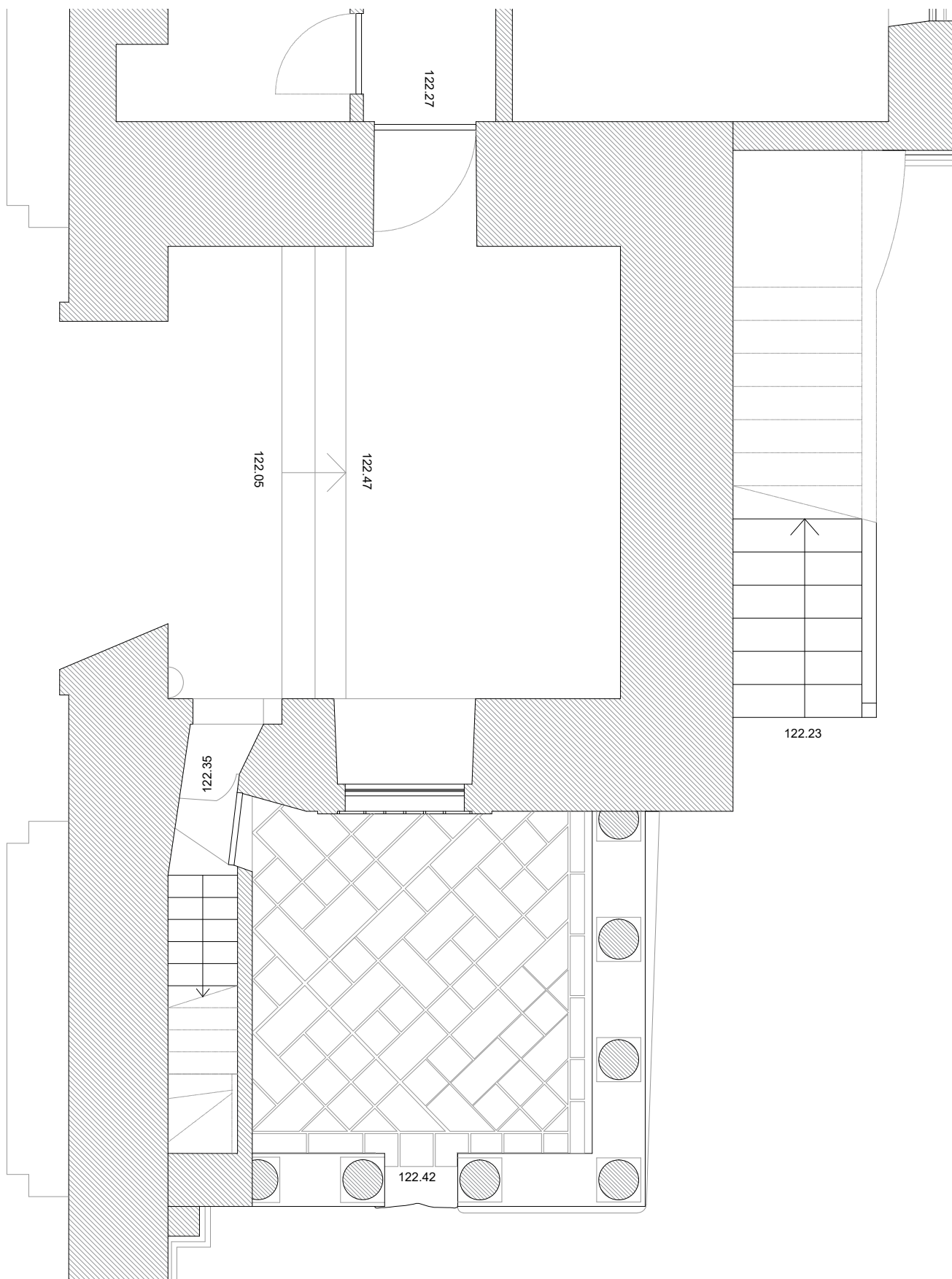


Figura 2.14. Planta primeiro piso (Loggia e Capela)

Escala 1/50

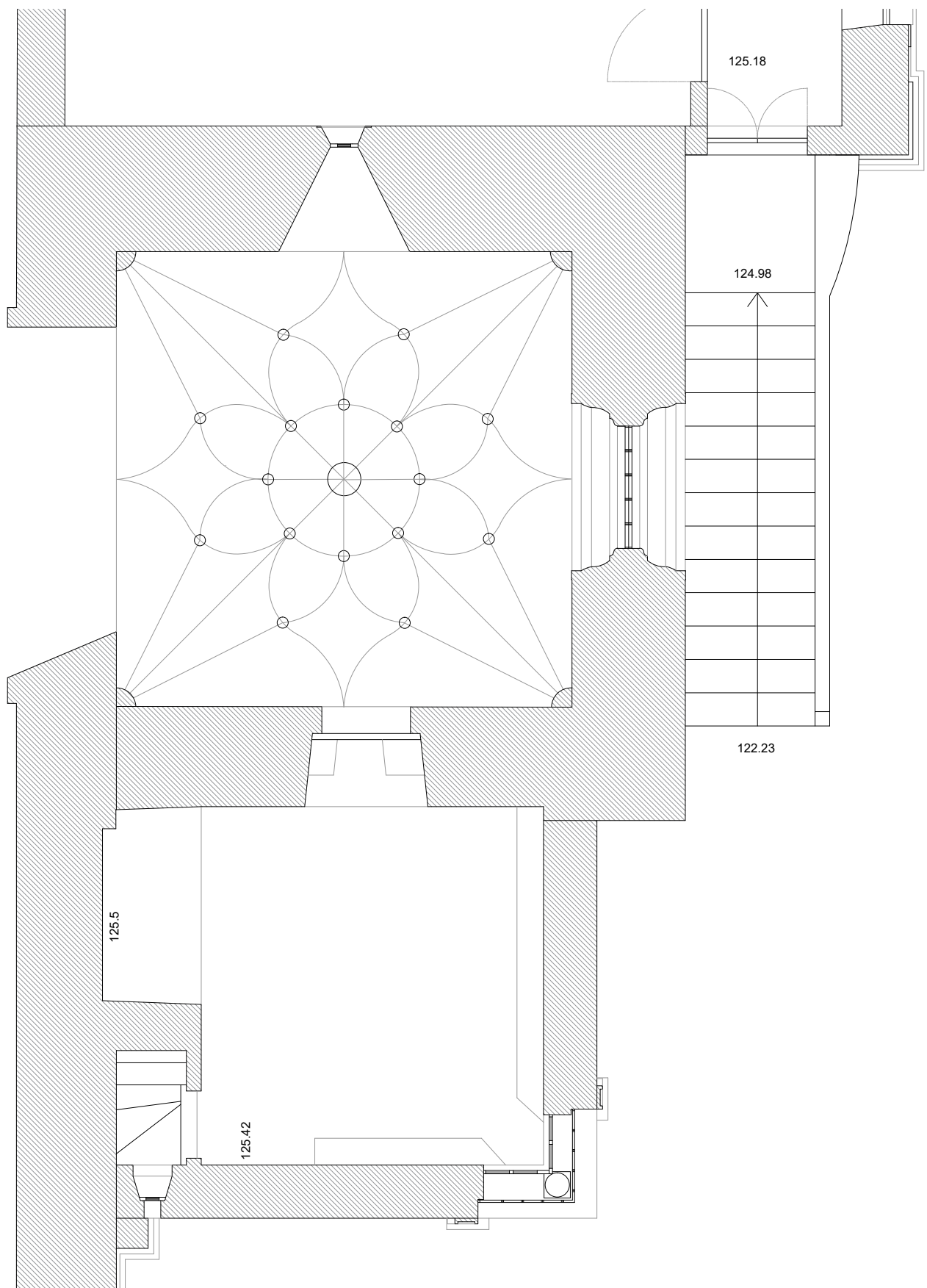
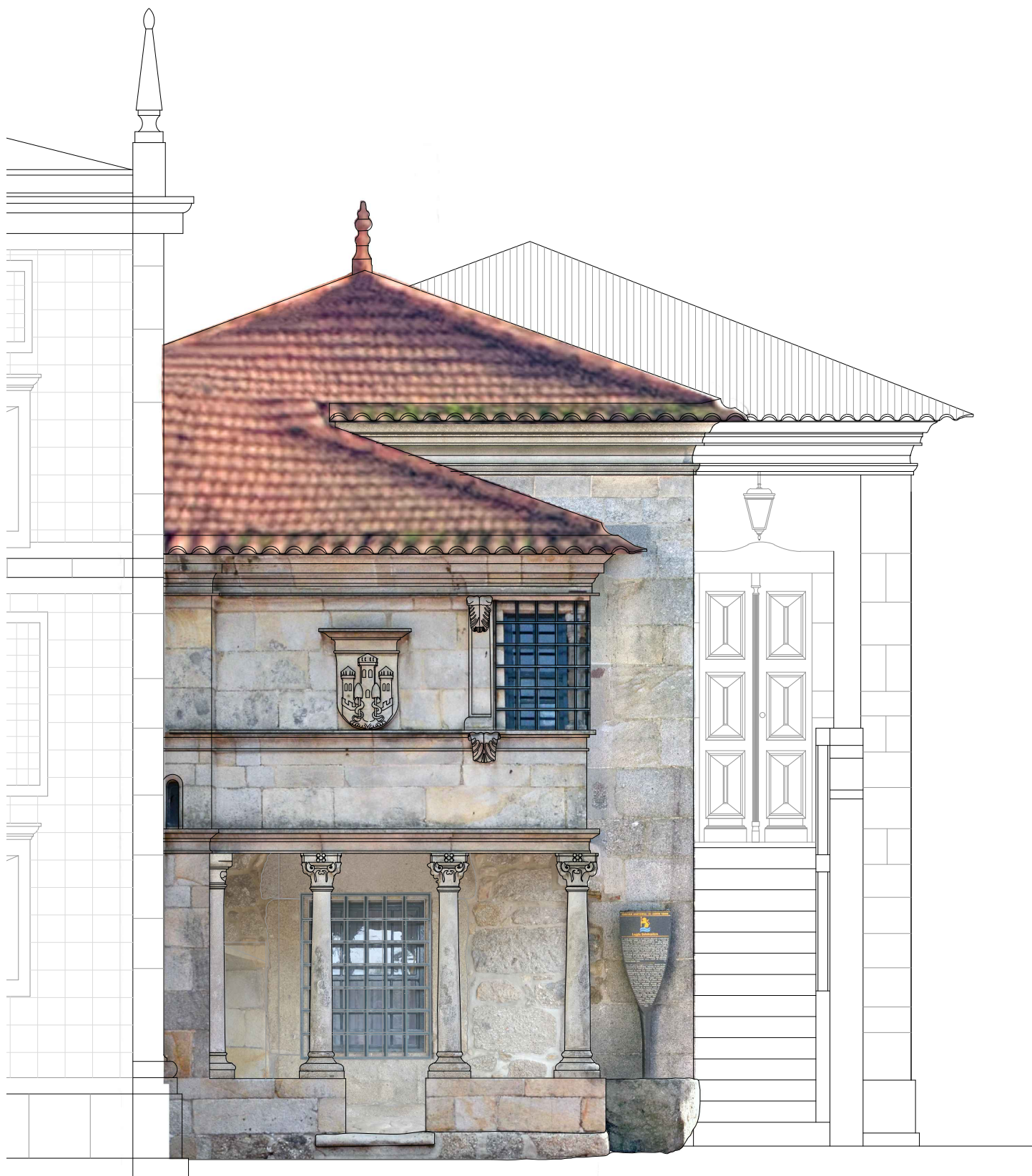


Figura 2.15. Ortoalçado oeste (Loggia e Capela)

Escala 1/50



0 1 3m

0 1 3 varas

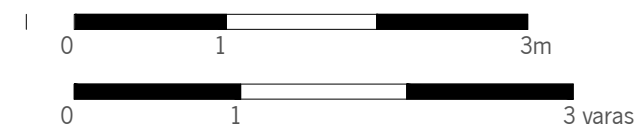


Figura 2.17. Ortoalçado BB'
Escala 1/50





2.3. Levantamento fotográfico

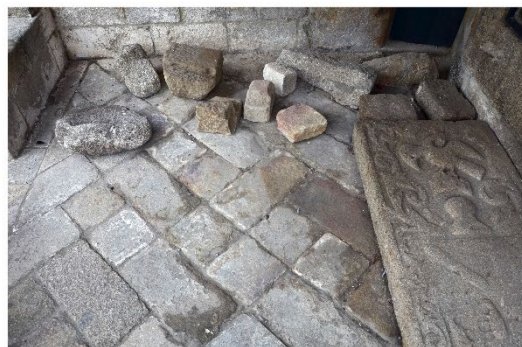




Figura 2.20. Imagens exteriores da Loggia renascentista e da Capela tardogótica



Figura 2.21. Pormenores do exterior da Loggia renascentista e da Capela tardo-gótica



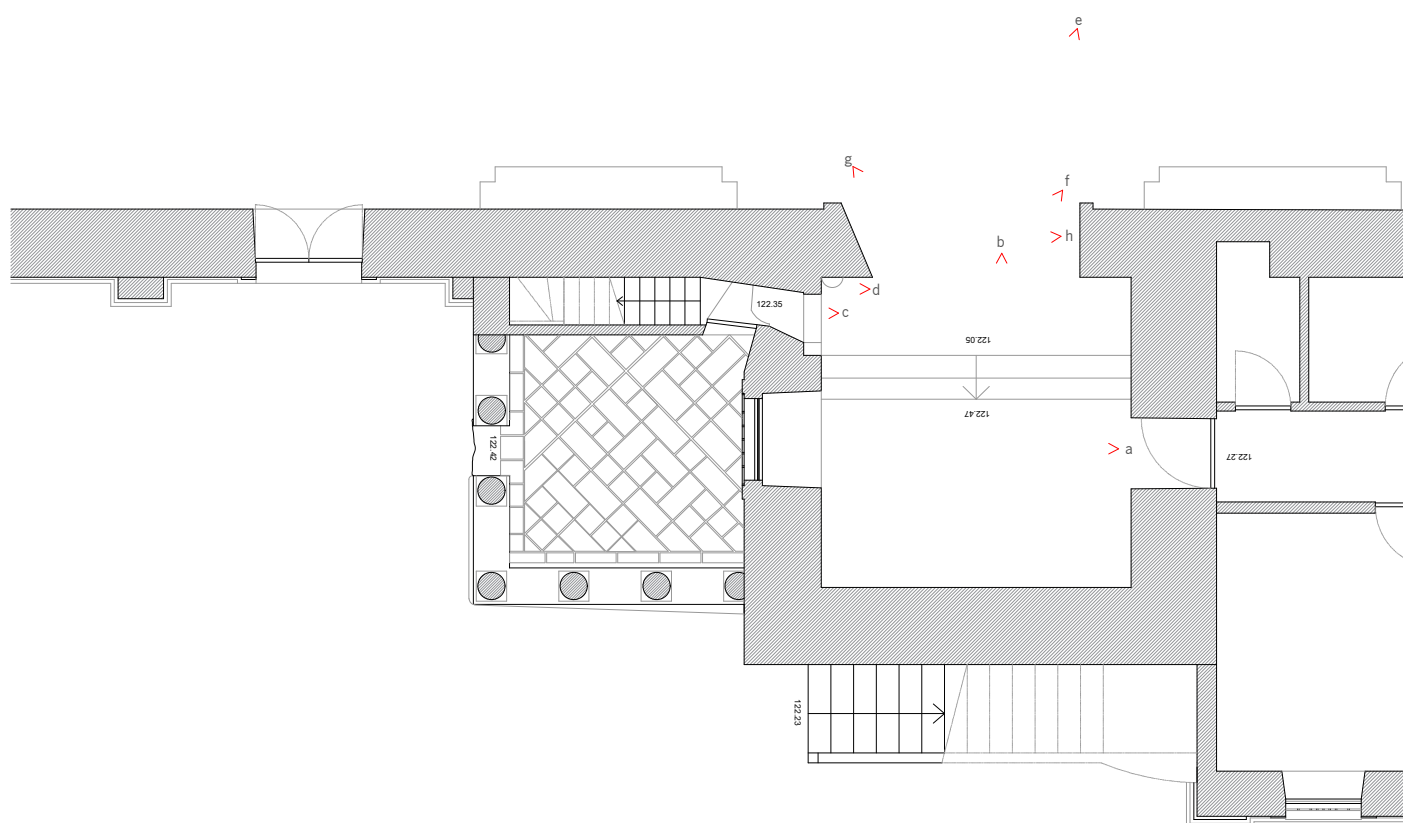


Figura 2.22. Representação esquemática dos elementos apresentados na Figura 2.23



Figura 2.23. Interior da Capela tardo-gótica: (a) Janela entre a Capela e a Loggia; (b) Retábulo do Santíssimo Sacramento e vista parcial da abóbada; (c) Escadas de acesso para o sobrado da Loggia; (d) Pormenor decorativo da Capela; (e) Vista da Capela desde o altar-mor da Igreja; (f) Alçado interior sul da Capela; (g) Alçado interior norte da Capela; (h) Pormenor construtivo no arranque do arco da Capela

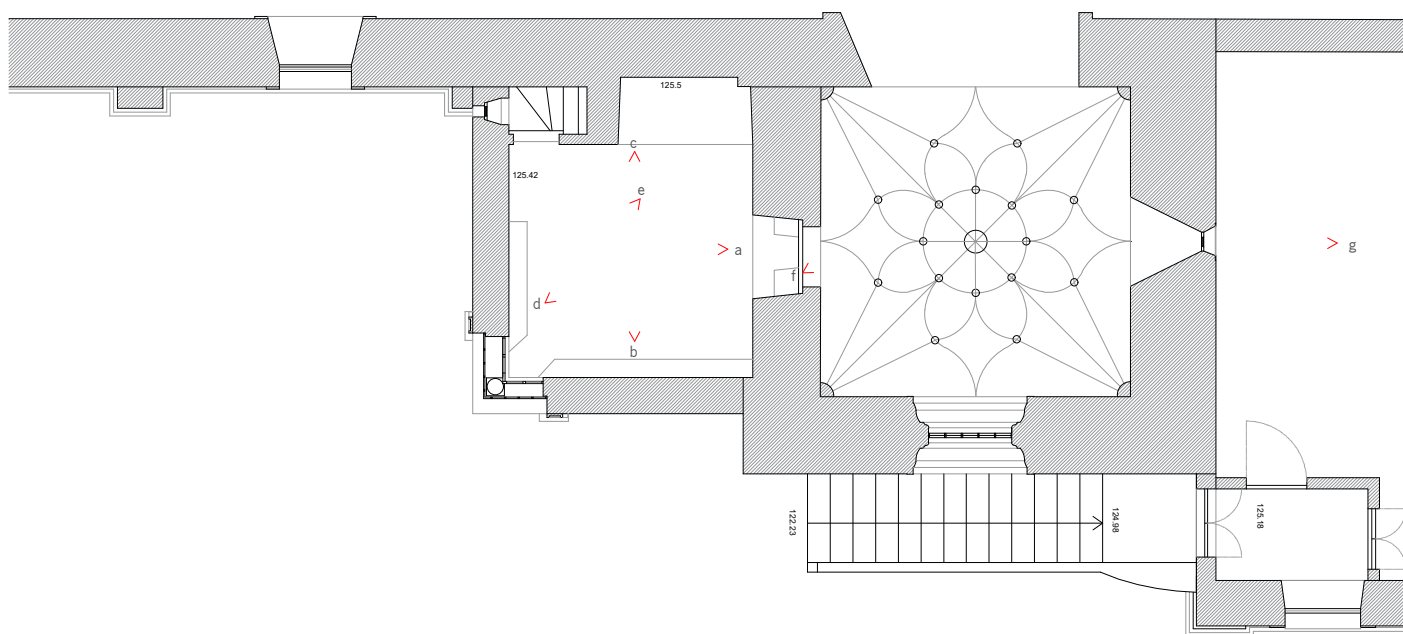


Figura 2.24. Representação esquemática dos elementos apresentados na Figura 2.25



(a)



(b)



(c)



(d)



(e)



(f)



(g)

Figura 2.25. Interior do primeiro piso da Loggia renascentista: (a) Alçado interior oeste da Loggia (pormenor brasão); (b) Entrada de acesso ao sobrado; (c) Alçado interior sul da Loggia; (d) Alçado interior entre a Loggia e a Capela, com pormenor do balcão; (e) Pormenor da janela angular e do teto tipo saia-camisa; (f) Vista para a Capela através do balcão do piso superior da Loggia; (g) Fresta visível no interior do Salão Paroquial da Igreja



Figura 2.26. Detalhes do exterior e do interior da Loggia renascentista e da Capela tardo-gótica

CAPÍTULO 3. DA TEORIA DO DESENHO COEVO À LEITURA DO CONSTRUÍDO

3.1. Análise do conjunto arquitetónico

Concluído o levantamento do conjunto em análise, bem como explorado o contexto coevo, pretende-se aqui analisar o conjunto arquitetónico, fazendo transparecer as sucessivas transformações, adições e subtrações que o conjunto atravessou ao longo das épocas. Todos os elementos construtivos visíveis na atualidade configuram a mais importante base documental para a compreensão e a (re)construção da história do vocabulário arquitetónico e configuração do conjunto.

Esta análise só é possível a partir dos dados até aqui apresentados a par de uma exaustiva recolha do acervo fotográfico que documenta as transformações ocorridas a partir do século XX, bem como os dados arqueológicos e documentais recentemente descobertos.

Da observação direta do objeto é possível, logo a partir do adro, confirmar a sobreposição de distintos elementos, reflexos de diferentes campanhas construtivas e gostos (do exotismo manuelino ao classicismo italiano). A observação de todas estas evidências permite gerar questões que orientaram a especulação do edifício e que, no final, remeteram à consideração de três fases.

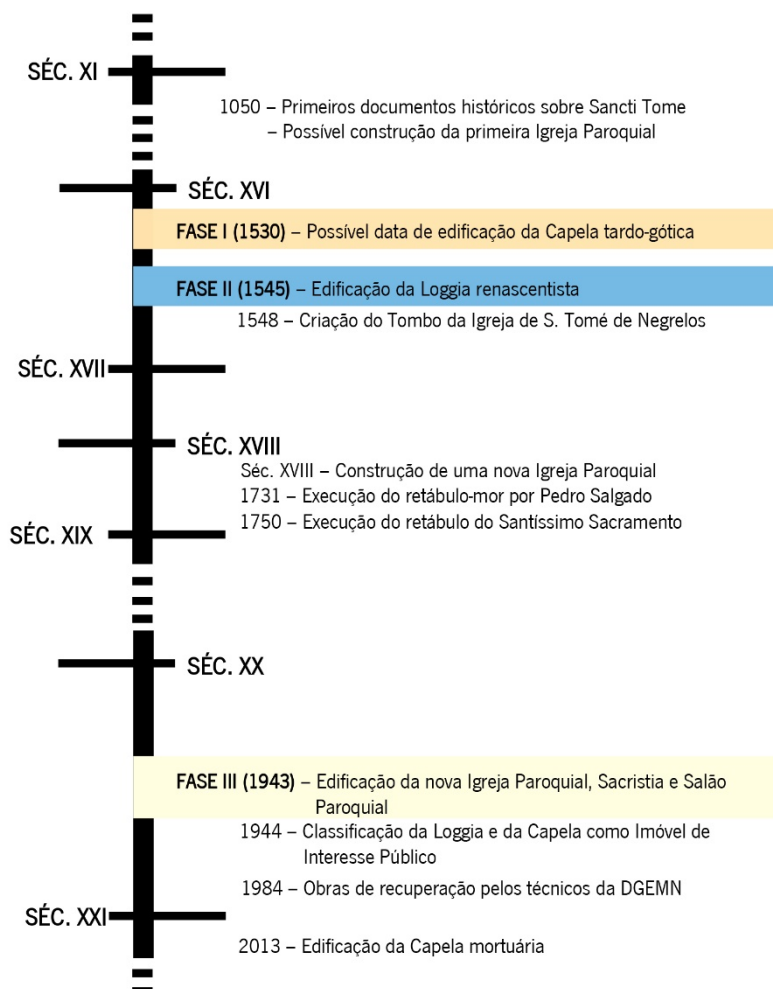
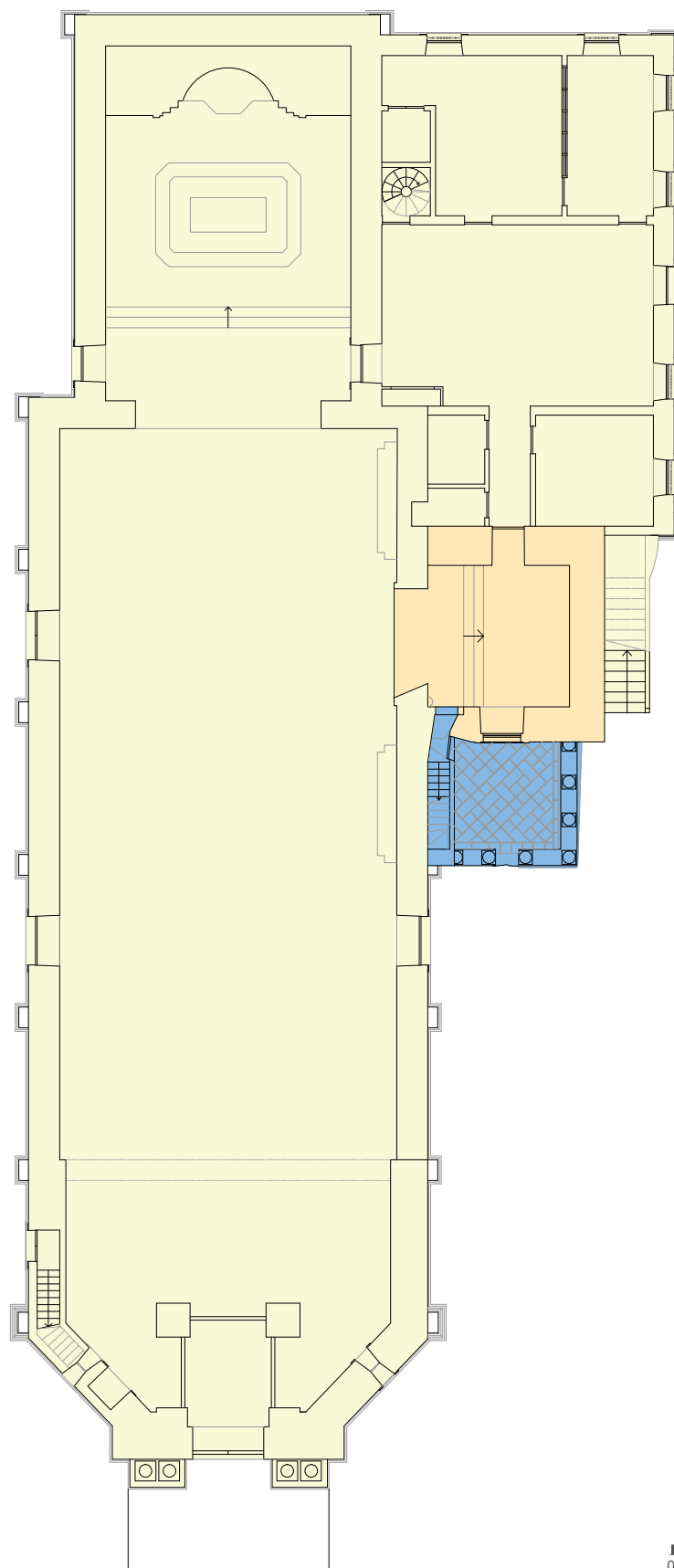


Figura 3.1. Planta com as três fases construtivas existentes na atualidade

Escala 1/200



0 1 6m

0 1 3 6 varas



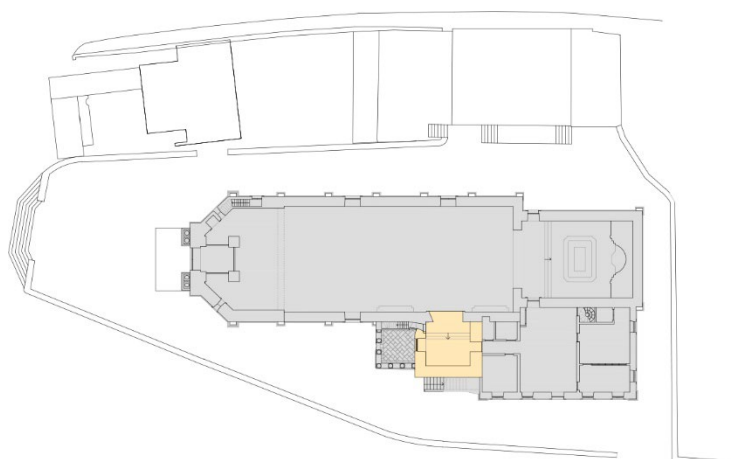
FASE I

Capela tardo-gótica – década de 30 do século XVI



Figura 3.2. Interior da Capela tardo-gótica (www.monumentos.pt acedido a 19 de junho de 2020)

FASE I
Capela tardo-gótica



A capela tardo-gótica/manuelina revelou ser, seja por via do levantamento, seja pelas escassas referências documentais, o edifício com características arquitetónicas mais antigas, sendo ainda referenciado no artigo de Ricardo Silva⁵⁷ como sendo um pouco mais tardia à Capela dos Coimbras, em Braga (1525-1528). (Figura 3.3.)

Apesar de não haver muitas referências documentais que o comprovem, pensa-se que nesse mesmo local, haveria uma pequena igreja paroquial⁵⁸, à qual, possivelmente, teria sido acoplada esta capela, cuja função e localização relativamente à igreja ainda não conseguiram ser apuradas.

No exterior, o corpo da capela caracteriza-se por uma grande simplicidade, de aparência robusta e paredes graníticas de elevada espessura, superiores a 1 metro, aproximando-se de uma das medidas usadas no século XVI, a vara, sendo a parede este a que possui uma espessura com um valor mais próximo (1,12m).

Através da leitura do alçado sul da Capela, constata-se que o aparelho das paredes apresenta uma grande irregularidade⁵⁹, excetuando-se nos cunhais que, habitualmente eram concebidos por blocos regulares de modo a definir a estrutura e reforçar a estabilidade do edifício. É ainda de referir que até ao ano de 1984, ano em que a DGEMN realizou intervenções de conservação e restauro, este alçado se encontrava rebocado de branco, não se podendo confirmar se este teria sido colocado, de início, na construção primitiva. A linha de reboco, conforme pode ser constatado pelas Figuras 3.4 e 3.5, e ao contrário do que se encontra na maioria dos edifícios coevos, é autónoma em relação ao recorte da pedra emparelhada, originando uma forma longitudinal, linear e regular desde a base ao topo do edifício. Este alçado, apresenta ainda uma janela cruciforme, não visível no interior da Capela devido à existência do retábulo em honra do Santíssimo Sacramento, construído em 1750, cuja autoria se desconhece, mandado construir por Gregório Ferreira d'Eça, administrador da Capela à data, por exigência do arcebispo de Braga, D. José de Bragança, numas das suas visitas às paróquias das dioceses do

⁵⁷ SILVA, Ricardo Jorge Nunes da Silva – “Os abobadamentos pétreos na arquitectura tardo-medieval do Ciclo Bracarense – a influência do Norte de Espanha (Burgos)”. In *Convergências*, nº1, Maio, 2009. Acedido a 17/01/2021 no sítio da internet: <http://convergencias.esart.ipcb.pt/?p=article&id=18>

⁵⁸ PINHEIRO, Luís Gonzaga Martins (Pe.) – “À Roda de Negrelos”, 1957, p.23 – refere que existem documentos sobre a freguesia de Negrelos desde o século XI, nos quais se incluíam, muito provavelmente, algumas informações sobre a existência dessas mesmas igrejas

⁵⁹ Esta característica é comum nos edifícios que posteriormente seriam rebocados, apenas deixando a descoberto os cunhais.

arcebispado⁶⁰. Esta janela, analisada por José Ferrão Afonso, denominada por este como uma fresta cruzetada e exibindo molduras com a mesma expressividade das *tabulae ansatae* existentes na Igreja da Foz⁶¹, apresenta um biselado de grande perfeição, pormenor e, talvez, de grande elaboração comparativamente com os vãos de outras construções do mesmo período. Contudo, as *tabulae ansatae* são um vocabulário de influência clássica, muito característico de Cremona, desenvolvido juntamente com D. Miguel da Silva, o que faria com que houvesse uma intervenção deste, anterior à Loggia, na Capela tardo-gótica, o que seria muito improvável.

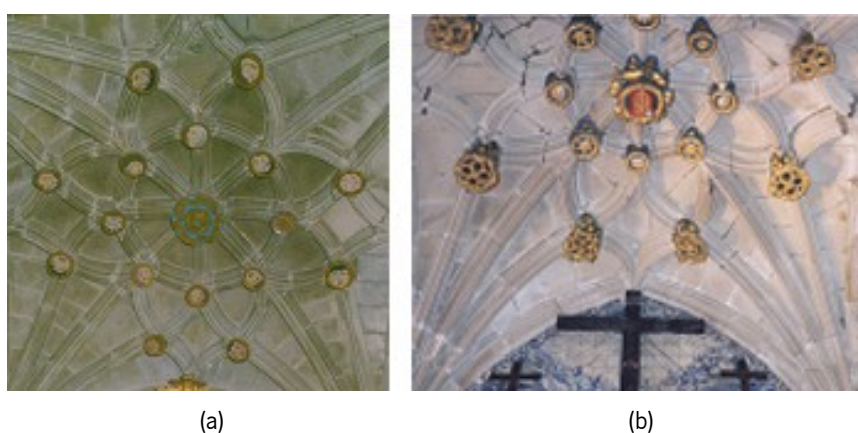


Figura 3.3. (a) Capela tardo-gótica de S. Tomé de Negrelos (b) Capela dos Coimbras em Braga (SILVA, 2009, p.4)

⁶⁰ CORREIA, Francisco Carvalho – A Igreja Matriz de S. Tomé de Negrelos. In Ecos de Negrelos n°195, agosto/setembro de 1997 p.11.

⁶¹ AFONSO, José Ferrão – A Herança do Muratore, 2018, p.123

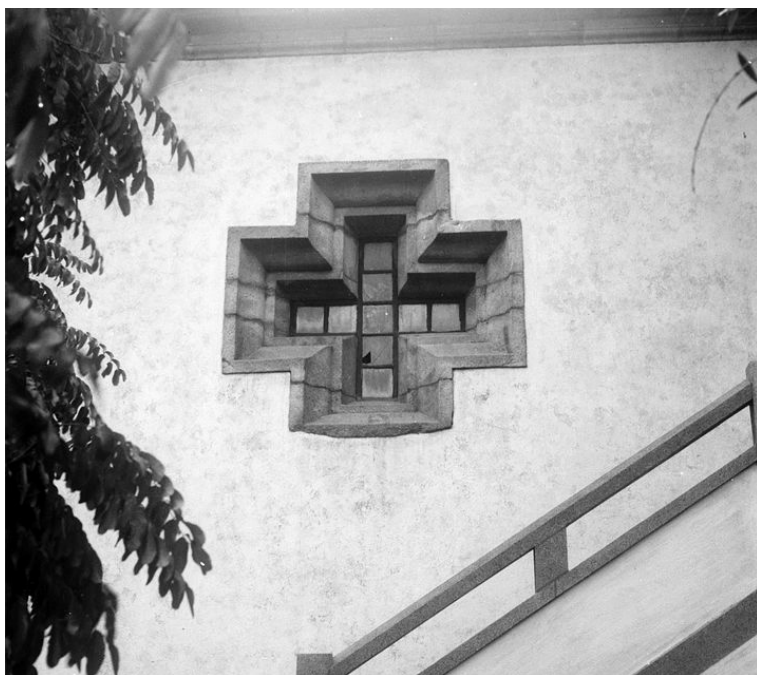


Figura 3.4. Alçado sul da Capela tardo-gótica – janela cruciforme
(www.monumentos.pt acedido a 19 de junho de 2020, fotografia de 1983)



Figura 3.5. Alçado sul da Loggia e cunhal da Capela tardo-gótica
(www.monumentos.pt acedido a 19 de junho de 2020, fotografia de 1983)

Os restantes alçados - este e oeste - são de mais difícil análise devido às construções contíguas, edificadas *à posteriori*. Mas, apesar da edificação da Loggia não permitir a completa leitura do alçado oeste da capela, é ainda possível, no piso inferior desta, confirmar-se que o aparelho da parede possui as mesmas características do alçado referido anteriormente, ou seja, aparelho de pedra ordinária, por oposição à regularidade e emparelhamento do cunhal. Por fim, o alçado este, devido à construção da igreja e respetiva sacristia e salão paroquial, em 1943, ficou completamente oculto, excetuando uma fresta (Figura 3.7) com a respetiva moldura que permaneceu visível no segundo piso do edifício de apoio à Igreja, mais precisamente, no salão paroquial.

Através do levantamento foi possível verificar que a transição da Igreja paroquial para a Capela do Santíssimo Sacramento, projetada numa planta quadrangular de aresta de cerca de 3 ½ varas, é realizada através de um arco de volta perfeita assimétrico, onde a face do umbral direito é oblíquo ao plano de parede, torcendo igualmente o intradorso do arco, de modo a obter-se concordância das suas superfícies, conforme se verifica na Figura 3.8. Não obstante, a construção deste elemento poder-se-á dever a condicionalismos de acerto entre a modulação da anterior igreja e o espaço interno da Capela. As condições de visibilidade do retábulo do Santíssimo Sacramento a partir da entrada principal ou lateral da Igreja não foram comprovadas após traçado este alinhamento sobre o esquema da evolução construtiva (Figura 3.6). Neste arco, em ambos os lados, observa-se ainda a inserção de pequenas pedras no seu arranque, quebrando a regularidade da alvenaria deste, das quais não se obtiveram conclusões definitivas. (Figura 3.9). Estes entalhes parecem corresponder ao chumbamento de ferragens, remetendo para a possibilidade da existência de uma grade de separação entre o espaço da Igreja e o da Capela. Este elemento, combinado com a presença de uma sanefa, provavelmente do século XVIII e ainda existente, reforçam a hipótese de esta ter sido mandada erigir como capela privada.

Os alçados interiores mantêm-se rebocados de branco, excetuando o friso de granito, onde assentam as mísulas da abóbada e alguma alvenaria existente junto às duas janelas, possivelmente, como parte integrante da construção original da capela – a fresta, referida anteriormente, bem como a janela ao nível do rés-do-chão, existente no alçado oeste e que se abre para a Loggia. Neste mesmo alçado é ainda possível verificar a existência de duas aberturas, construídas numa fase posterior – porta de acesso ao segundo piso da Loggia e um balcão sobre a Capela. Este serviria para a nobreza e o alto clero assistir às cerimónias religiosas, sendo talvez, por essa razão, conhecida, ainda hoje, como “Janela do Bispo”, descrita no primeiro capítulo.

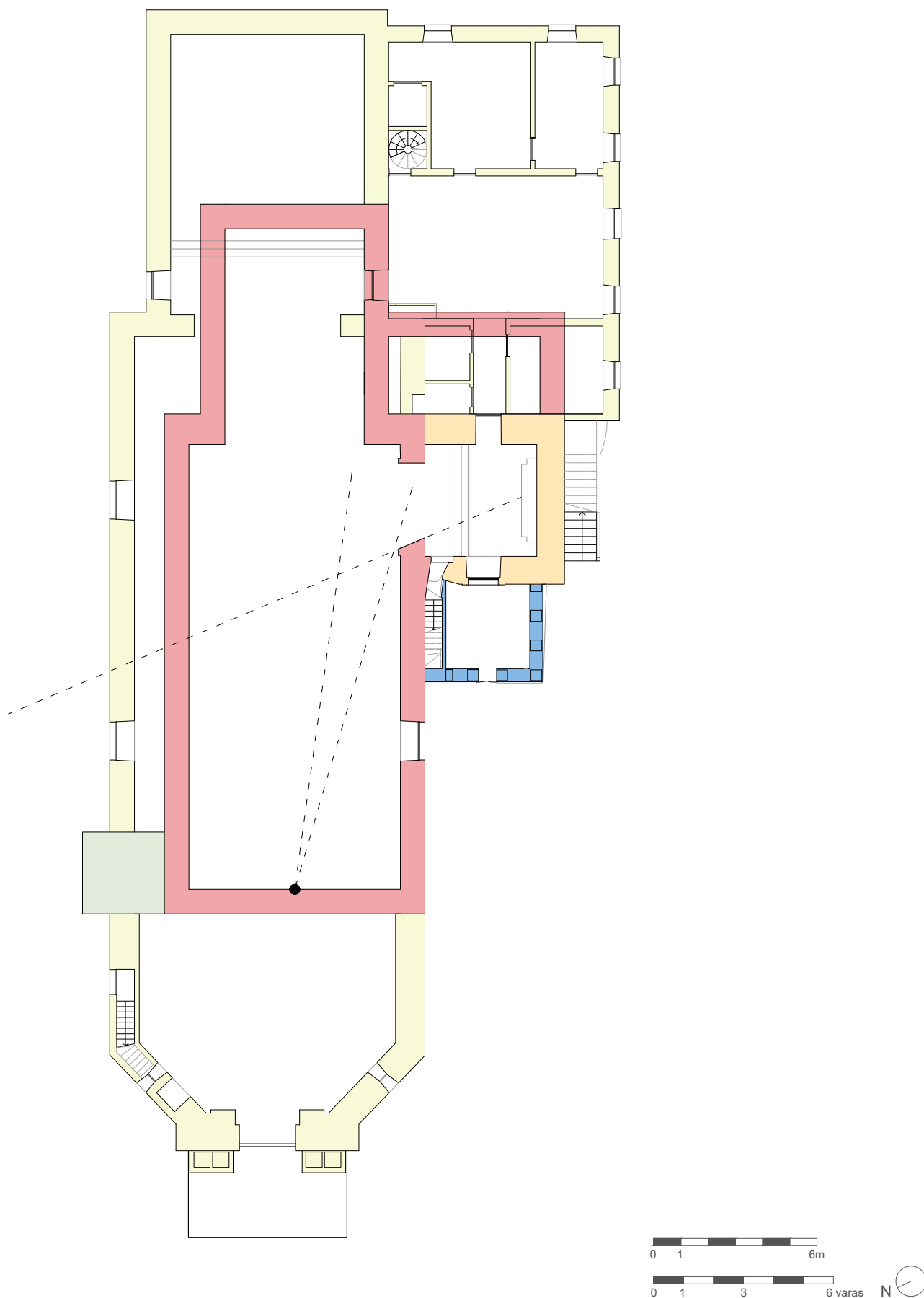


Figura 3.6. Proposta da planta da Igreja do século XVIII sobreposta à planta da Igreja de 1943 – alinhamentos visuais desde a entrada principal e desde o arco da Capela tardo-gótica (Escala 1/200)



Figura 3.7. Fresta da Capela tardo-gótica vista do Salão Paroquial



Figura 3.8. Acesso interior à Capela tardo-gótica
(www.monumentos.pt acedido a 19 de junho de 2020)



Figura 3.9. Pormenor no arranque do arco



Figura 3.10. Abóbada de combados e fresta vista do interior da Capela tardo-gótica

No interior desta capela é ainda possível analisar um dos elementos mais relevantes para o trabalho em questão, a ser analisado posteriormente com mais pormenor a nível geométrico – a abóbada de combados castilhana.

Esta abóbada, a par de outras no Norte de Portugal, introduz novidades formais e técnicas construtivas trazidas pelos mestres espanhóis, essencialmente da zona de Burgos, Biscaia e Galiza, entre os quais se destaca João de Castilho.

Assim, de acordo com os princípios castilhanos e com base no estudo geométrico realizado por Ricardo Silva (2009) para a abóbada da capela-mor da Sé de Braga, replicou-se o mesmo para a abóbada de S. Tomé de Negrelos, verificando-se que esta segue a base geométrica que João de Castilho trouxera do Ciclo de Burgos e que foi aplicada em diversas construções.

Observando o esquema representado na Figura 3.11, verifica-se a composição de uma abóbada estrelada, ou seja, um plano quadrado com o desenho dos respetivos elementos – diagonais, terceletes e ligaduras (a). Nesta base é inscrito um quadrado, cujos vértices coincidem com o centro da aresta do quadrado (b), desenhando-se, posteriormente, um traçado com linhas verticais e horizontais, dividindo o quadrado em nove partes iguais (c). Após os traçados anteriormente referidos, para o desenvolvimento dos restantes elementos, determina-se um círculo inscrito no quadrado central definido pelas linhas verticais e horizontais, dispondo círculos com o mesmo raio, de modo a que o seu centro passe por todas as linhas determinadas e tangentes a outro círculo (d; e). É nesta interceção dos diversos elementos que será possível encontrar uma conexão lógica entre os círculos e as linhas, de forma a que o mestre possa encontrar e delinear através destes as figuras ovaladas, assim como o encurvamento dos terceletes e dos combados (f; g; h).

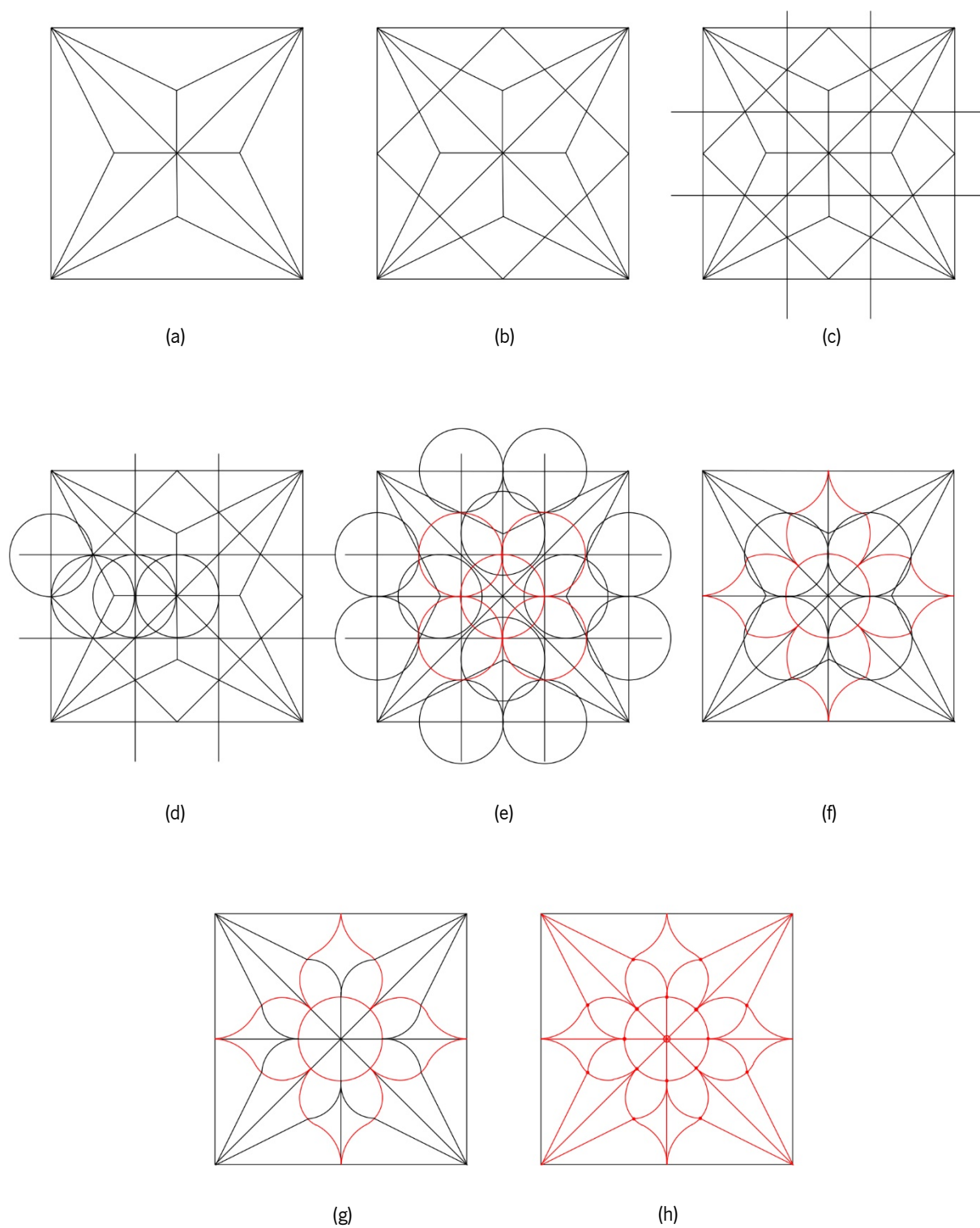


Figura 3.11. Sugestão da representação geométrica evolutiva para a obtenção da abóbada da Capela de S. Tomé de Negrelos, com base nos estudos de SILVA (2009) para a abóbada da capela-mor da Sé de Braga

Esta abóbada possui características muito peculiares, assemelhando-se a outras passíveis de se encontrar tanto no Norte de Portugal⁶² como em Espanha⁶³, segundo as novas técnicas e novas tipologias de abóbadas utilizadas no ciclo de Burgos e trazidos por diversos construtores oriundos desta zona de Espanha, tendo sido um destes o mestre João de Castilho que se fixa na cidade de Braga, em 1508⁶⁴, iniciando a sua obra no Norte de Portugal (Figuras 3.12-3.15), mas deslocando-se mais tarde para sul, tornando-se num dos arquitetos de maior renome em Portugal do século XVI.

À semelhança da abóbada da capela-mor da Sé de Braga ou a existente na Capela dos Coimbras, ambas desenhadas por João de Castilho, a abóbada de combados da Capela de S. Tomé de Negrelos segue o mesmo estilo formal castilhiano, apesar de um pouco mais tardia que as anteriores, mas com base nos mesmos elementos - diagonais, terceletes e ligaduras ou terciarões⁶⁵. Através da análise desta abóbada, pode-se afirmar que esta possui características muito semelhantes às encontradas noutras localidades e em edifícios de maior relevância, ou seja, um anel central que aglutina todas as chaves de menor dimensão e os terceletes encurvados (Figura 3.16).

Apesar da análise e do estudo realizado durante esta investigação foi apenas possível colocar algumas hipóteses relativamente à razão da escolha deste local para a construção de um elemento arquitetónico de tão grande referência para a historiografia de Portugal – a deslocação das famílias afidalgadas para a aldeia, possibilitando o patrocínio da construção da capela, talvez como culto privado, e, posteriormente, da Loggia por parte de uma destas famílias ou, uma intenção do próprio clero, nomeadamente do Cardeal Farnese (ABREU, 2010), de mandar executar esta obra de tão elevada grandeza estilística, para seu próprio usufruto, uma hipótese menos provável, devido à falta de documentação que comprove a ligação deste com Negrelos.

⁶² Capela-mor da Sé de Braga, Capela dos Coimbras em Braga, Absidiolo da Igreja Matriz de Caminha, Capela dos Fundadores do Convento de Santo Clara de Vila do Conde.

⁶³ Nave central da Igreja Paroquial de Garcinarro (Cuenca), Claustro do Convento de San Salvador de Onã (Burgos), Claustro da Catedral de Palencia.

⁶⁴ SILVA, Ricardo Jorge Nunes da Silva – “Os abobadamentos pétreos na arquitectura tardo-medieval do Ciclo Bracarense – a influência do Norte de Espanha (Burgos)”. In *Convergências*, nº1, Maio, 2009. Acedido a 17/01/2021 no sítio da internet: <http://convergencias.esart.ipcb.pt/?p=article&id=18>

⁶⁵ Ibidem

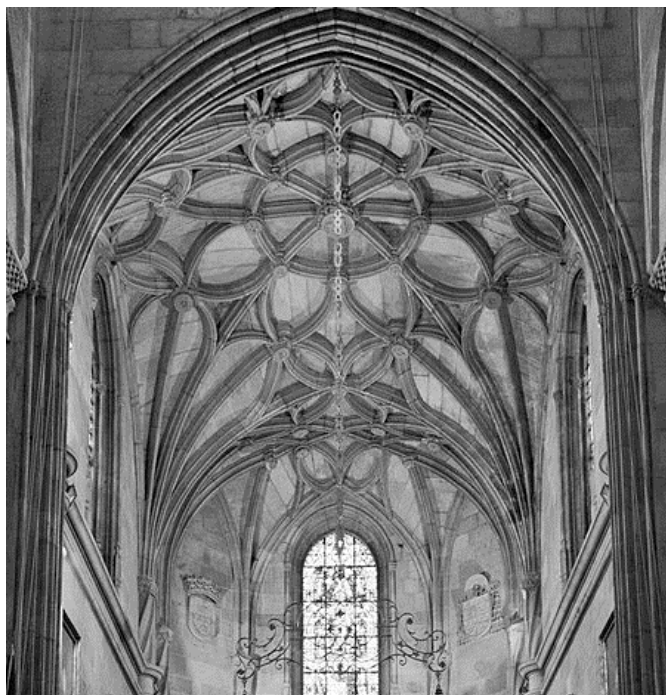


Figura 3.12. Abóbada da capela-mor da Sé de Braga
(<http://aarteemportugal.blogspot.com/2018/05/joao-de-castilho-c-1470-c-1552.html> acedido a 01 de março de 2021)

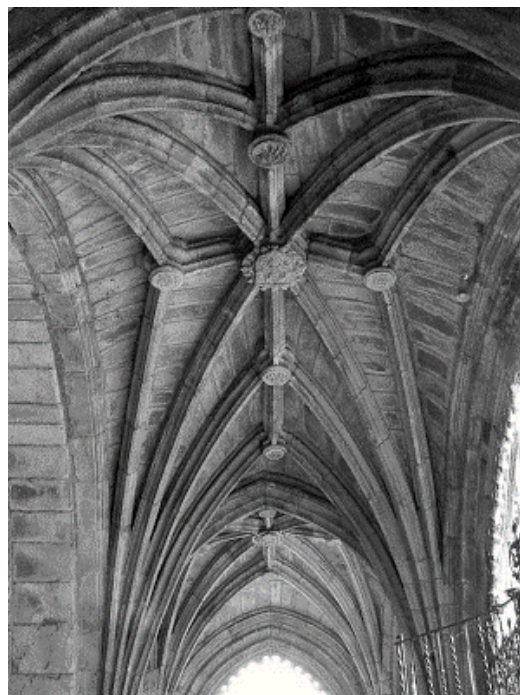


Figura 3.13. Abóbada da galilé da Sé de Braga
(<http://joaodecastillo.blogspot.com/2009/10/jc6.html> acedido a 01 de março de 2021)

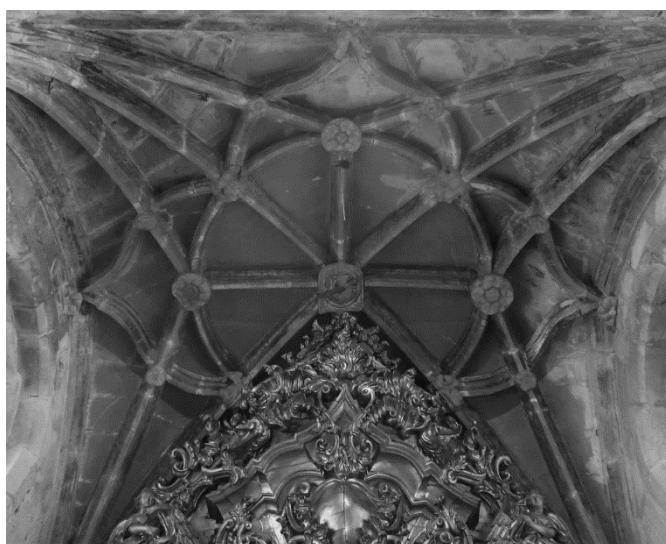


Figura 3.14. Abóbada da Capela de S. João Baptista da Igreja de S. Francisco no Porto (<https://www.wikiwand.com> acedido a 01 de março de 2021)



Figura 3.15. Abóbada da capela-mor da Igreja Matriz de Vila do Conde
(<https://www.paroquiadeviladoconde.pt> acedido a 01 de março de 2021)



Figura 3.16. Abóbada e fresta vista do interior da Capela tardo-gótica

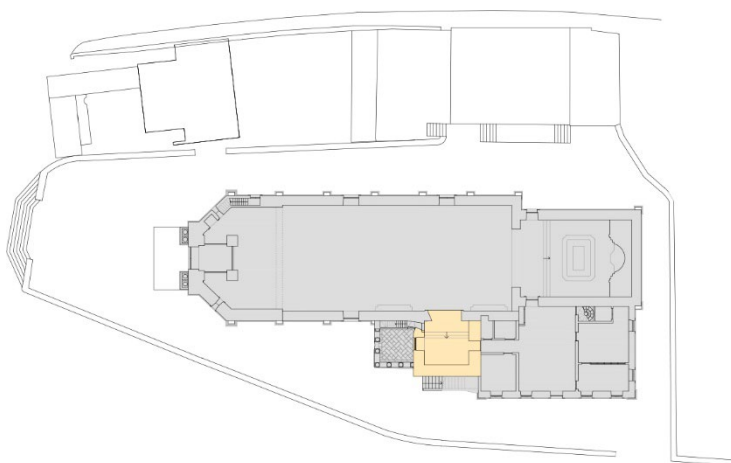
FASE II

Loggia renascentista - 1545

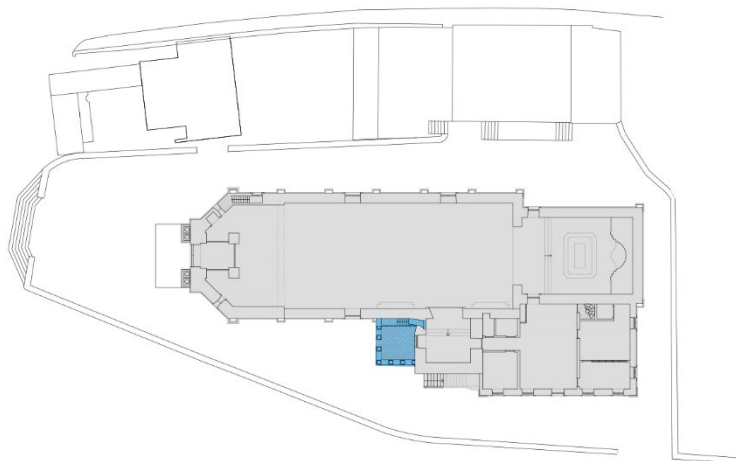


Figura 3.17. Vista exterior da Loggia renascentista

FASE I
Capela tardo-gótica



FASE II
Loggia renascentista



De seguida é apresentado o elemento do conjunto edificado que maior importância e motivação teve para o início da investigação e o restante desenvolvimento deste trabalho – a Loggia Renascentista, atribuída ao mestre Francesco da Cremona por vários autores nas suas diversas publicações editadas ao longo dos anos, como Rafael Moreira (1988; 2000), José Ferrão Afonso (2014; 2015; 2017) e Susana Matos Abreu (2010).

Esta obra, constituída por dois pisos de traça marcadamente renascentista, foi erguida por volta do ano de 1545, cinco anos após a partida de D. Miguel da Silva para Roma, de acordo com os estudos realizados por José Ferrão Afonso (2018) e Rafael Moreira (1988), e apenas entre 15 a 20 anos após a construção da Capela tardo-gótica a que se encontra adossada, demonstrando uma transição de estilos arquitetónicos completamente díspares num tão curto período de tempo. José Ferrão Afonso (2018) chega mesmo a afirmar que, em S. Tomé de Negrelos, “*os universos dos dois mestres, Cremona e Castilho, se encontram lado a lado*”⁶⁶,

Ao contrário do que acontecia em várias cidades italianas em que as Loggias tinham o intuito de servir como pórtico de acesso a um edifício imponente e como abrigo para atividades urbanas, qualificando o espaço e imagem da cidade, em S. Tomé de Negrelos é colocada a hipótese desta não ter uma entrada direta para a Capela tardo-gótica, tal como se encontra atualmente, mas ter sido construída com outro propósito (explorado no subcapítulo 3.3). Através das diversas análises e estudos realizados, sugere-se uma proposta de que, sendo esta Capela privada e/ou de peregrinação, o acesso fosse realizado por uma entrada lateral, executada durante a construção original, no alçado este da Capela, e que a Loggia serviria, no seu período inicial, de abrigo e local de oração dos peregrinos que aí se deslocavam para venerar o Santíssimo Sacramento, orago ao qual a capela terá sido dedicada, possivelmente, desde o século XVI (descrito no subcapítulo 1.3).

Através do levantamento métrico do objeto de estudo, e comparando com o da Capela do Santíssimo Sacramento, verifica-se que o aparelho das paredes exteriores, em granito⁶⁷, é bastante distinto do existente na edificação supracitada, aproximando-se não só daquele que foi utilizado nos cunhais dessa,

⁶⁶ AFONSO, José Ferrão – A Herança do Muratore, 2018, p.123

⁶⁷ Este acontecimento, da construção de edifícios em granito de traça renascentista, foi designado por Rafael Moreira (1995) como “*Renascimento de granito do Norte*”, que se estendia desde o Entre Douro e Minho, atravessando o vale do Douro até à Beira Baixa.

mas principalmente de alguns dos ideais trazidos por Cremona e D. Miguel da Silva da arquitetura renascentista italiana, onde a estrutura era trabalhada e organizada de forma regular. Exteriormente, a Loggia é também caracterizada por uma arquitrave, rebaixada ao centro, decorada no intradorso, por um enxaquetado⁶⁸ (Figuras 3.18 e 3.19) e suportada por sete colunas de fuste liso e de bloco único.



Figura 3.18. Intercolúnio decorado com enxaquetado



Figura 3.19. Pormenor do enxaquetado

⁶⁸ Cada intercolúnio é composto por três quadrados principais, cada um dividido em nove partes, das quais cinco são rebaixadas. O número 9 tem um poderoso significado, pois reforça o triplo poder do número 3 e, logo, das tríades sagradas (Pai, Filho e Espírito Santo, para os cristãos).

Destas, cinco são constituídas por capitéis de ordem compósita assentes num murete⁶⁹ de aproximadamente 60 cm de altura, sendo esta ordem de uso frequente na arquitetura do Renascimento italiano e trazido por Francesco Cremona, contrariamente ao remate da Loggia com as paredes laterais composto por duas meias colunas de capitéis de diferente composição das anteriores, de maior simplicidade e com elementos de baixo-relevo “à antiga”⁷⁰.

As janelas do piso superior da Loggia de Negrelos (Figura 3.20), são também dignas de referência, pois, sendo muito semelhantes às que se encontram nos Paços do Concelho de Vila do Conde (Figura 3.21) e do Paço Abacial da Foz do Douro (Figura 3.22), apresentam-se como janelas de peitoril angular e consideradas por alguns autores com um nível de qualidade de execução bastante superior às mencionadas⁷¹. O facto das janelas da Loggia se apresentarem como janelas de canto, tipologia bastante comum durante a época manuelina e renascentista (Figuras 3.23-3.26), permitem que a noção de espaço seja distinta daquela verificada nos Paços supracitados, ou seja, proporciona uma relação panorâmica com o espaço exterior. Contudo, este tipo de construção acarreta um problema estrutural provocado pela necessidade de construção de ombreira em vão livre. A solução para esta fragilidade estrutural foi a conceção e implementação de uma coluna/balaústre⁷² como quebra-luz (Figura 3.27), revelando a influência da arquitetura do Norte de Itália, nomeadamente da obra de Alberti⁷³. Este tipo de coluna pode ainda ser encontrado nos desenhos de Diego Sagredo na publicação “Medidas del Romano” (Figura 3.28). Outra particularidade, comparativamente a outros exemplos construídos à data, são as pilastras rebaixadas que ladeiam as janelas, no alçado sul e oeste, encimadas por folhas de acanto, que substituem as típicas mísulas caneladas, rematando a ligação da janela com o entablamento do alpendre.

Os vários elementos analisados até ao momento, como a ordem compósita, as folhas de acanto, a forma cúbica da Loggia (que se desenvolverá posteriormente com a apresentação dos estudos geométricos) e o balaústre da janela angular permitiram compreender que, na construção deste edifício, ecoam

⁶⁹ Os muretes, onde assentam as colunas, não eram muito frequentes no período do Renascimento, havendo conhecimento, em Portugal, do caso da Loggia de Negrelos e do Claustro da Sé de Viseu, ambos atribuídos ao mestre Cremona.

⁷⁰ AFONSO, José Ferrão – A Herança do Muratore, 2018, p.122

⁷¹ Ibidem

⁷² As colunas/balaústres eram utilizadas também por Nicolau de Chanterene, neste período, na execução de alguns dos seus altares em pedra

⁷³ AFONSO, José Ferrão – A Herança do Muratore, 2018, p.121

influências da Lombardia, nomeadamente do círculo de Bramante, de onde era natural Francesco da Cremona. Contudo, para além das referências lombardas, a obra do mestre cremonês evidencia influências do sienês, Francesco di Giorgio Martini, mencionado no primeiro capítulo e em diversos artigos de José Ferrão Afonso.



Figura 3.20. Fachada principal da Loggia de Negrelos



Figura 3.21. Fachada principal dos Paços do Concelho de Vila do Conde
(AFONSO e CADECO, 2016, p.84)



Figura 3.22. Fachada do Paço Abacial do complexo da Foz do Douro
(AFONSO e CADECO, 2016, p.84)



Figura 3.23. Janela de canto da Casa do Coronel,
Arco de Baulhe, Cabeceiras de Basto
(<http://gisaweb.cm-porto.pt> acedido a 28 de
fevereiro de 2020, fotografia de 1939)



Figura 3.24. Janela de canto do Solar da Sempre
Noiva, Arraiolos
(<http://www.jorgecorreiasantos.interdinamica.pt>
acedido a 28 de fevereiro de 2020)



Figura 3.25. Janela de canto da Casa de Soure,
Évora
(<https://sites.google.com/site/evoraeseusarredore>
acedido a 28 de fevereiro de 2020)



Figura 3.26. Janela de canto da Casa da
Misericórdia, Santarém
(<https://www.allaboutportugal.pt> acedido a 28 de
fevereiro de 2020)

No piso inferior, o levantamento em planta permite comprovar que, apesar de ser um espaço de pequenas dimensões, com interior e exterior de 3,0x3,0 e 3,6x3,6 metros, respetivamente, ou seja 3x3 varas a eixo, esta Loggia apresenta uma proporcionalidade e harmonia típicas da arquitetura renascentista. O interior deste piso é parcialmente aberto nos alçados sul e oeste, circundados por colunata, apenas interrompida por uma entrada de 66 cm de largura, correspondendo à data, a 3 palmos, dois pés ou 1 côvado, e composta por sete colunas, anteriormente descritas. A parede oeste, pertencente à capela tardo-gótica e à qual a Loggia foi adossada, possui uma janela, delimitada por grandes pedras, visíveis através deste alçado, que possibilita o suporte desta abertura e encimada por uma cornija, revelando ainda parte do aparelho irregular que também já foi analisado. A porta exterior de acesso à Capela tardo-gótica e ao sobrado encontra-se no ângulo da parede este e a parede sul da Igreja, o que suscita algumas dúvidas a serem analisadas posteriormente. Por fim, a regularidade presente no restante edifício é também visível na estereotomia do pavimento em lajeado de granito. Este possui uma “moldura” que acompanha o murete e, no interior desta, uma composição de quadrados e retângulos a 45°, com base numa bitola de 30x30 cm⁷⁴. Atualmente é possível encontrar, neste espaço, diversos materiais arqueológicos, como mós barquiformes, encontrados no Castro de Santa Margarida, existente na mesma freguesia e uma tampa de sepultura, possivelmente, medieval.

Do lado esquerdo do alçado oeste, surge um elemento que contrasta com a construção analisada até ao momento pelo seu caráter mais tradicional e típico também da arquitetura italiana servindo de remate à construção – a pilastra com uma fresta que permite iluminar as escadas que acedem ao primeiro piso. Esta pilastra forma um pequeno ressalto relativamente ao alçado, podendo o mesmo ser verificado, em posição simétrica, junto à pequena pilastra que ladeia a janela angular (Figura 3.29). Este tipo de morfologia poderá ter sido inspirada, mais uma vez, no desenho de Di Giorgio Martini do templo de *Divo Claudio*⁷⁵, mais especificamente na composição tripartida passível de ser encontrada no friso, cornijas e pilastras.(Figura 3.30).

Nos elementos até então analisados foi possível comprovar a existência de diversas características da arquitetura renascentista, enquanto o sobrado, que parece ter sofrido algumas transformações, é

⁷⁴ Aproximadamente um pé de lado.

⁷⁵ AFONSO, José Ferrão – Uma arquitetura em diversas maneiras: Francisco de Cremona e o Renascimento do Entre-Douro-e-Cávado. In MACÁRIO, Rui - D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, 2015, p.86

composto por uma sala ampla de características simples, circundada por um banco corrido em pedra granítica. Neste piso é possível analisar com mais pormenor a janela angular (Figura 3.19) anteriormente referida, assim como o balcão, em arco abatido, que se abre para a Capela tardo-gótica, com dois bancos em granito tipo “namoradeira” (Figura 3.20). Da observação da parede onde se insere o balcão, constata-se visíveis intervenções com a utilização de materiais de intervenções recentes, nomeadamente, argamassa, aplicada tanto no balcão como nas juntas da alvenaria. A rematar a sala quadrangular existe uma cobertura tipo saia casaco, com formato de masseira, grande simplicidade, pintada de branco e em mau estado de conservação.

Para finalizar a análise formal da Loggia renascentista falta referir a existência de um último elemento, presente no alçado oeste e o que mais dúvidas suscitou durante todo o trabalho – a Pedra de Armas ao nível do primeiro piso, constituído por três torres e duas serpentes entrelaçadas em árvores (Figura 3.21). Apesar de todas as pesquisas efetuadas não foi possível averiguar a família detentora deste Brasão d'armas, nem clarificar a simbologia à qual se encontra associado⁷⁶.

Este elemento teria grande importância para o desenvolvimento da atual investigação, pois, uma vez que em caso de se apurar a sua origem, seria também possível, provavelmente, ficar a conhecer o seu mecenas, bem como compreender a razão da construção de um edifício de tão elevada qualidade, que é a Loggia, numa freguesia tão afastada dos principais centros de produção artística.

⁷⁶ De acordo com a Prof. Paula Bessa, Professora auxiliar no Departamento de História da Universidade do Minho, após consulta, não existem elementos paralelos para este brasão nem no Livro do Armeiro Mor (realizado no reinado de D. Manuel I), nem no Armorial Lusitano (publicado no século XX).



Figura 3.27. Janela angular do piso superior da Loggia de Negrelos

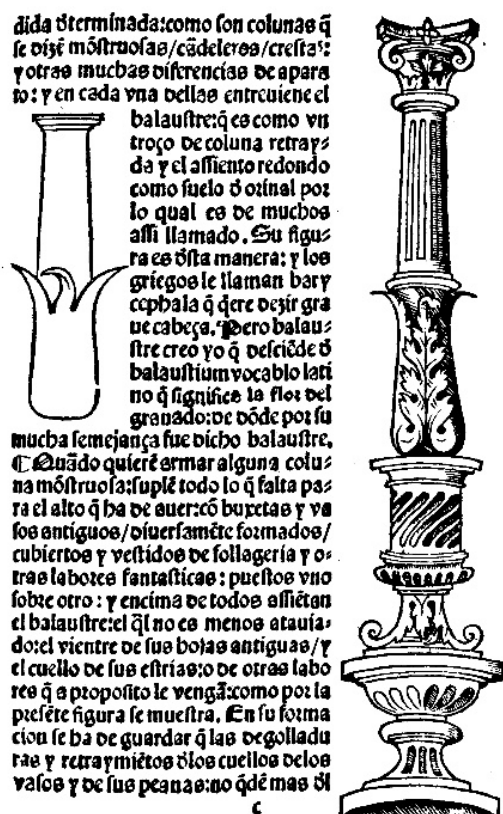


Figura 3.28. Balaústre (SAGREDO, 1549, p.33)



Figura 3.29. Pormenor do ressalto da pilastra e da janela na fachada principal

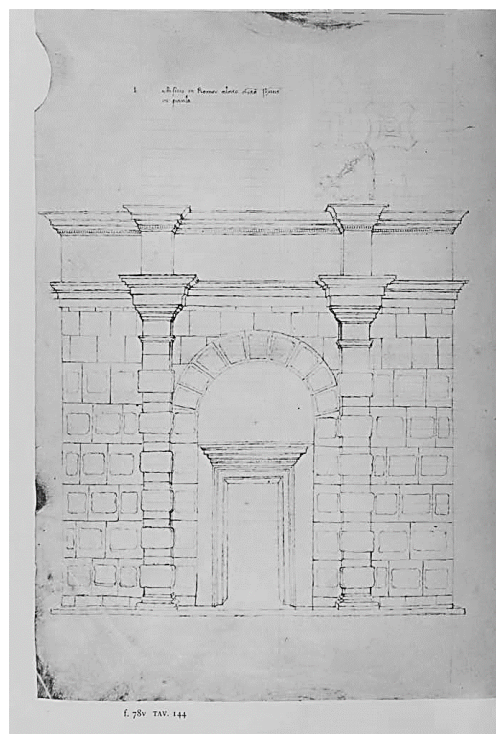


Figura 3.30. Vista da arcada do Templo de Divo Claudio (MARTINI, 1967, f.78v, TAV. 144)



Figura 3.31. Janela angular vista do sobrado



Figura 3.32. Balcão do sobrado aberto sobre a Capela tardo-gótica



Figura 3.33. Pedra de Armas existente na fachada principal da Loggia renascentista

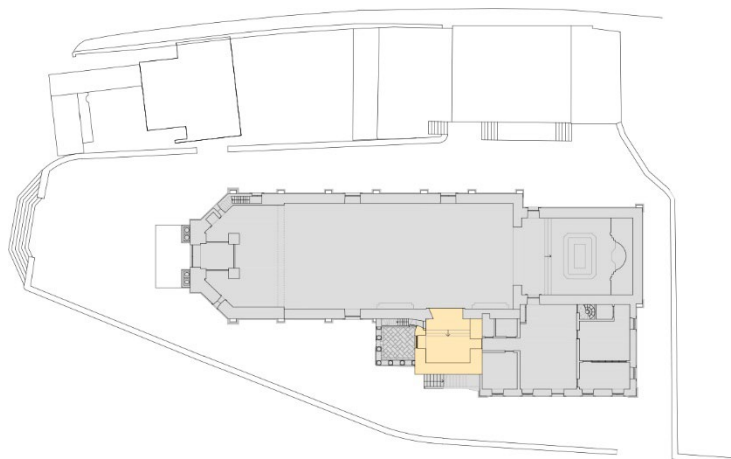
FASE III

Igreja Paroquial - 1943

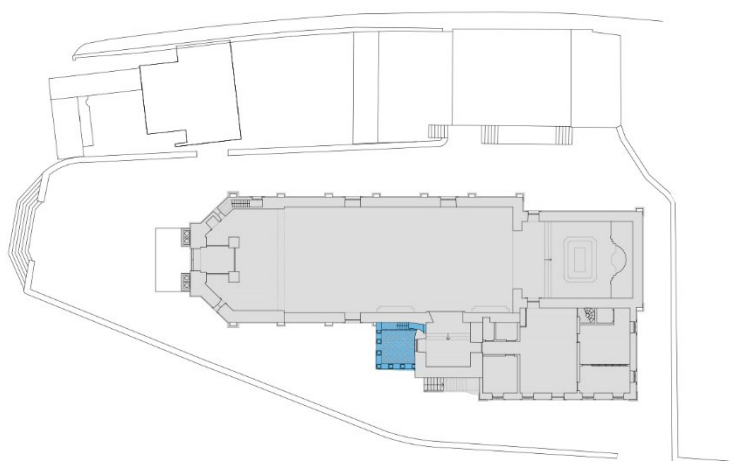


Figura 3.34. Fachada principal da Igreja Paroquial de 1943

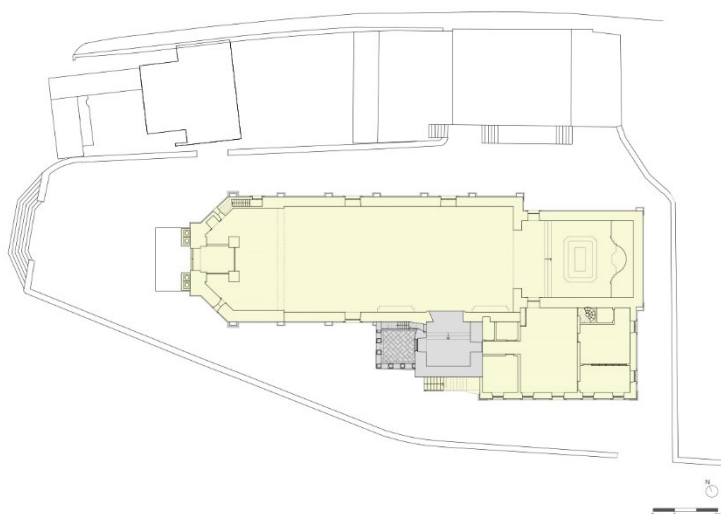
FASE I
Capela tardo-gótica



FASE II
Loggia renascentista



FASE III
Igreja Paroquial



O edifício da Igreja Paroquial de S. Tomé de Negrelos foi, de todo o conjunto edificado já descrito, o mais intervencionado. De todo este processo, apenas foi possível obter escassa informação sobre a Igreja construída no século XVIII, sendo que sobre o objeto atual só é possível realizar a sua análise, mais uma vez, através do levantamento métrico e observação *in loco*. Contudo, apesar da importância da sua referência como parte integrante do conjunto, o seu estudo não justifica ser tão alargado quando comparado com a descrição realizada para os dois anteriores edifícios, uma vez que este não é o objetivo central desta investigação.

Devido ao crescimento da paróquia de S. Tomé de Negrelos houve a necessidade de reconfigurar a Igreja Paroquial, ampliando-a para nascente, poente e dois metros para norte. No ano de 1935, durante a execução do projeto da nova Igreja desenvolveram-se lógicas construtivas de forma que o alinhamento sul da edificação anterior não sofresse alterações nem deslocações, o que poderia colocar em risco a estabilidade da Capela do Santíssimo Sacramento e da Loggia renascentista. Assim, a construção do século XVIII foi praticamente demolida na totalidade, excetuando a parede sul do corpo da nave.

Esta Igreja apresenta a fachada principal de abertura facetada, sendo a parede frontal revestida a pedra granítica e as laterais a azulejo (Figura 3.35), rematada por uma torre sineira quadrangular de 4x4 metros (Figura 3.36). O portal principal, ladeado por quatro colunas sobre plinto, apresenta-se com motivos decorativos reproduzidos dos capitéis existentes na Loggia renascentista (Figura 3.37).

Os alçados norte e sul possuem um ritmo demarcado por pilastras, rematadas no topo por pináculos de formato piramidal, distanciadas entre si cerca de 3,8 metros, verificando-se ainda que no alçado sul, este ritmo é quebrado ao nível do rés-do-chão devido à existência da Loggia e da Capela. As janelas são constituídas por vitrais coloridos, formando uma cruz latina ao centro, molduradas com pedra granítica e encimadas por cornija (Figura 3.38).



Figura 3.35. Pormenor da fachada revestida e decorada a azulejo



Figura 3.36. Pormenor da torre sineira



Figura 3.37. Pormenor das colunas existentes na fachada principal



Figura 3.38. Pormenor da janela

A Igreja apresenta uma planta longitudinal, de uma só nave, com um espaço de entrada quadrangular, tipo corta-vento, que se prolonga em altura até à cobertura, transformando-se, a partir desta, na torre sineira, encimada por um coruchéu oitavado. Do retábulo da capela-mor (Figura 3.39), em talha joanina, existe informação de que foi executado no ano de 1731, por um entalhador de Santa Maria de Landim, Pedro Salgado⁷⁷, e tendo sido deslocada da Igreja anterior para a atual capela-mor. Dos restantes retábulos laterais da nave não foi encontrado nenhum documento que ateste a autoria e datação da sua construção.

Para concluir a última fase de construção deste conjunto arquitetónico, falta apenas referir o edifício contíguo à Igreja, com acesso através da capela-mor, o qual se encontra também adossado à capela do Santíssimo Sacramento.

No rés-do-chão do corpo da sacristia encontram-se todas as salas de apoio às cerimónias religiosas, como a sacristia, onde se encontra localizada uma pequena fonte em granito inserida na parede este, provavelmente, transferida de uma das igrejas anteriores, bem como salas de catequese e salas de arrumos de acervo de arte sacra da paróquia. O segundo piso, ao qual se acede através de uma escada com formato em caracol, é constituído por uma ampla sala, que funciona como Salão Paroquial e onde se pode contemplar, na parede oeste, a única parte visível da Capela tardo-gótica, a fresta com a respetiva moldura em granito.

Apesar de ser uma construção relativamente recente, não foi possível obter o projeto desta última intervenção. Assim, algumas dúvidas subsistem, como por exemplo, se o edifício onde se insere a sacristia e salão paroquial terá sido edificado numa segunda fase, já que a visita ao local permitiu verificar a existência de uma janela de características semelhantes às que se encontram presentes no exterior da Igreja (Figura 3.41). Porém, fotografias de 1948 comprovam que, este edifício, composto por dois pisos, já se encontrava concluído nessa data.

⁷⁷ CORREIA, Francisco Carvalho (Pe.) – O Entalhador e Imaginário Pedro Salgado e o Retábulo-Mor da Igreja de Negrelos. In Ecos de Negrelos, junho de 1995, p.13



Figura 3.39. Retábulo-mor de autoria de Pedro Salgado
(www.monumentos.pt acedido a 19 de junho de 2020)



Figura 3.40. Alçado sul do edifício da sacristia e Salão Paroquial

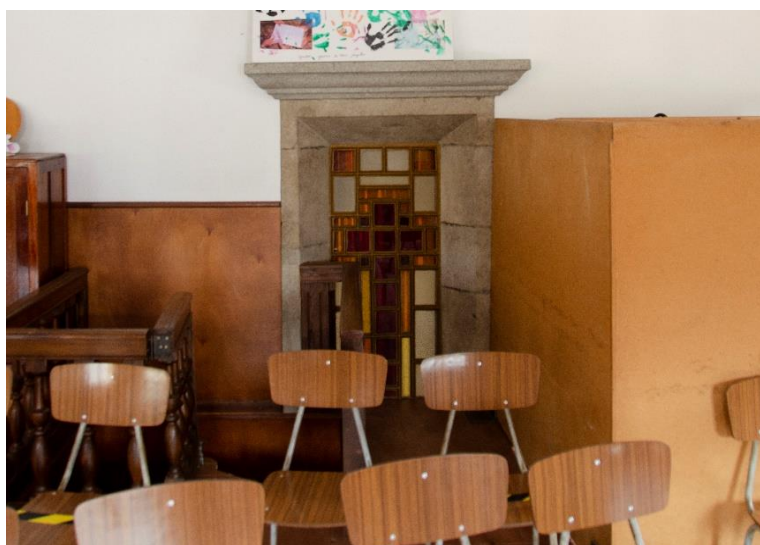


Figura 3.41. Janela da capela-mor visível no interior do salão paroquial

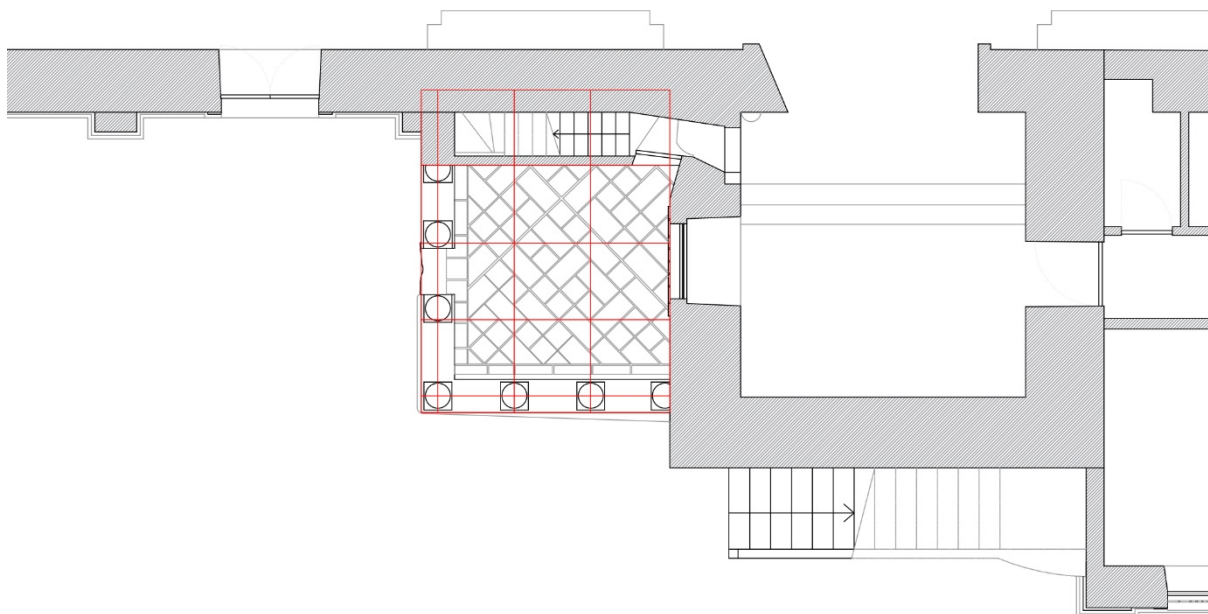
3.2. Estudo métrico e proporcional

Prosseguindo sobre o conhecimento, leitura e interpretação do objeto, de características renascentistas, é imprescindível averiguar a matriz de relações métricas e proporcionais a partir dos preceitos teóricos e práticos da arquitetura renascentista, como os desenvolvidos, por exemplo, por Francesco Di Giorgio Martini, Leon Battista Alberti e Diego de Sagredo, baseados no “*De Architectura Libri Decem*” de Vitruvius. De modo a retirar conclusões sobre as relações proporcionais do objeto de estudo e verificar se estas se adaptam às métricas utilizadas na Renascença foi necessário delinear propostas sobre os desenhos do levantamento realizado, tendo em conta os diversos Tratados, bem como as medidas utilizadas na construção à data. Estas, até à idade moderna, eram baseadas, essencialmente, nas medidas do corpo humano: palmo (22 cm), pé (33 cm), côvado (66 cm), vara (110 cm) e a braça (220 cm)⁷⁸. De acordo com a opinião de Di Giorgio, fundamentada na lógica vitruviana, só era possível obter a perfeição na arquitetura se esta refletir as medidas e beleza do corpo humano, porque este é a forma mais perfeita e bem proporcionada que existe⁷⁹. Para ordenar e conceber relações harmónicas era ainda utilizada a proporção áurea, integrando assim, na prática do desenho, o conhecimento matemático e geométrico antigo, agora recuperado pelos humanistas dos séculos XV e XVI.

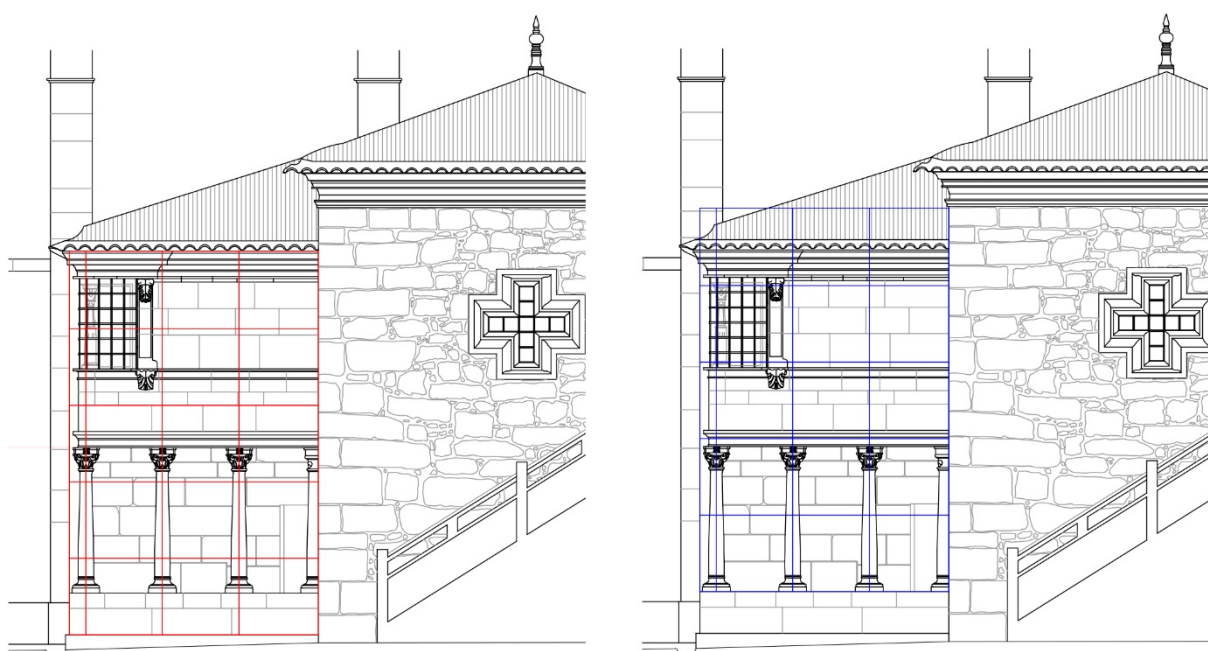
Analisando os desenhos elaborados durante este estudo denota-se um pensamento rigoroso, evidenciando relações proporcionais que seguem as lógicas expressas nos Tratados, em linha com a prática importada por Cremona, a partir das suas aprendizagens com Bramante e Rafael. Numa primeira fase, para o desenvolvimento dos estudos geométricos foi imprescindível encontrar a medida padrão utilizada na construção da Loggia, para, num segundo momento, se estabelecer relações. Traçada uma matriz sobre a planimetria, foi possível concluir que a medida utilizada pelo mestre Francesco Cremona terá sido a vara, utilizando também como submúltiplo o palmo para elementos de menor dimensão. Assim, a partir da Figura 3.42 (a), é possível verificar, em planta, uma matriz geométrica de 3x3 varas que se desenvolve a partir do alçado oeste da Capela tardo-gótica até ao eixo das colunas, sendo a planta completa com um remate até ao murete de 1 palmo.

⁷⁸ CUNHA, Rui Maneira – As medidas na arquitectura. Uma perspectiva arqueológica. In *Arqueologia&História*, Volumes 66-67, 2014-2015, p.146

⁷⁹ D'AGOSTINHO, Mário Henrique Simão – Modelos de Francesco Di Giorgio – estudo de projeto e análise de edifícios renascentistas prescritos por Francesco Di Giorgio em seu Tratado de Arquitetura. 2011-2012, p.12



(a)



(b)

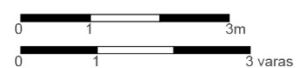


Figura 3.42. (a) Planta e (b) alçado sul da Loggia e Capela tardo-gótica e métrica de varas

Escala 1/100

A análise ao alçado sul (Figura 3.42 (b)) demonstra que a distância entre o eixo longitudinal das colunas, rebatido sobre a planta, é coincidente com a matriz estabelecida, o que não se verifica no alçado oeste da Loggia, no qual é notória tanto uma falta de acerto, como uma invulgar assimetria da composição, contrastando com o rigor matemático renascentista, a ser analisada no subcapítulo 3.3. Ademais, o alçado sul é caracterizado por uma proporção de 3 varas de largura por 5 varas de altura, medidas entre a base do murete e a parte superior da cornija da Loggia (matriz vermelha), o que remete para uma relação com a sequência de Fibonacci e, consequentemente, para o retângulo de ouro representado *a posteriori*. Esta matriz permite atestar também o rigor métrico do desenho, uma vez que, após análise do traçado, o limite superior dos capitéis das colunas encontra-se a $\frac{1}{2}$ do terceiro módulo, ou seja, a $\frac{1}{2}$ da altura da matriz estabelecida. Apresenta-se ainda uma segunda proposta (matriz azul), onde o alinhamento da matriz é iniciado na parte superior do murete, terminando na base da cornija da Capela tardo-gótica, precisamente a $\frac{1}{2}$ do último módulo, podendo, talvez, ter sido um propósito de Cremona para estabelecer uma relação métrica entre as duas edificações.

Após a confirmação da medida padrão utilizada no edifício em estudo, analisaram-se quais as proporções geométricas possíveis de implementar e realizar comparações com base nos Tratados de Arquitetura da época. Sendo Francesco da Cremona um mestre italiano, seria compreensível que este se guiasse pelas diversas normas dos mestres italianos, nomeadamente Di Giorgio Martini⁸⁰, um grande arquiteto do seu tempo, que, se baseou no Tratado de Vitruvius para escrever o seu *Trattati di Architettura Ingegneria e Arte Militar*, entre 1481 e 1492.

Em 1526, Diego de Sagredo, arquiteto espanhol, publica um novo Tratado de Arquitetura – *Medidas del Romano*, que teve bastante impacto no desenvolvimento da arquitetura em Portugal⁸¹ e, certamente, terá tido alguma influência nos projetos do mestre italiano, apesar de ser notório nos seus edifícios que as suas raízes italianas continuavam a demonstrar um maior destaque.

⁸⁰ Esta referência à influência de Francesco Di Giorgio na obra de Francesco Cremona, assim como comparações entre desenhos de edifícios de ambos os mestres, é frequentemente referida nos diversos artigos de José Ferrão Afonso, mencionada diversas vezes ao longo deste trabalho.

⁸¹ Apesar de a 1ª edição de *Medidas del Romano* ter sido lançada em Castela, todas as edições posteriores foram realizadas em Portugal, o que demonstra o domínio da obra em território nacional.

Como todos os tratadistas renascentistas, Francesco Di Giorgio considerava, no seu Tratado, que toda a arquitetura deveria ser desenhada de acordo com as proporções do corpo humano. Assim, o caso de estudo foi analisado, ensaiando-se diversas possibilidades sobre os levantamentos métricos de modo a comprovar se o cremonês terá seguido as teorias antropomórficas de Martini, podendo esta ser mais uma possibilidade para demonstrar a hipótese de Francesco da Cremona ser o mestre da Loggia de Negrelos, conforme lhe é atribuído em várias publicações analisadas.

Durante o Renascimento, vários foram os arquitetos, como Filarete, Martini, Cesariano, entre outros, que tentaram recuperar os preceitos ditados por Vitrúvio no seu Tratado *De Architectura Libri Decem*, principalmente os descritos com a relação da arquitetura com as proporções humanas, nomeadamente as analogias com o *homo ad circulum* e *ad quadratum*. Sendo que o círculo representa a ordem universal e o quadrado a ordem terrena, os arquitetos renascentistas acreditavam que caso fosse possível realizar uma composição única do corpo humano inserido nestes dois elementos, obter-se-ia um conjunto unificado e perfeito.⁸²

É em 1490, que Leonardo da Vinci, consegue traduzir e sintetizar os conceitos descritos por Vitrúvio no seu Tratado e propor um desenho que clarifica a questão de *homo ad circulum* e *ad quadratum*. O êxito para o desenho das proporções perfeitas passou pela dissociação dos dois centros (do quadrado e do círculo). A sua proposta coloca o centro do corpo, em posição natural, na zona genital, coincidindo com o centro do quadrado que, tal como já referido, representa o centro da Terra. A representação da figura humana no círculo é realizada com centro no umbigo (centro do universo), com duplicação dos membros de modo a denotar movimento.⁸³

O mestre Francesco Di Giorgio Martini tenta propor também uma solução para o problema do *homo ad circulum* e *ad quadratum*, porém verifica-se que este não consegue alcançar o objetivo na sua totalidade, pois, para além de apresentar o quadrado e o círculo com um centros coincidentes, na pélvis, tal como indica a citação abaixo descrita, a figura humana para se encontrar inscrita no interior do círculo e do quadrado necessita de se apresentar com uma ligeira flexão de joelho.

⁸² PEDRO, Ana Paula Giardini – A ideia de ordem: symmetria e decor nos tratados de Filarete, Francesco di Giorgio e Cesare Cesariano, 2011, p.125-126

⁸³ OLIVEIRA, Marta Maria Peters Arriscado de – Arquitectura Portuguesa do tempo dos Descobrimentos, 2004, p.455

“Primeiramente deve-se saber que o corpo humano estendido no chão, e colocado um fio no umbigo até a extremidade [do corpo], girando-o, será possível descrever a forma circular. Da mesma maneira [pode ser traçado] a forma quadrada e angolada.”⁸⁴

No seguimento dos estudos das proporções realizados aos diferentes Tratados, observa-se que a Loggia de S. Tomé de Negrelos apresenta uma planta quadrangular de 3,0x3,0 metros, cuja diagonal mede 4,4 metros, correspondendo à medida de 4 varas, onde é possível inscrever um círculo tangente (Figura 3.43). De acordo com os referidos Tratados pensa-se que Cremona poderá ter levado em linha de conta a experimentação dos desenhos interpretativos de Martini.

Do desenho do corpo humano inscrito num círculo e num quadrado, Martini apresenta duas propostas – o códice Laurenziano e o Torinese, estudadas por Ana P. G. Pedro na sua Tese de Doutoramento, sendo o primeiro (Figura 3.44 (a)) um pouco mais impreciso que o segundo (Figura 3.44 (b)).

Pela comparação efetuada com o desenho realizado, observa-se uma maior aproximação deste ao códice Torinese, onde o corpo humano tangencia de igual forma o quadrado e o círculo, mas o centro da figura passa a corresponder à base da pelve e não ao umbigo.

⁸⁴ MARTINI (1967, citado por PEDRO, Ana Paula Giardini, 2011, p.138)

As propostas dos tratadistas foram baseados na seguinte descrição de Vitrúvio presente no seu Tratado *De Architectura Libri Decem*:

“A forma humana feita pela natureza possui na face, do queixo para o topo da testa ou para as raízes dos cabelos, um décimo da altura do corpo inteiro. A medida da mão aberta, do pulso até à ponta do dedo médio é exatamente a mesma. Do queixo para o topo da cabeça é um oitavo de toda a altura, dos ombros até à testa, um sexto e do meio do peito até ao topo da cabeça é um quarto. Um terço da altura da face é igual à do queixo do lado inferior das narinas, e o mesmo daí para o meio das sobrancelhas. Da última parte até às raízes do cabelo, onde a testa termina, também corresponde a um terço. O comprimento do pé é uma sexta parte da altura do corpo e o antebraço uma quarta parte. A largura do peito é uma quarta parte. Da mesma forma têm outros membros suas devidas proporções. Por essa atenção é que os pintores e escultores antigos obtiveram tanta reputação.

De igual forma, devem as partes dos templos possuir uma grande harmonia nas relações simétricas tanto no todo como nos diversos elementos em particular. Naturalmente, o umbigo é colocado no centro do corpo humano. Assim, se um homem deitado com o rosto para cima e as mãos e os pés estendidos, e no seu umbigo for realizado um círculo, este tocará seus dedos das mãos e dedos dos pés. Mas, não é só por um círculo, que o corpo humano é assim circunscrito, como pode ser visto colocando-o dentro de um quadrado. Pois, se medirmos a distância dos pés até ao topo da cabeça, e depois aplicarmos essa medida aos braços totalmente estendidos, concluímos que a largura será considerada igual à altura, como se verifica nas superfícies planas que são perfeitamente quadradas.⁸⁵

⁸⁵ Traduzido de MORGAN, Morris Hicky – Vitruvius: The Ten Books on Architecture, 1914, pp. 72-73

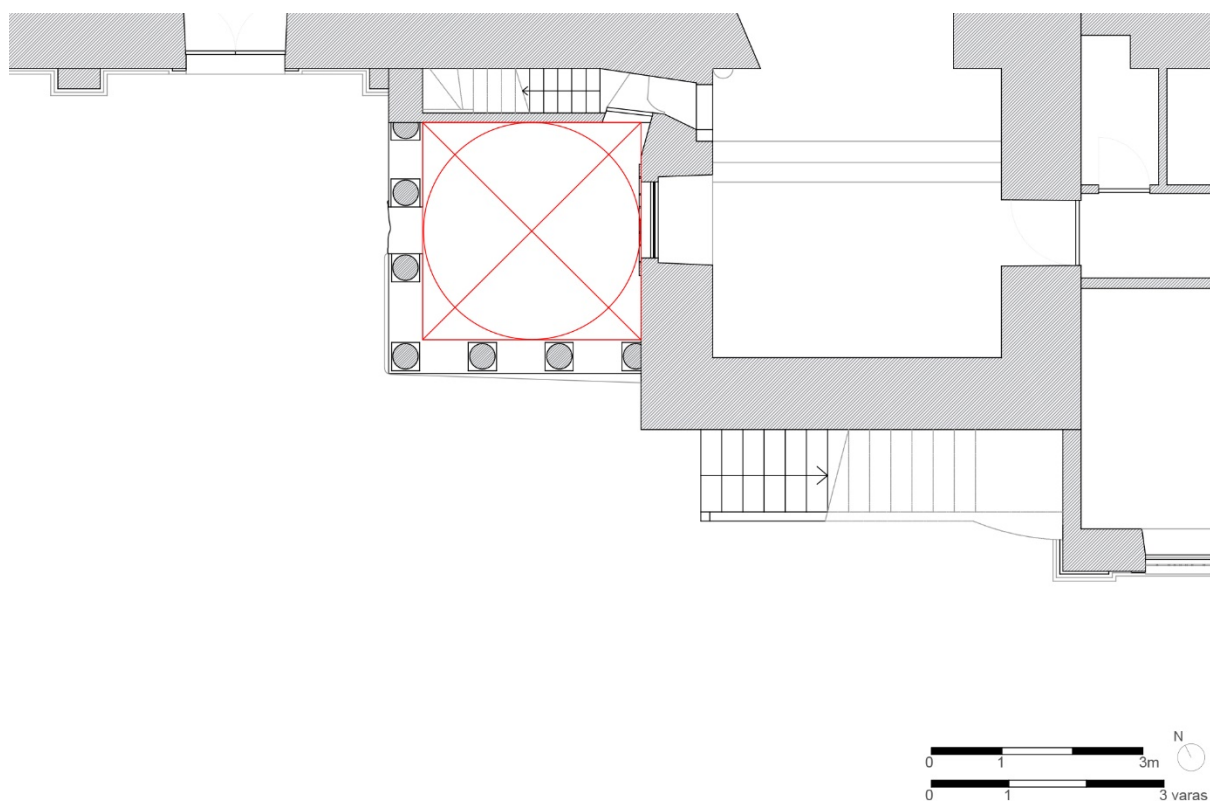
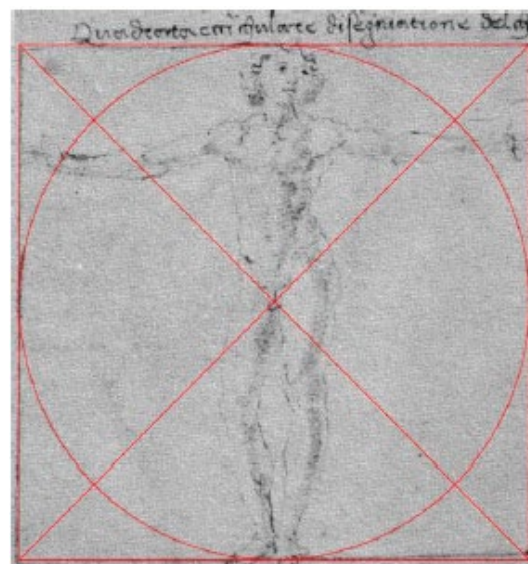


Figura 3.43. Planta da Loggia com a sobreposição de quadrado com círculo inscrito de 4 varas

Escala 1/100



(a)



(b)

Figura 3.44. (a) Codice Laurenziano – centro do corpo humano inscrito no círculo e no quadrado; (b) Codice Torinese – centro do corpo humano inscrito no círculo e no quadrado. (Ana P. G. Pedro, Tese de Doutorado, 2011, p.138.)

No Renascimento, um dos princípios mais significativos, quando se analisa a matriz geométrica da edificação, nomeadamente nos casos em que a sua imagem (alçados) como distribuição (planta) se regula a partir da disposição e configuração de colunas, como Loggias ou claustros, tanto de pequena como de grande dimensão, é a que se refere ao imoscapo, que se transforma no módulo de referência para o desenvolvimento de diversas medidas proporcionais. No caso da Loggia de Negrelos esta medida ou módulo é de facto significativa, visto que a secção da base da coluna tem 1 palmo de diâmetro, e segundo a matriz geométrica inscrita na planta (Figura 3.45), a distância entre eixos de colunas é de 1 vara, o correspondente a 5 palmos e entre bases de colunas é de 3 palmos. Verifica-se, nesta situação uma vez mais uma relação de 5 para 3 na lógica da sequência de Fibonacci, já referida.

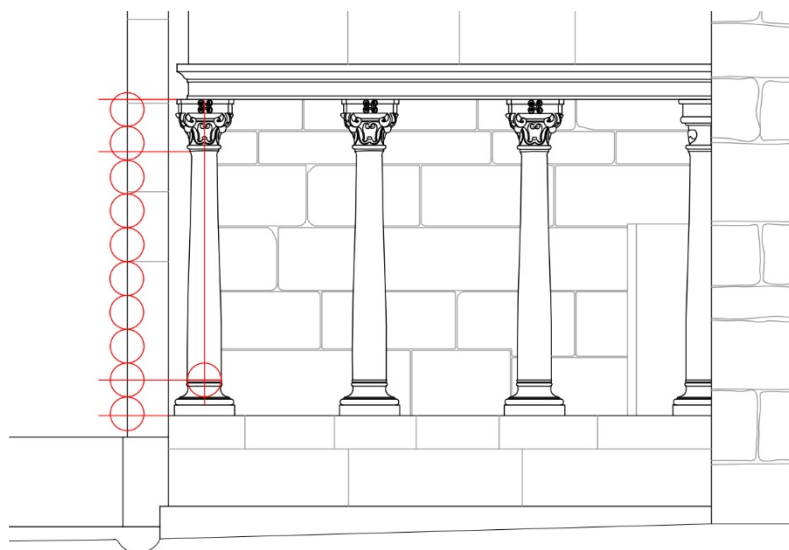
Através dos ensinamentos de Di Giorgio no que se refere às proporções, assim como pelos esquemas geométricos propostos por Ana Soares Machado, Luís Leite e Saúl Fino⁸⁶ na interpretação para o claustro da Sé de Viseu, poderemos especular algumas possibilidades na interpretação do caso de estudo desta investigação. Pela análise geométrica conclui-se que, em Negrelos, o módulo da secção do diâmetro do imoscapo tem relação direta com a altura do fuste (Figura 3.47 (a)), bem como na fixação do intercolúnio (Figura 3.47 (b)). Sendo assim, analisando os dois edifícios, pode-se concluir que na Sé de Viseu, de acordo com estudos efetuados, existe uma relação de 1 para 7 módulos (Figura 3.46), conforme as proporções de Francesco di Giorgio (Figura 3.36), relação essa também verificada no caso da Loggia de Negrelos. Porém, após a publicação do “Breve Tratado das Cinco Ordem de Architectura” de Vignola, a tratadística propõe a divisão do módulo do imoscapo em 30 partes iguais, conseguindo-se um estudo métrico da coluna e das proporções muito mais rigoroso e preciso. Nesse sentido, através da aplicação deste método, constata-se que em Negrelos o fuste das colunas apresenta uma proporção de 6 módulos e 22 partes (aproximadamente 7 módulos), enquanto a coluna completa, incluindo base e capitel, é composta por 9 módulos e 13 partes.

Na Loggia de Negrelos, os desenhos permitem ainda concluir que o espaçamento entre os eixos de coluna (1 vara), corresponde, sensivelmente, à medida de 5 diâmetros de largura, ou seja, 5 palmos. Foi ainda realizada uma segunda abordagem tendo em conta o espaçamento entre as bases da coluna, onde

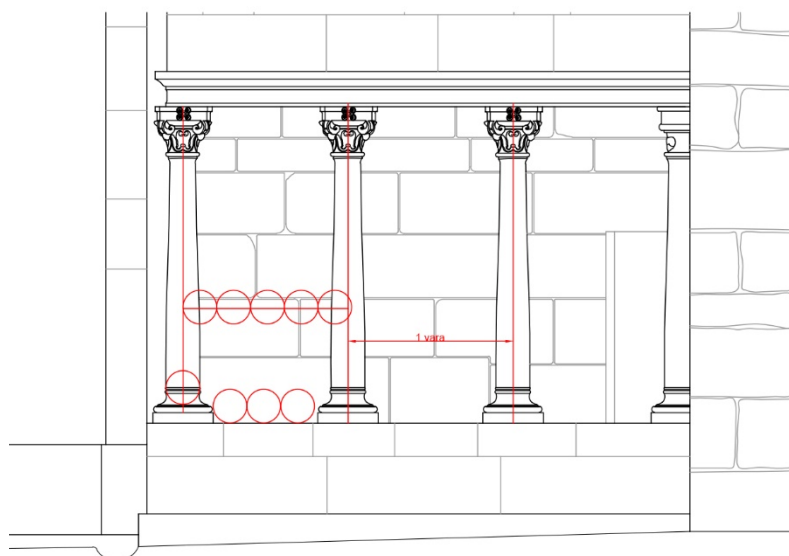
⁸⁶ MACHADO, Ana Soares; LEITE, Luís e FINO, Saúl – O claustro renascentista da Sé de Viseu: proporção, linguagem, significado. In Monumentos nº13, edição Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2000, pp. 23

se verifica a aplicação aproximada da medida de 3 diâmetros⁸⁷. Nas Figuras 3.48 e 3.49 é possível observar excertos do Tratado de Di Giorgio, os quais sugerem que Cremona, para estas duas construções, possa ter seguido as relações geométricas e proporções do corpo humano aí representadas, como é o exemplo das colunas/balaústre, bem como as relações do imoscapo com o edificado.

⁸⁷ As dimensões da vara e do palmo, muitas vezes, são referenciadas por alguns autores dentro de um intervalo de valores, por exemplo, no caso da vara entre 1,08 e 1,12 metros. Por outro lado, de acordo com os desenhos apresentados, verifica-se um ligeiro desfasamento na medida entre colunas, quando considerada a vara com o padrão de 1,10 metros. Adicionando a estes dois factos, e às possíveis imprecisões associadas a algumas medidas do levantamento métrico realizado *in loco* como consequência da complexidade dos elementos mensurados, pode-se concluir que a fundamentação apresentada permite validar os valores padrão apresentados no Tratado.



(a)



(b)



Figura 3.45. Alçado sul da Loggia – (a) proporção da altura da coluna e (b) proporção do espaçamento entre colunas (escala em palmos)

Escala 1/50

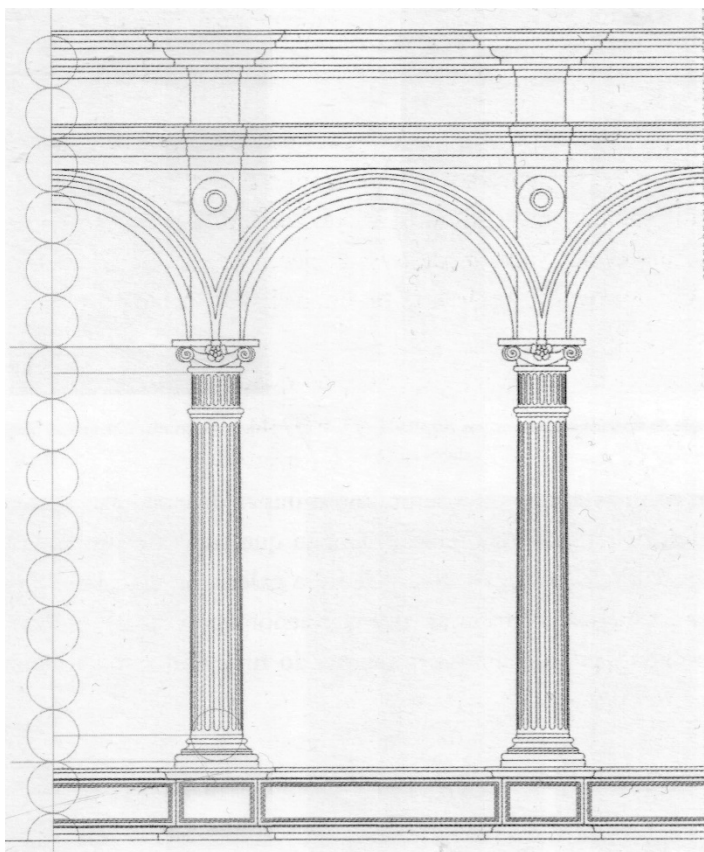


Figura 3.46. Alçado dos arcos da Sé de Viseu – proporção da altura das coluna - sem escala (MACHADO, LEITE e FINO, 2000, p.23)

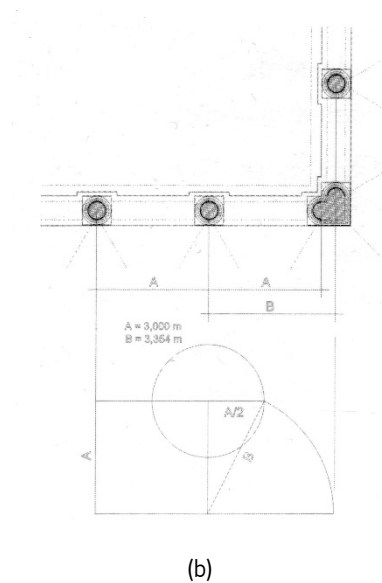
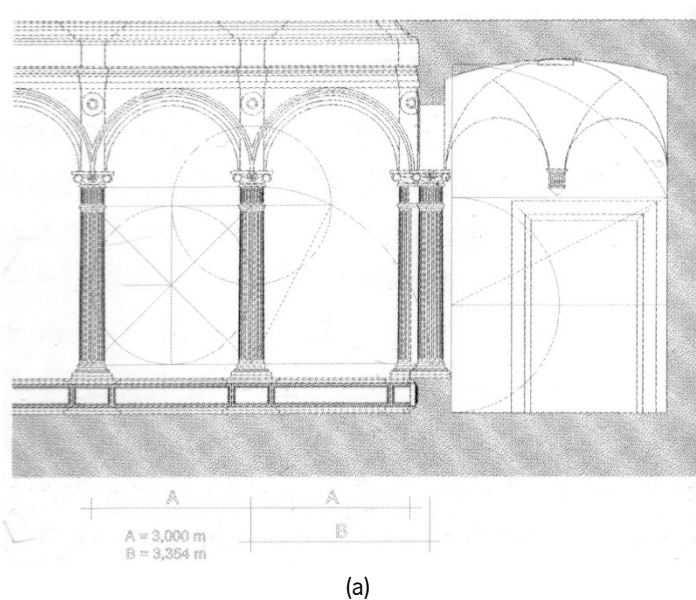
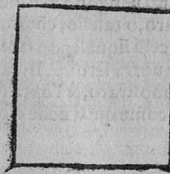


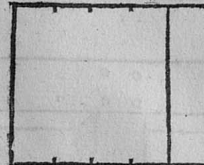
Figura 3.47. (a) Alçado dos arcos e corte pela galeria do claustro da Sé de Viseu e (b) Planta do claustro – pormenor do canto da arcada da Sé de Viseu – proporção do espaçamento entre colunas - sem escala (MACHADO, LEITE e FINO, 2000, p.22)

Figura 3.49. Desenhos e métricas de colunas, capitéis e frisos seguindo as medidas do corpo humano (MARTINI, 1841, TAV II)

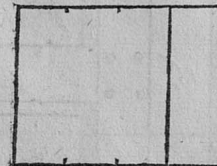
Questa primiera forma è d'un quadro perfetto di quattro lati eguali, & quattro angoli retti.



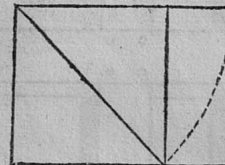
Questa seconda figura è una sesquiquarta, cioè un quadro, & un quarto.



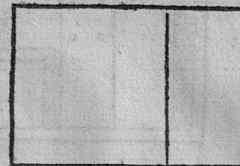
Questa terza figura è una sesquitercia, cioè un quadro, & un terzo.



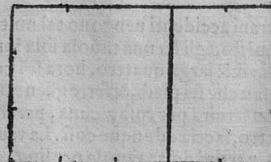
Questa quarta figura si dice proportione diagonea, laquale si fa così, Sia misurato il quadro perfetto da angolo ad angolo, & quella linea darà la longhezza di questa proportione, laquale è irrationabile, ne si troua proportione alcuna dal quadro perfetto a questo crescimento.



Questa quinta figura sarà sesquialtera, cioè d'un quadro e mezzo.



Questa sesta figura sarà di proportione superbipartiens tertias, cioè partito il quadro perfetto in tre parti eguali, & a quello aggiuntene dua.



Questa settima & ultima proportione sarà doppia, cioè di due quadri, & sopra questa forma nelle cose buone antiche non s'è trouata forma che esce da alla doppia, eccetto anditi loggie, qualche porte, & finestre lequali han passato di alquanto, ma di uestiboli, sale camere & altre cose habitabili non si com porta fra gl'intendenti, perche non è comoda.

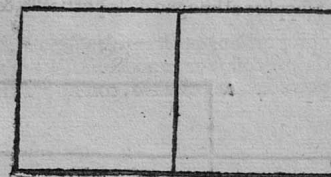


Figura 3.50. Desenhos e proporções do quadrado (SERLIO, 1545, Libro Primo, p.15)

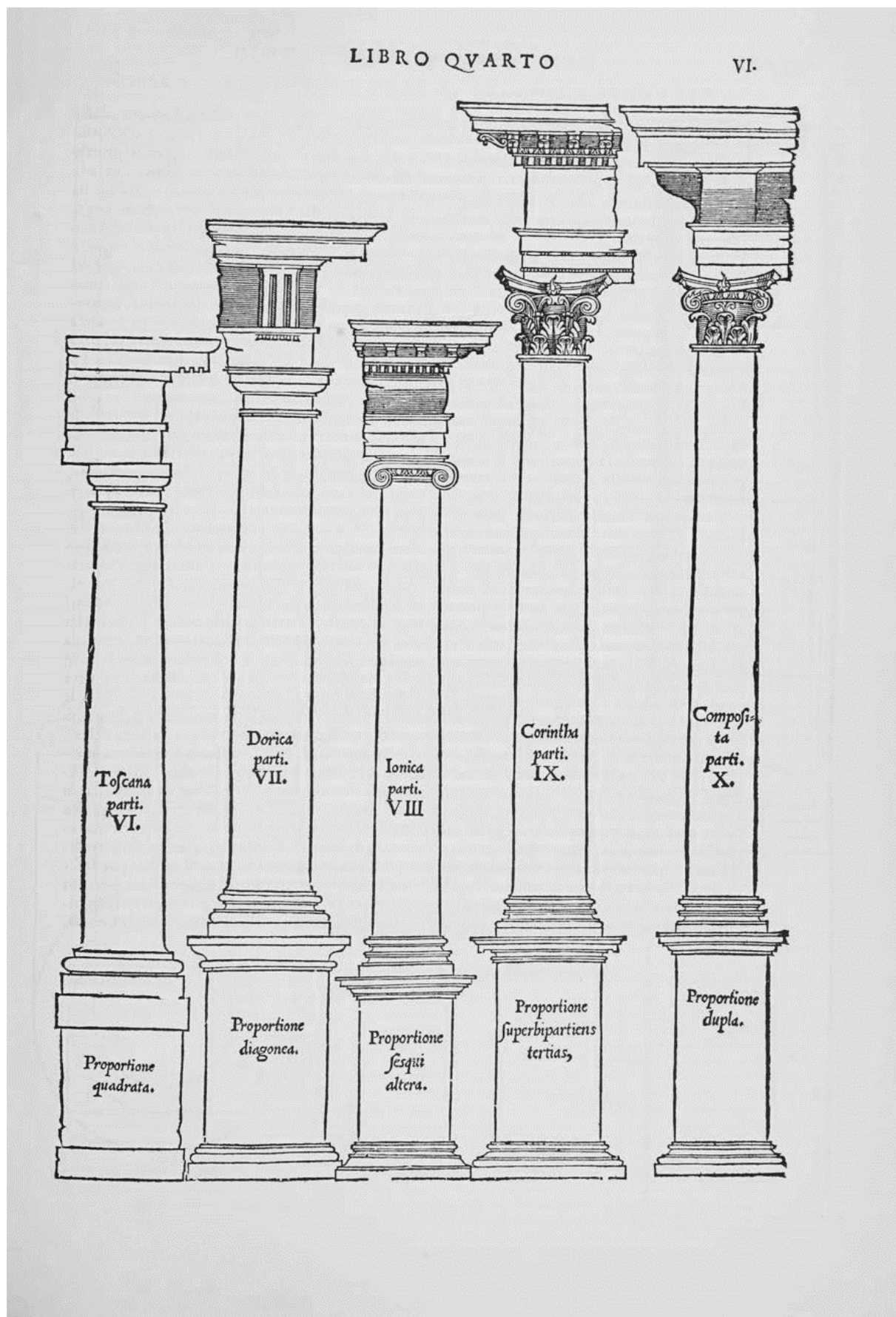
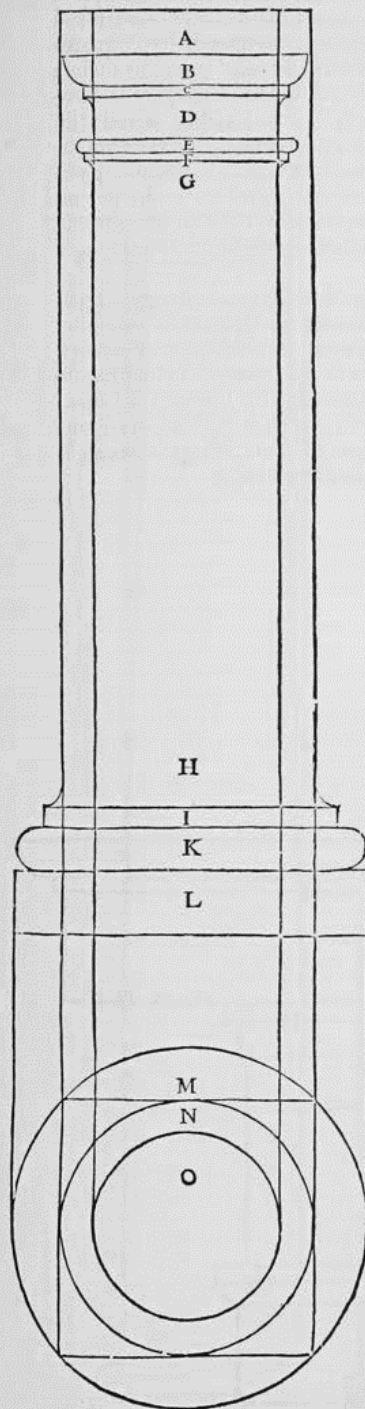


Figura 3.51. Desenhos e proporções das várias tipologias de colunas (SERLIO, 1545, Libro Quarto, VI)



- A. Plinto llamado abaco o tablero.
 B. Echino llamado buobolo.
 C. Anulo llamado fileton.
 D. Hypotrachelio llamado friso.
 E. Astragalo llamado bocel.
 F. Collerino llamado fileton.
 G. Sommo scapo que es el gruesso de la coluna por la parte de arriba.

- H. Immo scapo que es el gruesso de la colunna por la parte de abaxo.
 I. Listello o cinta llamado fileton.
 K. Toro o baston, llamado bozel o verdugo.
 L. Plintho o cogo, llamado quadrado de la bafa.

- M. Progettura, llamada la salida de la bafa.
 N. Immo scapo que es el gruesso de la colunna en la parte de abaxo.
 O. Sommo scapo, q̄ es el gruesso de la colunna en la parte de arriba.

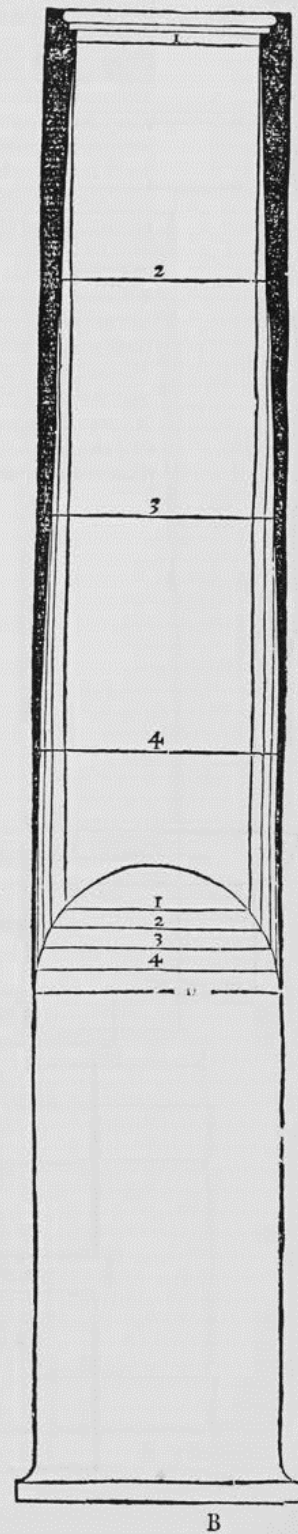


Figura 3.52. Desenhos e proporções do imoscapo relativamente aos restantes elementos da coluna (SERLIO, 1545, Libro Quarto, VII)

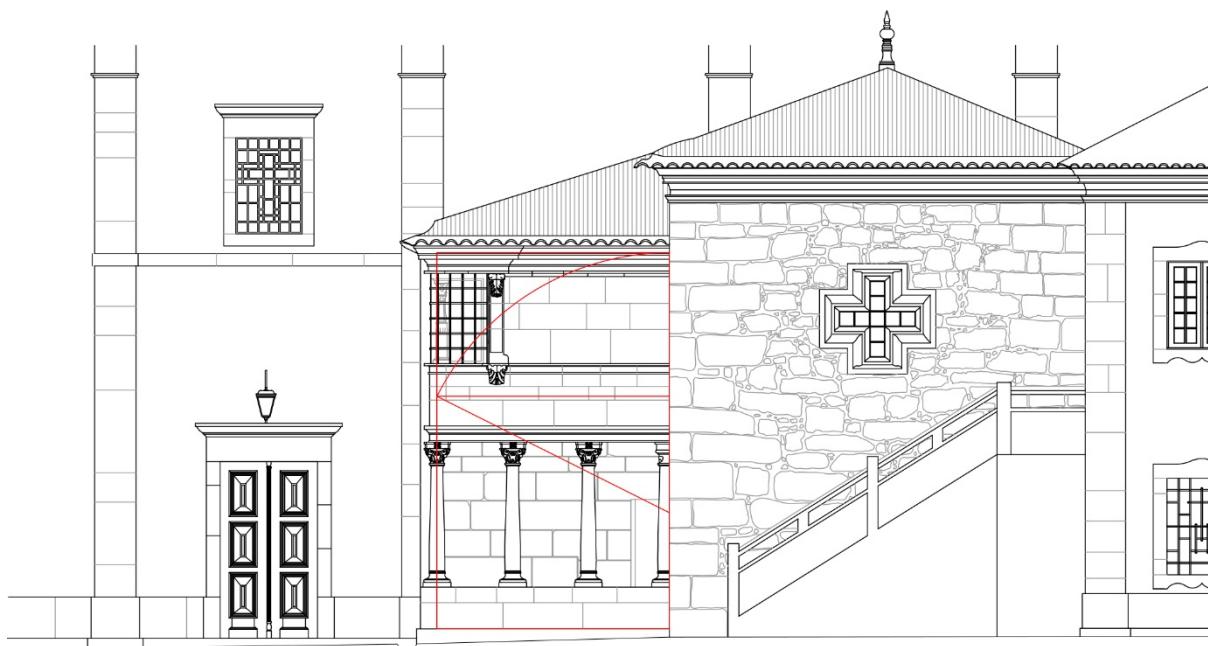
Para finalizar a análise geométrica da Loggia renascentista testou-se sobre os desenhos do levantamento a possibilidade de regulação do edifício segundo relações proporcionais, tais como: retângulo áureo e retângulos dinâmicos (como a raiz de 2). Relações que no Renascimento ganham particular importância, sendo um aspeto revelador do grau de erudição do desenhador. Aplicando o retângulo de ouro sobre os alçados da Loggia de Negrelos comprova-se que esta foi pensada e aplicada à regulação da delineação do alçado conforme os padrões renascentistas, ilustrado na Figura 3.53 (a).

Em ambos os alçados (sul e oeste) foram verificadas as proporções supramencionadas, no seu geral, nomeadamente em altura, desde a base do murete até ao topo da cornija, assim como foi também traçado o retângulo de ouro em elementos isolados, de menor dimensão, que fazem parte dos alçados, nomeadamente, a janela angular e o conjunto de colunas (Figura 3.53 (b)). De referir neste último caso, que este padrão é válido quando considerado a sua origem segundo a interseção do eixo longitudinal da coluna com a base desta.

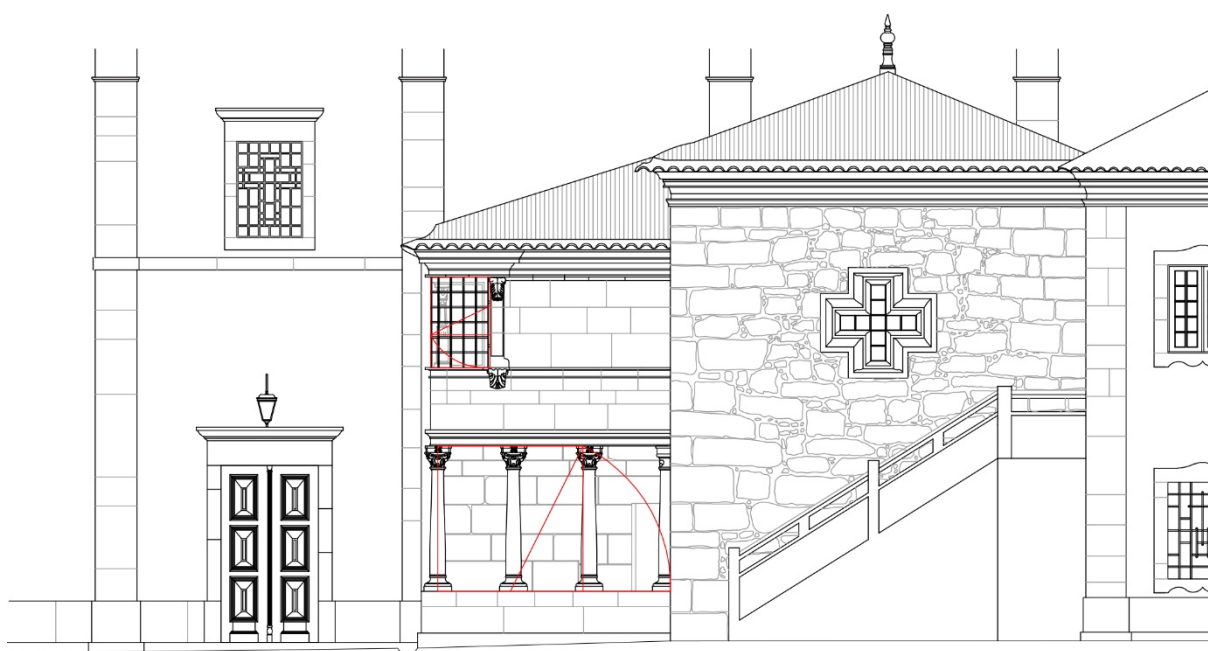
Após análise da repercussão das estruturas e matrizes incluídas nos Tratados é possível atestar que a Loggia de Negrelos, edificada numa pequena freguesia rural do distrito do Porto, foi concebida seguindo aqueles modelos. Esta análise reforça a teoria do mestre responsável por este projeto ter sido Francesco da Cremona, ou pelo menos, um desenhador erudito e capaz na regulação e composição do desenho, várias vezes reportado nas publicações dos autores Rafael Moreira (1995), Susana Matos Abreu (2010) e José Ferrão Afonso (2014, 2015 e 2017).

“Sabendo-se que o artista permanecerá no país após o regresso de D. Miguel da Silva a Roma, atribui-se-lhe ainda a loggia renascentista da Igreja de S. Tomé de Negrelos em Santo Tirso, realizada para o cardeal Alessandro Farnese.”⁸⁸

⁸⁸ ABREU, Susana Matos – A obra do arquiteto italiano Francesco da Cremona (c.1480-C.1550) em Portugal: novas pistas de investigação. In “A Encomenda. O Artista. A Obra”, 2010, p.558



(a)



(b)



Figura 3.53. (a) Retângulo de proporção áurea aplicado ao alçado sul e (b) aplicação do retângulo de ouro na composição dos eixos das colunas e da proporção da janela angular do piso superior

Escala 1/100



Figura 3.54. Vista geral do conjunto edificado

3.3. Reflexão sobre o caso de estudo

No decorrer desta investigação apresentaram-se os factos históricos e analisaram-se as construções, ajudando na compreensão da reflexão que será apresentada. Através do cruzamento das informações reunidas será possível realizar uma reconstituição e especular não só sobre a evolução histórica do conjunto arquitetónico, mas também no seu desenho materializado em formas, volumetrias e organização funcional dos vários elementos que o compõem e que são praticamente omissas, conforme referido.

Para o desenvolvimento deste subcapítulo, considerou-se realizar uma interpretação geral da evolução do conjunto, seguindo-se para uma reflexão sobre cada uma das partes individualizadas pelas várias fases edificatórias - Capela do Santíssimo Sacramento e Loggia renascentista, de modo que no final se possua um documento único que contribua para a valorização e compreensão do conjunto como um todo

A reflexão a ser apresentada a partir do levantamento e ortoalçados permitirá uma leitura tanto dos aspetos construtivos em geral, como de detalhes considerados relevantes, possibilitando assim enquadrar a tipologia e realizar comparações com casos semelhantes que possam comprovar ou refutar as propostas apresentadas. Considerando o estado atual do próprio edifício é ainda possível uma leitura da Arqueologia da Arquitetura de cada uma das partes, com base num estudo multidisciplinar.

O conjunto edificado existente na atualidade, sofreu profundas intervenções ao longo do tempo, provavelmente desde o século XI, data em que se regista o primeiro documento que refere a paróquia de Negrelos⁸⁹.

Das primeiras Igrejas paroquiais que poderão ter existido nesta pequena freguesia do concelho de Refojos de Riba D'Ave não existem registos nem descrições possíveis de enquadrar nos estilos arquitetónicos vigentes à data em Portugal.

⁸⁹ PINHEIRO, Luís Gonzaga (Pe.) – À Roda de Negrelos, 1957, p. 23

Com a informação recolhida, considerando a data dos primeiros registos, poder-se-á enquadrar a primeira Igreja paroquial no estilo românico rural, de pequenas dimensões, como referido no primeiro capítulo. Esta hipótese pode ser fundamentada com base na existência de outros exemplares, com características arquitetónicas semelhantes, em áreas próximas de S. Tomé de Negrelos - Mosteiro de S. Pedro de Roriz (Figura 3.56), fundado na segunda metade do século XI) e Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho (Figura 3.57), fundado, provavelmente em 1070. Existe ainda uma pequena construção, a Capela de Santa Maria de Negrelos (Figura 3.58), edificada no século XIII, também situada na freguesia de Roriz, que apresenta algumas semelhanças com o que poderia ter sido a igreja primitiva.

Entre o século XI e o século XVI (data de construção dos dois edifícios em análise), certamente, outras intervenções e ampliações foram realizadas, de acordo com o aumento da população e alterações do gosto vigente, mas das quais não existem registos, nem mesmo nas Inquirições mandadas realizar por D. Afonso III.

Da informação recolhida, constata-se que, entre os séculos XVI e XVIII, não existem registos escritos ou desenhados relativos às possíveis modificações que possam ter ocorrido. Após esse período, através de excertos soltos na escassa literatura recolhida⁹⁰, poder-se-á especular acerca da planimetria e volumetria da Igreja Paroquial edificada no século XVIII.

⁹⁰ Os dados obtidos foram um projeto de arruamento do início do século XX (década de 30), uma fotografia do jornal local “Ecos de Negrelos” de 1971 e um Inquérito de resposta ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1985), onde o Padre Luís Gonzaga Pinheiro descreve de forma um pouco detalhada a transição entre os últimos dois edifícios.

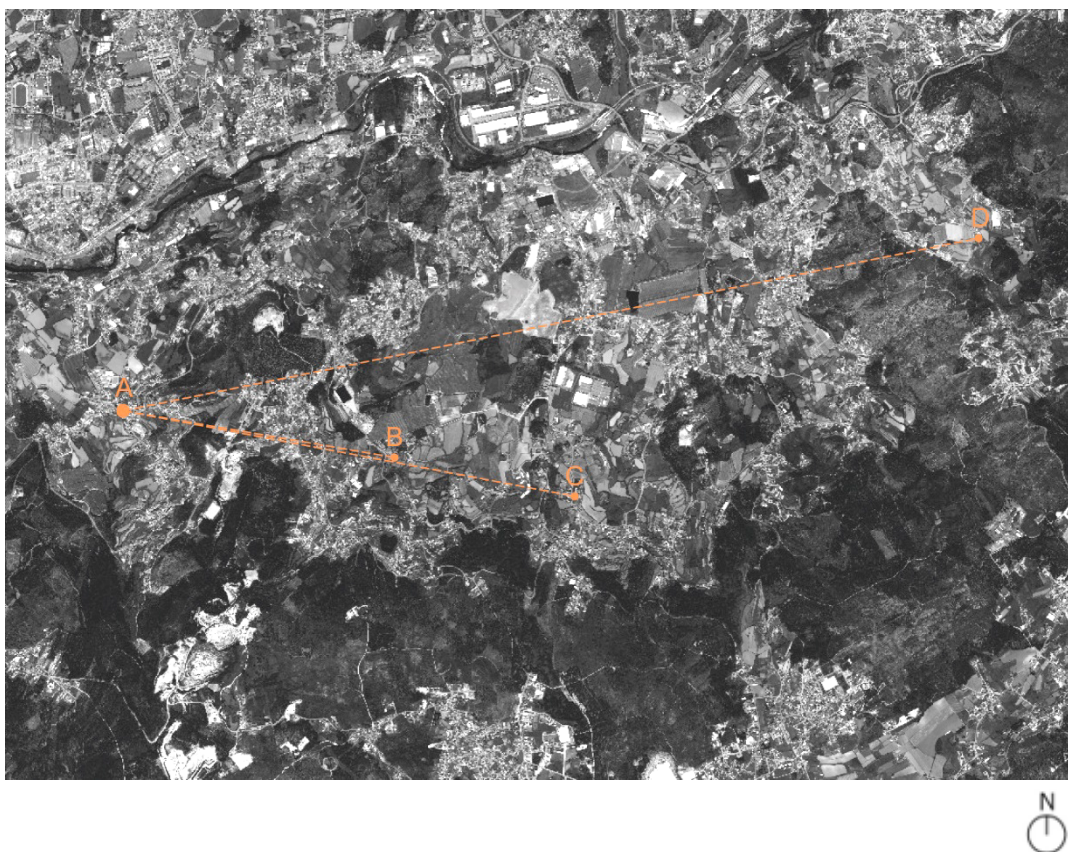


Figura 3.55. Ortofotomapa com as distâncias às principais construções românicas localizadas nas imediações da Igreja S. Tomé de Negrelos (A)
B – Mosteiro S. Pedro de Roriz (2km); C – Capela de Santa Maria de Negrelos (3,2km); D – Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho (6km)



Figura 3.56. (B) Mosteiro de S. Pedro de Roriz (mmap.cm-stirso.pt acedido a 3 de fevereiro de 2021)



Figura 3.57. (C) Capela de Santa Maria de Negrelos (www.allaboutportugal.pt acedido a 3 de fevereiro de 2021)



Figura 3.58. (D) Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho (www.cm-stirso.pt acedido a 3 de fevereiro de 2021)

Baseado nos documentos recolhidos, em particular através de informações apresentadas nas citações abaixo descritas, juntamente com uma fotografia de baixa qualidade (Figura 3.60) e com um projeto de arruamento do início do século XX (Figura 3.61) é possível apresentar uma proposta da planimetria da Igreja do século XVIII sobreposta à existente (Figura 3.62). Com esta e com as descrições referidas é possível também identificar, na planta do conjunto edificado, os elementos arquitetónicos pertencentes às diferentes épocas construtivas, desde o século XVI até ao século XX (Figura 3.63).

“A actual igreja paroquial foi construída há uns quarenta anos e implantada tal qual o edifício antecedente, somente ampliada. Porém, do lado norte, conservou-se o alinhamento antigo e não se mexeu na parede nem no alicerce comuns à capela lateral do SS.mo Sacramento e sua lógia (dos Ferreira d'Eça), hoje de interesse nacional. Desse lado, as paredes apenas subiram em altura e foram prolongadas para o nascente e para o poente. O aumento da nova igreja deu-se precisamente para nascente, no sentido da capela-mor, e para o poente, avançando a fachada principal. A largura, para norte, sofreu apenas dois metros de ampliação.”⁹¹

“Notemos, entretanto, que a Igreja demolida tinha a sua graça e equilíbrio de proporções, e tudo leva a crer que também fora construída no local de outra ou outras mais antigas (...). A torre, que vemos na presente fotografia, era muito mais nova que a igreja, mas acabou ao mesmo tempo, com noventa anos de serviço. Foi planeada em 1851, para substituir a estacada de madeira onde estavam os dois sinos. Previu-se que deveria ter 22 palmos desde a cornija da igreja até à da torre. (...) Primeiro foi projectada ao lado sul da fachada da igreja, mas veio a construir-se a norte, de harmonia com a vontade de D. Diogo⁹², ao tempo residente em Lisboa, para não encobrir as vistas «da sua primitiva capela do SS.mo». ⁹³

⁹¹ Resposta ao Inquérito do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. In PINHEIRO, Luís Gonzaga (Pe.) – S. Tomé de Negrelos – Para a sua Monografia, 1985

⁹² D. Diogo de Ega e Meneses (3º Conde de Lousã, irmão do 2º Conde de Cavaleiros, D. Gregório José António de Eça e Meneses, a quem sucedeu na Casa de Cavaleiros em Guimarães), administrador da Capela do Santíssimo Sacramento.

⁹³ PINHEIRO, Luís Gonzaga (Pe.) – Recordar é Viver de Novo... Conheces esta igreja?. In Ecos de Negrelos, nº30, 1971, p.1-2

Através da planimetria apresentada na Figura 3.62, e de acordo com as dimensões do retábulo-mor existente na atual igreja, confirma-se que este foi deslocado da capela-mor do século XVIII. Esta confirmação destaca-se quando se observa o remate lateral de alvenaria rebocada em torno do retábulo, comprovando assim a menor dimensão que a Igreja anterior e respetiva capela-mor possuíam.

A concretização do retábulo dá-se por volta do ano de 1730, sendo Pedro Salgado de Santa Maria de Landim, mestre entalhador, e inaugurado e benzido oficialmente em 1736, juntamente com a nova capela-mor, por arruinamento da anterior, apesar de nada se saber sobre o pedreiro executor desta.

Illustrissimo Senhor:

Diz o P.e Andre Dias Da Costa da Igreja de Sam Thome de Negrellos Deste Arcebispado que a capella major (...) da dita Igreja por estar ameassando Ruina se edificou Com mais grandeza e perfeição para o culto devino e porque esta Capella lageada revocada pincellada forrada com todo o mais Nessessr.^o

(...)⁹⁴



Figura 3.59. Retábulo-mor do século XVIII na Igreja atual
(www.monumentos.pt acedido a 10 de novembro de 2020)

⁹⁴ CORREIA, Francisco Carvalho – A Igreja Matriz de S. Tomé de Negrelos. In Ecos de Negrelos nº194 , julho de 1997, p.11



Figura 3.60. Fachada principal da Igreja setecentista com a torre sineira – fotografia tirada provavelmente no início do século XX (Jornal Ecos de Negrelos de outubro de 1971)

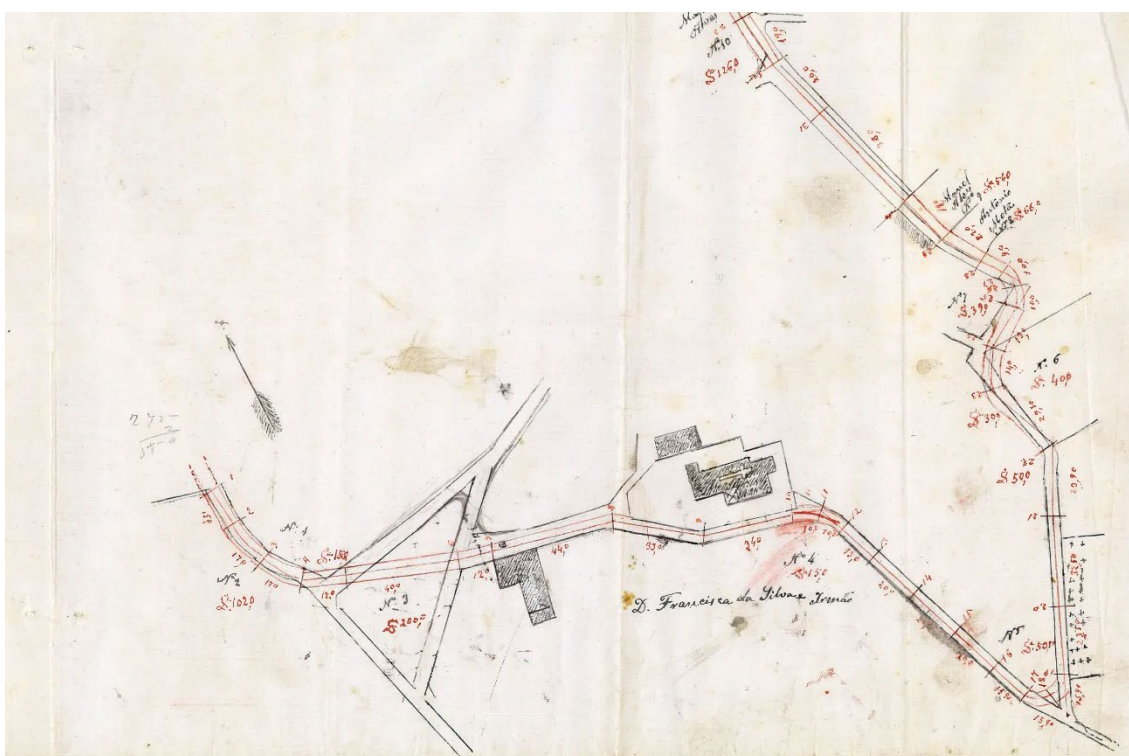





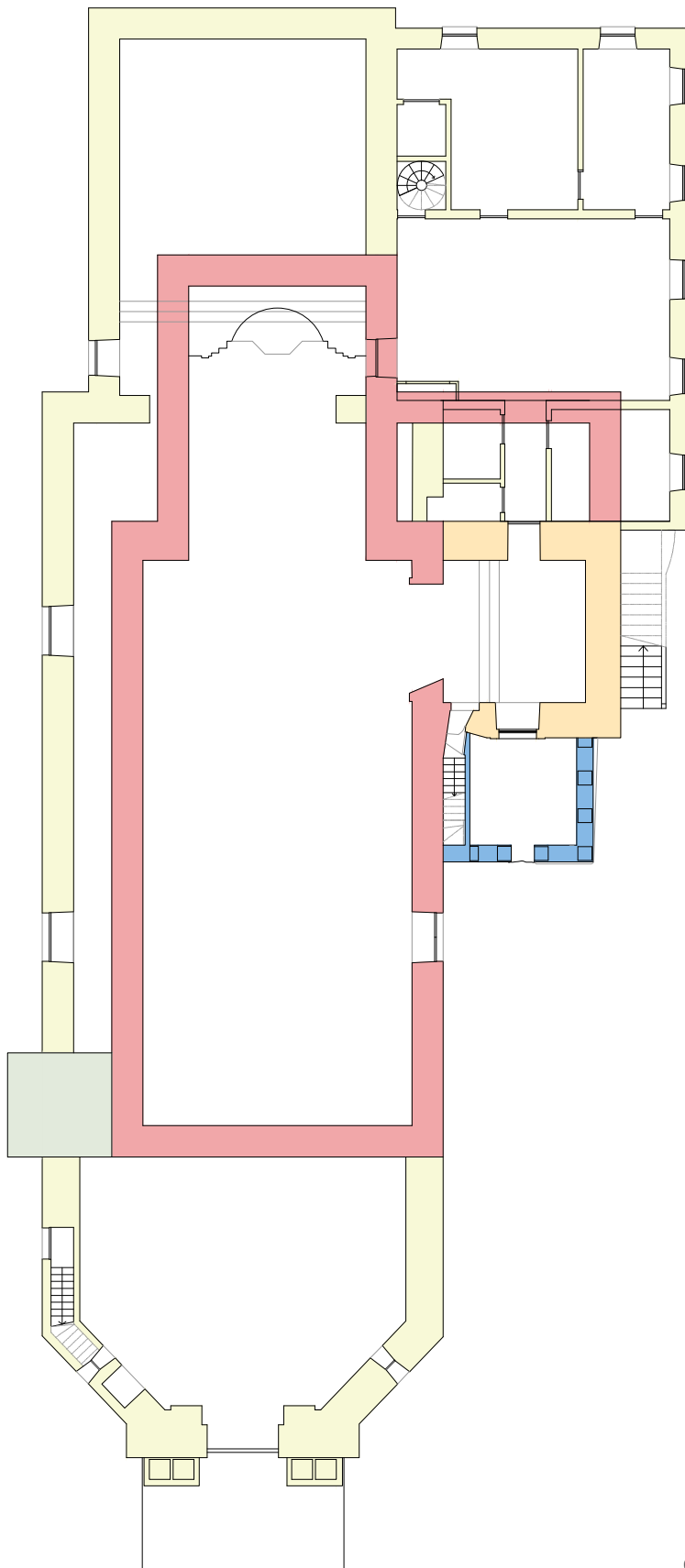


Figura 3.61. Planta parcial de projeto de arruamento de autoria do agrimensor José António de Carvalho, do início do século XX, por volta da década de 30 (cedido por Câmara Municipal de Santo Tirso, único documento existente desta Igreja após várias pesquisas nos diversos arquivos municipais)

Figura 3.62. Proposta evolutiva da construção do conjunto edificado desde o século XVIII até à atualidade

Escala 1/200

-  Capela tardo-gótica - década de 30 (séc. XVI)
-  Loggia renascentista - 1545
-  Antiga Igreja Paroquial - séc. XVIII
-  Torre sineira - 1851
-  Igreja Paroquial atual - 1943









0 1 6m

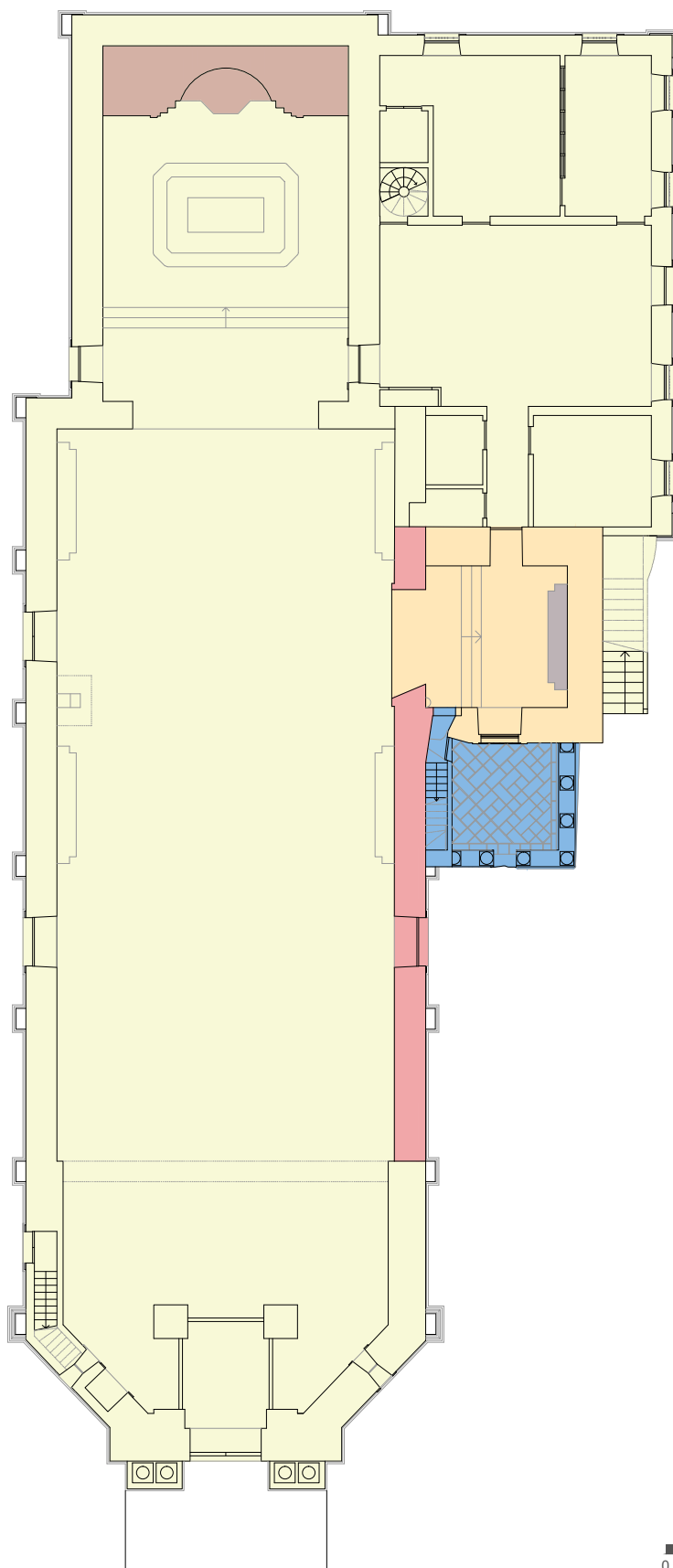
0 1 3 6 varas



Figura 3.63. Planta representativa dos elementos construtivos referentes às diferentes épocas e estilos arquitetónicos que permanecem ainda no conjunto edificado atual

Escala 1/200

-  Capela tardo-gótica - cerca de 1530
-  Loggia renascentista - 1545
-  Antiga Igreja paroquial - século XVIII
-  Retábulo-mor - 1731
-  Retábulo do Santíssimo Sacramento - 1750
-  Igreja paroquial atual - 1943



0 1 6m

0 1 3 6 varas



Analisada a Capela tardo-gótica, através de toda a documentação reunida, bem como através dos levantamentos métricos realizados, permanecem ainda algumas dúvidas sobre a origem da sua edificação.

Por diversas vezes, durante este trabalho, se descreveu a freguesia de S. Tomé de Negrelos como sendo de pequenas dimensões e de características rurais, distante dos grandes centros, e não pertencente ao Couto do Mosteiro de Santo Tirso, excetuando algumas propriedades. A existência de diversas casas sobradadas, descritas no subcapítulo 1.2, permite concluir que várias foram as famílias nobres que se instalaram na zona de Negrelos entre o século XV e o século XVI, sendo esse movimento denominado de “*corte na aldeia*”. Devido a este movimento, poder-se-á supor que uma destas famílias poderá ter mandado edificar uma capela privada, ou de peregrinação, conforme se verificou com o caso da edificação da Capela dos Coimbras, em Braga, em que D. João de Coimbra, terá mandado erigir, em 1525, uma capela privada adossada à Igreja de S. João do Souto.

Apesar da aparência exterior da Capela de Negrelos ser claramente distinta, de maior simplicidade e de muito menores dimensões, o que é compreensível, considerando o contexto onde se encontra implantada, existem algumas semelhanças a ter em conta – a forma como se encontram adossadas à Igreja principal, a existência de uma abóbada de combados castilhiana (Figuras 3.64 e 3.65) e de um pórtico antecedendo a entrada, que na Capela dos Coimbras trata-se de uma galilé (Figura 3.66), enquanto na Capela do Santíssimo Sacramento é uma construção edificada *à posteriori* – a Loggia renascentista (Figura 3.67).

No caso de Negrelos não existem documentos que atestem que a abóbada de combados é de autoria de João de Castilho, contudo são vários os exemplos de abóbadas no Norte de Portugal, que tal como esta incorporam novidades formais, como os nervos de combados e os terceletes, podendo-se agrupar estes exemplos dadas as semelhanças. A prática trazida por João de Castilho e outros mestres do ciclo de Burgos, rapidamente foram adotados por canteiros e pedreiros, daí não haver certezas absolutas acerca a autoria da abóbada negrelense, apenas que foi construída seguindo o estilo castilhiano.



Figura 3.64. Abóbada de combados da Capela dos Coimbras, Braga (Wikimedia Commons)



Figura 3.65. Abóbada de combados da Capela tardo-gótica de S. Tomé de Negrelos



Figura 3.66. Capela dos Coimbras com galilé, em Braga, vista do exterior (www.monumentos.pt)



Figura 3.67. Capela tardo-gótica e Loggia de S. Tomé de Negrelos vista do exterior

Relativamente ao alçado oeste, onde atualmente se encontra adossada a Loggia, persistem também algumas dúvidas. Na análise formal foi referida a existência de uma porta, no canto formado pela fachada oeste da Capela e da fachada sul da Igreja, com características de grande simplicidade e implementada de forma singular, transparecendo uma intervenção *à posteriori*.

A Loggia renascentista de S. Tomé de Negrelos, objeto de estudo central do trabalho, destaca vários pormenores, os quais levam a considerar possíveis intervenções a que esta foi sujeita, desde a sua edificação até à atualidade. Após análise, verificam-se algumas incongruências no seu traçado, o que sugere que após o século XVIII, esta tem vindo a sofrer sucessivas transformações. Exemplo disso é a construção de uma nova Igreja, durante esse período, sugerindo a necessidade de haver adaptações à construção pré-existente.

Esta hipótese é fundamentada com base no estudo e análise de vários elementos. O primeiro destes, refere-se à ligeira sobreposição da pilastra da Igreja atual sobre a fresta existente no alçado sul da Loggia (Figura 3.68).

O segundo, caracteriza-se pelo estrangulamento existente na passagem da capela tardo-gótica para o sobrado da Loggia, através de uma escadaria estreita e, particularmente disforme, contrariando a construção regular de todos os restantes elementos (Figura 3.69).

Por último, no piso superior constata-se a existência de uma reentrância com profundidade de cerca de 0,90 metros e 1,75 metros de largura, que sugere não ter sido projetada à altura da construção original. Tal suposição deve-se à existência de três vigas em granito, que diferem do original, servindo como suporte à cobertura e destacando-se do restante edificado (Figura 3.70).



Figura 3.68. Fresta na pilastra da Loggia



Figura 3.69. Acesso ao sobrado da Loggia



Figura 3.70. Reentrância no sobrado da Loggia

Na Figura 3.71 apresentam-se 3 propostas das possíveis configurações face a esta questão e que se propõe determinar como consequente às transformações ocorridas no século XVIII. É colocada uma primeira hipótese (Figura 3.51 (a)), onde é utilizada a mesma matriz do alçado sul, sem alterações, propondo o aumento do remate do edifício, ou seja, a pilastra passaria a medir precisamente 1 vara, tornando o espaço da escadaria de acesso ao sobrado mais amplo e digno. A segunda hipótese (Figura 3.71 (b)) segue o mesmo raciocínio de utilização da primeira, mas com um desenvolvimento mais ambicioso. Para além do alargamento da pilastra para 1 vara, propõe-se o alinhamento de todo o piso inferior da Loggia, ou seja, que antes da intervenção setecentista, este alçado apresentava a mesma métrica que o alçado sul, ou seja, 1 vara entre eixos de colunas, totalizando uma proporção final de 4x3 varas quando incluída a pilastra. Por fim, apresenta-se uma última hipótese (Figura 3.71 (c)) em que se propõe criar um eixo de simetria na entrada, que elimina quase por completo a pilastra existente, deixando margem para dúvidas onde se localizariam as escadas de acesso ao piso superior.

Analisando os desenhos realizados sobre o levantamento métrico e segundo as hipóteses colocadas, conclui-se que, provavelmente, a proposta mais viável, durante o século XVIII, seria a primeira hipótese apresentada, pois implicaria uma intervenção menos invasiva, de mais simples execução e adaptação.

No piso inferior da Loggia existe ainda um elemento digno de nota, já referido durante a análise da Capela do Santíssimo Sacramento de forma sumária, que é a porta de acesso ao interior da Capela e às escadas de acesso ao piso superior (Figura 3.72). A análise desta porta conduz à suspeição de esta ter sido uma intervenção realizada *à posteriori*. No Renascimento, os mestres seguiam normas e influências, muitas delas publicadas em Tratados, o que aparenta não ter acontecido neste ângulo. A forma quase oculta como esta se encontra inserida entre os dois alçados (oeste da Capela e sul da Igreja) não é uma composição típica da época renascentista, enquanto todo o restante edifício transparece essas características. Para além da sua localização, é de salientar, que as Loggias eram uma tipologia, normalmente, de contexto urbano e que possuíam elevada graciosidade. Sendo assim, seria de esperar encontrar um acesso imponente ao interior da Capela e piso superior, mas de proporções adequadas às dimensões da Loggia de Negrelos, e com a devida nobreza digna da tipologia e das pessoas que a frequentavam. A proposta apresentada na Figura 3.73 (a) e (b) apresenta o piso inferior da Loggia sem qualquer acesso ao interior, presumindo que este seria realizado pelo interior da Igreja ou ainda, com maior probabilidade, pela porta existente no alçado este da Capela tardo-gótica, especialmente se esta se tratasse de uma capela privada.

Ao analisar a cobertura da Loggia, verifica-se que esta não é composta por um telhado de quatro águas, como seria expectável neste tipo de construção, tanto devido à configuração quadrangular da sua planta, bem como a existência da cobertura com o formato tipo masseira da sala superior. Através do levantamento, concluiu-se que a cobertura da Loggia renascentista é constituída por um telhado de duas águas, em que o lado oeste surge como uma continuação do telhado da Capela, sendo a junção destes realizada de uma forma um pouco rudimentar. Devido a estas inconsistências existentes no telhado da Loggia não foi possível concluir como evoluiu a estrutura interna de suporte desta cobertura e como esta se encontra atualmente. É ainda de notar que, aproximadamente acima da zona de ligação, o telhado teve de ser reajustado de modo a contornar a pilastra construída da nova Igreja.

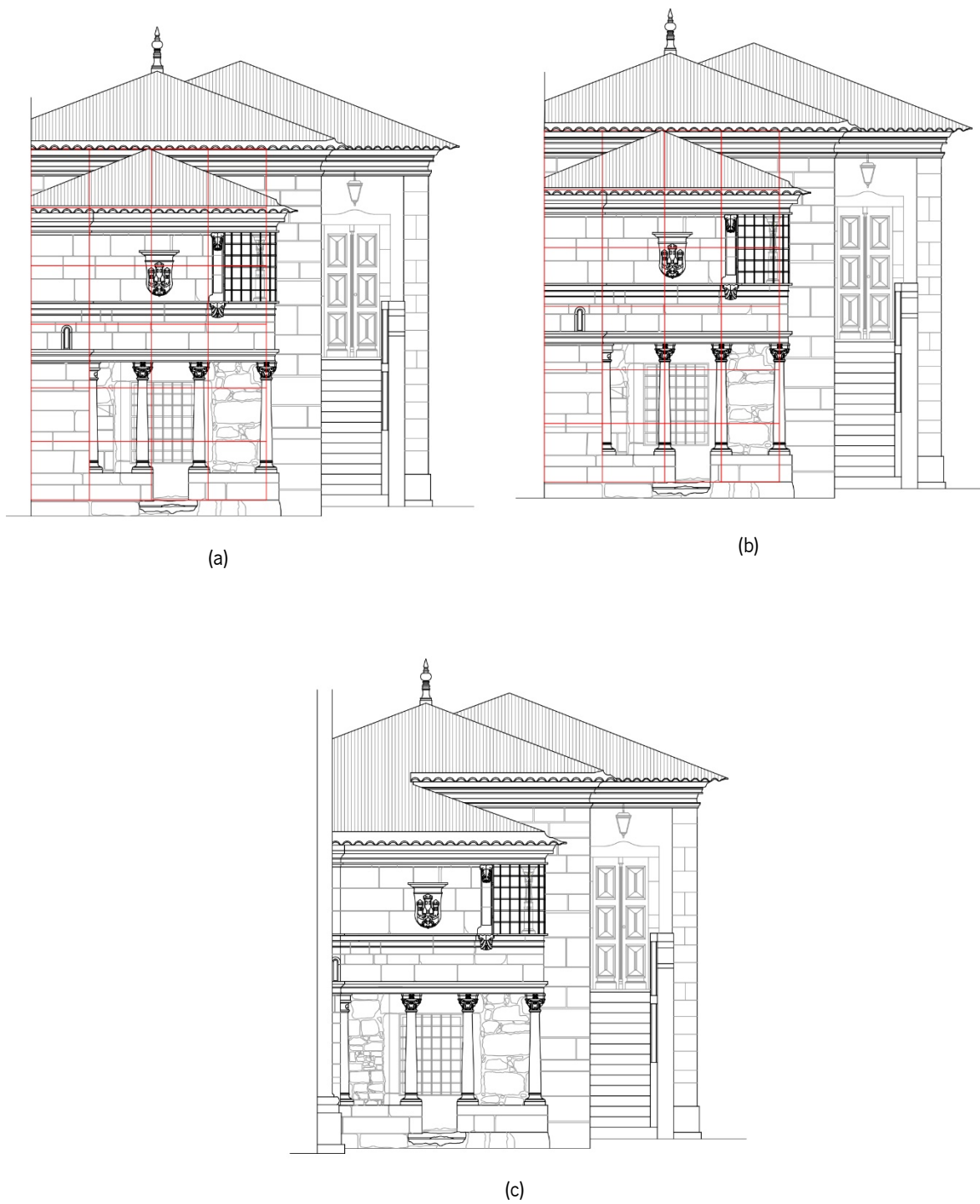


Figura 3.71. Alçado oeste da Loggia renascentista – (a) Proposta1, (b) Proposta (2) e (c) Proposta 3

Escala 1/100



Figura 3.72. Piso inferior da Loggia – porta de acesso à escadaria e Capela tardo-gótica

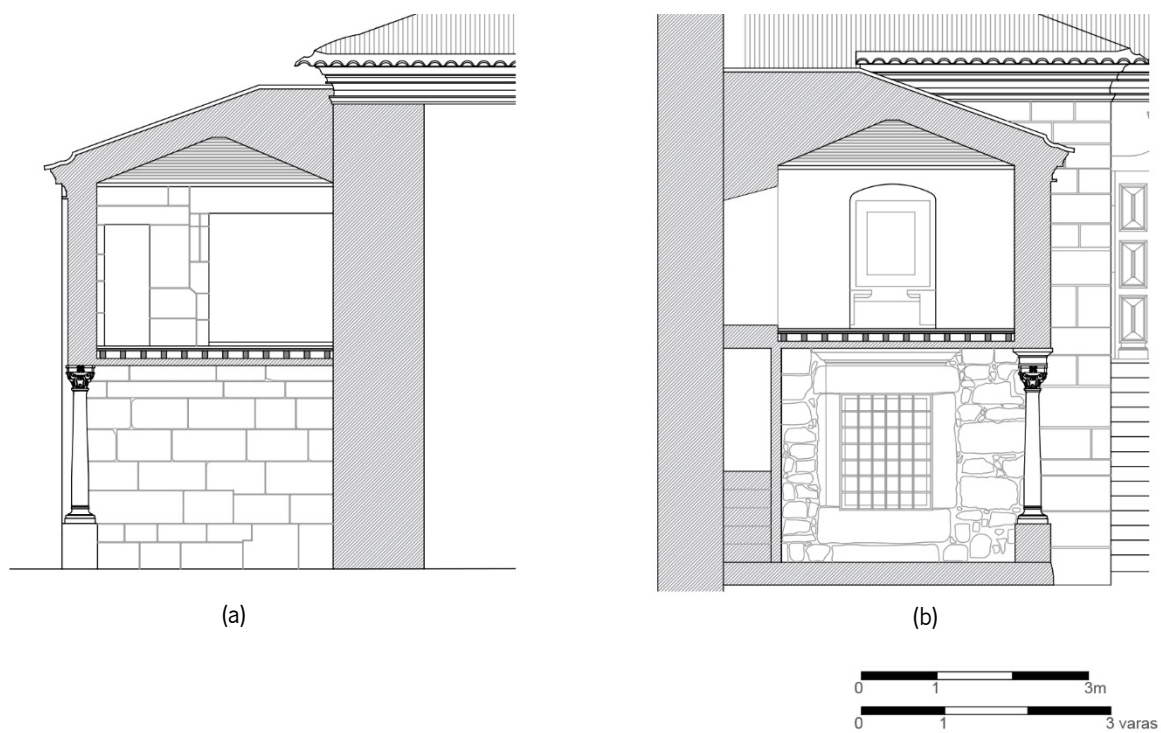


Figura 3.73. Proposta de alçados interiores do piso inferior da Loggia

Escala 1/100

Para concluir o estudo e análise da Loggia, falta referir o elemento que mais dúvidas suscitou ao longo de todo o processo – o Brasão no alçado principal (Figura 3.74).

Paralelamente ao estudo da Loggia, vários foram os historiadores e arquitetos que têm investigado sobre a origem do Brasão e consequentemente sobre a família a ele associada, pois este poderá revelar muitas das dúvidas que subsistem sobre este monumento, nomeadamente quem terá sido o seu mecenas e a justificação da construção desta tipologia naquele preciso local.

Uma das hipóteses colocadas, segundo o historiador José Afonso Ferrão: o brasão pertenceria à família galega dos Passos de Probem (“em cujas armas se destacam três torres”), da qual descende o Abade Gonçalo Mendes de Antas⁹⁵, ou este ser uma variação das Pedras d’Armas desta família, podendo ainda ser uma versão das armas assumidas pelo próprio abade com simbolismo religioso e espiritual.⁹⁶

Seria ainda possível que o Brasão pertencesse a uma família afidalgada que tivesse patrocinado a construção da Loggia, colocando-se a hipótese de estar relacionada com a família Jácome, visto estes serem bastantes próximos de D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, diocese à qual pertencia S. Tomé de Negrelos no século XVI. A segunda família poderia ser os Ferreira d’Eça que, pelas diversas publicações e documentos, sempre estiveram bastante próximos dos Abades de Negrelos e da Capela e Loggia, sendo que o posição de administrador da Capela sempre foi atribuído a um membro desta família desde a data de construção até ao século XIX. Após várias pesquisas sobre os brasões destas famílias, não há aproximações que possam fundamentar esta hipótese.

Considerando todas estas suposições, foi verificado um detalhe no brasão que poderá conduzir a novas pistas para que no futuro se consiga revelar novas pistas que permitam uma investigação mais aprofundada sobre esta Pedra d’Armas. No alçado oeste, observando atentamente, denota-se que a pedra onde foi esculpido o brasão possui características diferentes das que foram utilizadas na edificação da Loggia (Figura 3.75). Esta diferença pode dever-se ao facto de os pedreiros e canteiros utilizarem uma

⁹⁵ Segundo documentos consultados no Arquivo da Universidade de Coimbra por José Ferrão Afonso, o Gonçalo Mendes de Antas, já era abade de S. Tomé em 1548.

⁹⁶ AFONSO, José Ferrão – Uma arquitetura em diversas maneiras: Francisco de Cremona e o Renascimento do Entre-Douro-e-Cávado. In MACÁRIO, Rui - D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, 2015, p.85

pedra mais dúctil que as restantes para ser mais facilmente esculpida ou poderá esta ser uma pedra colocada posteriormente. No mesmo alçado, mas no interior do edifício verifica-se que todo o aparelho da parede é regular exceto na zona central, no preciso local onde se encontra o Brasão no exterior. Analisando a geometria da alvenaria, pode-se concluir que as pedras colocadas no aparelho da parede têm, aproximadamente, o formato e dimensão do Brasão, quebrando o ritmo de regularidade existente. Sendo assim, é possível concluir que, muito provavelmente, este Brasão terá sido colocado *à posteriori*, apesar de continuar a incerteza da sua origem e a razão pela qual se encontra destacado no alçado principal da Loggia de S. Tomé de Negrelos.



Figura 3.74. Pedras de armas existente na fachada da Loggia renascentista



Figura 3.75. Alçado interior do sobrado da Loggia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta investigação pretendeu-se, através das informações recolhidas, dar um contributo para a historiografia arquitetónica sobre um objeto de tipologia invulgar no panorama nacional - Loggia, principalmente em zonas rurais como seria a freguesia de S. Tomé de Negrelos em pleno século XVI. Durante este processo, com o recurso às diversas fontes documentais, levantamentos métricos e fotográficos construiu-se uma linha temporal do conjunto edificado, constituído pela Igreja paroquial, Capela tardo-gótica e Loggia renascentista, com o intuito de suportar a leitura da matéria construída, nas suas relações, desenvolvimento e opções de partidos formais. Porém, apesar deste estudo ser importante para a compreensão e respetivo desenvolvimento do trabalho, o contributo principal desta investigação recaiu na análise do modo de fazer moderno, expresso na Loggia de Negrelos, objeto central de estudo desta dissertação, cuja particularidade tipológica carece ainda de um estudo mais alargado e profundo no contexto nacional.

De forma a contextualizar historicamente o caso de estudo foi imprescindível percorrer as biografias de D. Miguel da Silva e o *muratore* Francesco da Cremona, ao qual tem vindo a ser atribuída a autoria da Loggia de S. Tomé de Negrelos. Estas duas figuras foram grandemente responsáveis pela introdução do Classicismo italiano em Portugal, em pleno apogeu do estilo manuelino, que adquiriram na cidade de Roma devido ao convívio com os mais ilustres mestres italianos como Bramante, Rafael, Giuliano da Sangallo e Fra Giocondo. Embora a autoria de obras como o Farol de S. Miguel-o-Anjo, a Igreja Matriz de S. João da Foz do Douro e o Paço Abacial tenha sido comprovada através de informação documental como resultado do traço do mestre cremonês, no caso do claustro da Sé de Viseu, dos Paços do Concelho de Vila do Conde e da Loggia de Negrelos, esta atribuição apenas poderá ser realizada por comparação da linguagem arquitetónica dos seus principais elementos. Assim, após a verificação destas comparações com os edifícios referidos, e apesar de não haver fonte documental escrita, este estudo, ao aprofundar conexões estilísticas, bem como a erudição do desenho, sugere que Francesco da Cremona possa ter sido o autor do desenho da Loggia renascentista de S. Tomé de Negrelos.

Para além do já referido, a implantação do caso de estudo na pequena freguesia rural de S. Tomé de Negrelos, pertencente ao concelho de Refojos de Riba D'Ave no século XVI, reflete uma das principais incertezas da escolha do local, devido à nobreza e graciosidade desta tipologia arquitetónica

tradicionalmente identificada em contextos de forte carácter urbano. Não obstante, através da investigação realizada comprovou-se a existência de várias casas senhoriais, de famílias deslocadas de grandes centros, o que permite especular que alguma destas famílias nobres tenha mandado erigir tanto a Capela tardo-gótica, como capela privada e de peregrinação e, talvez, posteriormente, a construção da Loggia, para abrigo e oração dos peregrinos que se deslocavam para contemplar o Santíssimo Sacramento – orago da Capela. Adicionalmente, a via romana secundária que ligaria Porto a Guimarães, passando pelo Couto de Soutelo e Honra de S. Tomé de Negrelos, e que permaneceu até à Idade Média, poderá ser um elemento-chave para desvendar a escolha do local de implantação. Embora, a pouca informação existente sobre os dados referidos possam indiciar o motivo da sua localização, prevalecem dúvidas sobre este facto.

Através da leitura do conjunto edificado atual foram avançadas três fases principais que se repercutem em três tipologias e estilos diferentes desde a Capela tardo-gótica (década de 30 séc. XVI), seguida da Loggia renascentista (cerca de 1545), e por último a atual Igreja (1943). Na primeira fase, a Capela tardo-gótica, apesar da sua simplicidade exterior e uso de alvenaria ordinária (somente emparelhada nos cunhais e vãos), onde se supõe o uso de reboco na sua construção original, e uma pequena fresta cruzetada, apresenta todo o seu esplendor no interior com a construção de uma imponente abóbada que, após diversas comparações, se presume datar da década de 30 do século XVI. Apesar de todas as características tipicamente castilhanas apresentadas e desenvolvidas, não foi possível concluir se o mestre João de Castilho terá sido autor desta obra em Negrelos, pois vários foram os mestres e construtores que seguiram as suas inovações formais e técnicas construtivas. Por último, os entalhes deixados no arco de transição entre a Igreja e a Capela, possibilitam a colocação da hipótese da existência de uma grade de separação entre ambas, reforçando a ideia desta ter funcionado como capela privada, apesar de, até à data, não ter havido campanhas arqueológicas que sustentem estas e outras especulações.

Apenas quinze anos após a construção da Capela surge a segunda fase com a construção da Loggia, trazendo consigo a modernidade e uma forma clássica de pensar a arquitetura completamente distinta da anterior. Esta é composta por um edifício de dois pisos, onde o primeiro se concluiu que, contrariamente ao que se pensava no início do trabalho, não tinha como função aceder à capela, mas servir como o local de oração para os peregrinos venerarem o orago, Santíssimo Sacramento, sendo que a entrada para a capela se situaria no alçado este. O primeiro piso, com acesso por uma escadaria pelo

interior da capela, serviria para a nobreza e o clero assistirem a celebrações religiosas através do balcão existente que se abre para a Capela tardo-gótica. Pela análise *in loco* da Loggia na atualidade verifica-se várias intervenções internas e externas, como por exemplo a morfologia da pedra, que permitem indagar possíveis adaptações à igreja erigida no século XVIII. Ademais, no alçado oeste da Loggia encontra-se plasmado um Brasão d'Armas que poderia ser um elemento-chave para dar a conhecer a origem do mecenas desta edificação. Porém, tal facto não é possível atestar devido à particularidade do conjunto dos elementos existentes no brasão, os quais não foram passíveis de encontrar quando comparados com outros brasões analisados, permitindo assim especular que este poderá ter sido especialmente concebido para este monumento, imputando um simbolismo religioso ou até mesmo por encomenda do próprio mecenas. Para além das dúvidas suscitadas acerca da sua origem, e embora diferentes documentos consultados apontem nesse sentido, não é certo que este tenha sido colocado durante a edificação da Loggia, uma vez que analisada a parede interna do alçado oeste encontra-se uma falta de harmonia localizada na zona de implantação do Brasão que contrasta com a regularidade do aparelho do restante alçado.

Por último, a terceira fase, composta pela Igreja Paroquial, pensa-se que foi, de todas, a mais intervencionada. Apesar de haver documentação sobre a Paróquia de Negrelos desde o século XI, as informações sobre estas construções religiosas são praticamente nulas, o que permitiu apenas a colocação de algumas hipóteses sobre a sua existência, localização no conjunto e volumetria. Só no século XX, na escassa informação encontrada, foi possível sugerir uma planimetria daquela que teria sido a Igreja edificada no século XVIII. Além disso, a parede longitudinal sul, que confronta com a Loggia e a Capela, é o único elemento construtivo que permanece coincidente com a parede da antiga igreja, o qual se integra na construção atual erguida em 1943.

Em síntese, e apesar das dúvidas e especulações anteriormente imputadas aos diferentes elementos, em termos geométricos, a Loggia corrobora a assimilação do modo de pensar, desenhar e construir o edificado com características eruditas renascentistas. Esta afirmação baseia-se na aplicação das teorias e convenções dos diferentes Tratados publicados por Francesco di Giorgio, Diego Sagredo, Sebastiano Serlio no levantamento métrico realizado da Loggia de S. Tomé de Negrelos. Exemplos destes estudos comparativos são a deteção na aplicação de uma forte regulação geométrica em que se identifica a aplicação de relações áureas e suas aproximações, como o retângulo de 5 por 3, bem como outras

relações geométricas como a quadratura do círculo, a métrica de varas e a proporção métrica do imoscapo aplicada à altura da coluna e intercolúnio.

Após exposição do conjunto edificado é possível afirmar que a investigação realizada ao longo deste trabalho apresenta-se como um início de documentação, inexistente deste edifício até à data, que contribui não só para dar resposta à falta de dados históricos e encetar outras pesquisas no edificado classificado e não classificado no concelho de Santo Tirso. Também, e sabendo-se que o edificado está em fase de aprovação para obras de manutenção e restauro, com a possibilidade de campanhas arqueológicas de acompanhamento, algumas das dúvidas que persistem neste documento poderão ser melhoradas ou mesmo esclarecidas.

Finalmente, e tendo em consideração a atividade profissional da autora, este trabalho poderá ser um ensaio de uma metodologia de investigação para a recolha, reconhecimento e registo do edificado patrimonial concelhio, como são exemplo a Serra Hidráulica de Pereiras, Casa da Quinta de Diniz de Baixo, Rego dos Frades, Capela de Santa Cruz, os quais apresentam escassez de informação tanto a nível gráfico como documental. A implementação de tal metodologia permite propor uma abordagem estruturada na identificação e valorização destes imóveis, informando ações futuras de intervenção segundo critérios mais acertados e compatíveis com o seu elevado valor patrimonial.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Susana Matos (2010) – *A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona (c.1480 – c.1550) em Portugal: novas pistas de investigação*. In A Encomenda. O Artista. A Obra., Porto: CEPESE, p. 557-583.

AFONSO, José Ferrão (2014) – *Algumas observações sobre Francesco Cremona, Francesco di Giorgio, os “estudos do antigo” e a arquitectura do Renascimento entre o Douro e o Cávado*. In Minia, nº13, IIIª Série, p. 219-248.

AFONSO, José Ferrão (2015) – *Uma arquitectura em diversas maneiras: Francisco de Cremona e o Renascimento do Entre-Douro-e-Cávado*. In D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo, ed. DGPC/Museu Nacional Grão Vasco/Projecto Património, Viseu, p. 66-99.

AFONSO, José Ferrão e **CADECO**, Guilhermina (2016-17) – *O Paço de Concelho e a Torre Sineira da Igreja Matriz de Vila do Conde no Século XVI: Algumas Questões*. In Estudos de Conservação e Restauro, Nº8, Porto, p.82-94.

AFONSO, José Ferrão (2017) - *Francisco de Cremona, um arquiteto italiano na Foz do Douro e em Viseu no terceiro quartel do século XVI*. In Revista de Estudos Italianos em Portugal, nº12, p. 131 – 149.

AFONSO, José Ferrão (2018) – *A Herança do Muratore*, Dafne Edifora, Porto.

BARROCA, Mário Jorge (1992) – *Medidas- Padrão Medievais Portuguesas*. In Revista da Faculdade de Letras, p. 53–85.

BARROCA, Mário Jorge (2001) - *As fortificações do litoral português*, Lisboa: Inapa, Coleção Portucale.

BUESCU, Ana Isabel (2015) – *D. Miguel da Silva – A obra do tempo*. In *D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo*, ed. DGPC/Museu Nacional Grão Vasco/Projecto Património, Viseu, p. 14-49.

BUESCU, Ana Isabel (2010) – *D. João III e D. Miguel da Silva, bispo de Viseu. Novas razões para um ódio velho*. In *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, nº10 , p. 130-166.

CASTILHO, Liliana Andrade de Matos e Castilho (2015) – *Obra edificada por influência e ação de D. Miguel da Silva em Viseu*. In *D. Miguel da Silva – A Obra ao Tempo*, ed. DGPC/Museu Nacional Grão Vasco/Projecto Património, Viseu, p. 100-113.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2009) – *A Arquitetura ao Romano*. In *Arte Portuguesa da Pré-História ao Século XX*, vol. I, Coimbra.

COELHO, Herminio C. Araújo (1998) – *Os Campos da Nossa Terra*. In *Ecos de Negrelos* nº209, p.12.

COSTA, António Carvalho da (1706) – *Corografia portugueza, e descripçam topográfica do famoso reino de Portugal*, 1ª Edição, Lisboa.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (1995) – *O Entalhador e Imaginário Pedro Salgado e o Retábulo-mor da Igreja de Negrelos*. In *Ecos de Negrelos*, p.13.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (1997) – *A Igreja Matriz de S. Tomé de Negrelos*. In *Ecos de Negrelos* nº194, p.11.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (1997) – *A Igreja Matriz de S. Tomé de Negrelos*. In *Ecos de Negrelos* nº195, p.11.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (1998) – *A Casa de Xisto, de S. Tomé de Negrelos – Elementos para a sua genealogia*. In *Ecos de Negrelos* nº204 e 205, p.13.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (1998) – *A Quinta do Paço de S. Tomé de Negrelos – Elementos para a sua genealogia (continuação)*. In Ecos de Negrelos nº209, p.9.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (1999) – *A Quinta do Paço de S. Tomé de Negrelos – Elementos para a sua genealogia – Apêndice documental (cont.)*. In Ecos de Negrelos nº211, p.11.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (2000) – *Párocos de S. Tomé de Negrelos*. In Ecos de Negrelos nº228, p.11.

CORREIA, Francisco Carvalho Correia (2009) – *O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*. 5 vols., Santo Tirso.

CUNHA, Rui Maneira (2014-2015) – *As medidas na Arquitectura – uma perspectiva arqueológica*. In Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Volumes 66-67, p.137-149.

D'AGOSTINHO, Mário Henrique Simão (2012) – *Modelos de Francesco di Giorgio, estudo de projeto e análise de edifícios renascentistas prescritos por Francesco di Giorgio em seu Tratado de Arquitectura*. São Paulo, Brasil.

GENIN, Soraya Mira Godinho Monteiro e **JONGE**, Krista De (2009) – *Concepção e construção de abóbadas nervuradas análise geométrica e formal*. In Actas del Sexto Congreso Nacional de Historia de la Construcción, Valencia, p.881-890.

HAUPT, Albrecht (1985) – *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*, Lisboa.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1875) – *Portugal Antigo e Moderno*, Volume Sexto e Volume Oitavo, p.29-30 e p.609-612, Lisboa.

MACHADO, Ana Soares, **LEITE**, Luís e **FINO**, Saúl (2000) – *O claustro renascentista da Sé de Viseu: proporção, linguagem, significado*. In Monumentos nº13. Lisboa: DGMN, p. 21-25

MARTINI, Francesco di Giorgio (1967) – *Trattati di architettura, ingegnerir e arte militare*. A cura di Corrado Maltese; transcrição de Livia Maltesi Degrassi, 2ts., Milano.

MARTINI, Francesco di Giorgio (1841) – *Trattati di architettura, ingegnerir e arte militare*. 1ts., Torino.

MOREIRA, Rafael (1988) – *D. Miguel da Silva e as origens da arquitectura do Renascimento em Portugal*. In O Mundo da Arte, 2ª Série, nº1, p. 5-23

MOREIRA, Rafael (1995) – *Arquitectura: Renascimento e Classicismo*. In PEREIRA, Paulo (dir.) - História da Arte Portuguesa, vol. II. Lisboa, p. 303-375.

MOREIRA, Rafael (2000) – *Uma corte beirã: D. Miguel da Silva e o Paço do Fontelo*. In Monumentos nº13. Lisboa: DGMN, p. 82-91.

MORGAN, Morris Hicky (1914) – *Vitruvius: the ten books on architecture*. Traduzido por Morris Hicky Morgan e Direção de Herbert Langford Warren. Cambridge: Harvard University Press, p. 72-73.

NÓBREGA, Vaz-Osório (1957) – *Pedras de Armas do Concelho de Santo Tirso (Heráldica de Família)*. Edição Câmara Municipal de Santo Tirso, Porto.

OLIVEIRA, Marta Maria Peters Arriscado de (2004) – *Arquitectura Portuguesa do tempo dos Descobrimentos – Assento de Prática e Conselho cerca de 1500*. Trabalho realizado no âmbito de Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

OLIVEIRA, Marta Maria Peters Arriscado de (2005) – *Porto, São Miguel o Anjo: uma torre, farol e capela memória para uma intervenção na obra*. Trabalho realizado no âmbito do Processo IPPAR N.º 123.

PEDRO, Ana Paula Giardini (2011) – *A ideia de ordem: symmetria e decor nos tratados de Filarete, Francesco di Giorgio e Cesare Cesariano*. Tese(Doutorado em Pós-graduação em Arquitectura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Brasil.

PIMENTA, Miguel Brandão (2008) – *A Quinta de Xisto de S. Tomé de Negrelos – Origens e Descendência de D. Luísa Brandão e de António Ferreira de Eça*, Editor Origens – Genealogia e História da Família, Porto.

PINHEIRO, Luís Gonzaga (1957) – *Á Roda de Negrelos*, Porto.

PINHEIRO, Luís Gonzaga (1985) – *Recordar é viver de novo... Conheces esta igreja?*. In *Ecos de Negrelos* n° 30, p. 1-2.

PINHEIRO, Luís Gonzaga (1985) – *S. Tomé de Negrelos – Para a sua Monografia*.

RUÃO, Carlos (2000) – *A Arquitectura da Sé Catedral de Viseu*. In *Monumentos* n°13. Lisboa: DGMN, p. 13-19.

SAGREDO, Diego (1526) – *Medidas del Romano*, Toledo.

SERLIO, Sebastiano (1560) – *Libro Primo D'Architettura di Sebastiano Serlio*, Veneza.

SERLIO, Sebastiano (1990) – *Tercero y Cuarto Libro de Arquitectura*, Editorial Alta Fulla, Barcelona.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1980) – *História de Portugal, Volume III: O século de Ouro (1450-1580)*, Lisboa.

SILVA, Ricardo Nunes da Silva (2009) – *Os abobadamentos pétreos na arquitectura tardo-medieval do Ciclo Bracarense – a influência do Norte de Espanha (Burgos)*. In *Convergências – Revista de Investigação e Ensino das Artes*. Escola Superior de Artes Aplicadas – Instituto Politécnico de Castelo Branco, n°1 .

SILVA, Ricardo Nunes da Silva (2010) – *A obra Tardo-Gótica do Mestre Mateus Fernandes nos Finais do Século XV e os primeiros anos do século XVI*. In *Convergências – Revista de Investigação e Ensino das Artes*. Escola Superior de Artes Aplicadas – Instituto Politécnico de Castelo Branco, n°6 .

SOUZA, Maria Luiza Zanatta de (2015) – *D. Miguel da Silva, bispo de Viseu e o seu destacado papel na eclosão de um novo repertório artístico e cultural renascentista em Portugal em meados do século XVI*. In *Revista Diálogos Mediterrânicos*. N°8, Curitiba, Paraná, Brasil, p.151-173

VIGNOLA, Jacomo Barozio (1787) – *Regras das cinco ordens de Architectura de Jacomo Barozio Vnhola*, Lisboa.

WITTKOWER, Rudolf (1998) – *Architectural Principles in the Age of Humanism*, Londres.

Documentos eletrónicos:

- www.patrimoniocultural.pt
- www.monumentos.pt
- www.biblioteca.fa.ulisboa.pt
- www.cm-stirso.pt
- www.gisaweb.cm-porto.pt
- www.tombo.pt
- www.fortalezas.org
- www.casadevilela.com
- www.portopatrimoniomundial.com
- www.mmap.cm-stirso.pt